Júlio Dantas

Eterno Feminino

LIVRARIA BERTRAND

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.D3
E8

22+00

Eterno Feminino

PRIMEIRA EDIÇÃO

JULIO DANTAS

SOCIO EFECTIVO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 26. 1929. SÃO PAULO

OBRAS DE JULIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição.
Ao ouvido de Mme. X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 3.ª edição
Mulheres (1916) — 6.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 4.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 3.ª edição.
Os galos de Apollo (1921) — 2.ª edição.
Arte de amar (1922) — 2.ª edição.
O heroismo, a elegancia, o amor (1923)
Eva (1925).
Cartas de Londres (1927) — 2.ª edição.
Diálogos (1928) — 2.ª edição.
Eterno Feminino (1929).

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 5.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 3.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 3.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueiroa (1902) — 5.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 4.ª edição.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) — 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 6.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 3.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 3.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 4.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) — 2.ª edição.
A Castro (1920) — 2.ª edição.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

ETERNO FEMININO

IMPRESSORA: SÃO PAULO EDITORA - LIMITADA - R. B. TOBIAS, 78

PQ 9261
.D3
E8

JULIO DANTAS

Socio efectivo da Academia das Sciencias de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

KH

Eterno Feminino.

PRIMEIRA EDIÇÃO

Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 26 - São Paulo

Reservados todos os direitos de reproducção: no Brasil e em Portugal, conforme preceituam as disposições dos respectivos *Codigos Civis*; no estrangeiro (paizes da União), em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal adheriu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil adheriu tambem pela lei n.º 4.541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15.530, de 21 de Junho do mesmo anno.

Tanagras Modernas

As Ideas de Miss Flora

NUMA das noites do Carnaval, em casa dum amigo commum, tive o prazer de conhecer Miss Flora Babb, uma encantadora americana que se encontra de passagem em Lisboa, e com quem falei tanto á vontade como se já nos conhecessemos ha muitos annos.

Miss Flora Babb não é loira, não tem os olhos azues, não possue a desenvoltura habitual das americanas de distinção, e, ao contrário do que sucede com a maioria das compatriotas do sr. Kellog, nem dansa bem, nem me parece muito habil em conjugar o verbo *to spoon*. E' uma excelente e vulgar rapariga, com os cabelos pretos e a pelle doirada das portuguezas, uns olhos castanhos fendidos em amendoa, que não são bonitos nem

feios, mas que sabem olhar com malicia e com finura, uma expressiva boca recortada a *baton*, que se poderia beijar sem nenhuma espécie de sacrificio, e — o que era nella particularmente interessante — uma elegancia juvenil, um corpo de linhas harmoniosas, um busto esbelto e bem lançado, umas pernas admiraveis que obteriam decerto o primeiro prémio se se apresentassem num d'esses concursos de pernas pintadas que se estão realisando por toda a parte, na Europa e na America. Pela maneira insistente por que fazia a ostentação d'este ultimo pormenor da sua anatomia, comprehendi que Miss Flora — — aliás pouco vaidosa — estava perfeitamente convencida de que as suas pernas podiam com vantagem mostrar-se; e isso não me pareceu de modo algum censuravel, porque as vicissitudes da moda tornaram a perna da mulher uma feição (chamemos-lhe assim) tão susceptivel de ser apreciada e discutida em público como um nariz ou uma orelha, sendo ainda para considerar — especialmente no que respeita ás americanas — a circunstancia de ter o romancista novayorkino, mr. Struthers Burt, no seu sensacional romance *The Interpreter's House*, declarado, com aplauso geral, que "a perna era a parte do corpo da mulher mais reveladora das suas qualidades de inteligencia e de espirito". Miss

Flora Babb, que decerto leu a novela de Struthers Burt, tão popular como a de Annita Loos, era a confirmação viva d'esse conceito tão imprevisto e tão original : á elegancia natural do seu jarrete fino, musculoso e nervoso de cavallo de corridas, obra sobretudo do *tennis*, que contribuiu para cinzelar essa delicada peça de escultura, correspondia um espirito scintillante, vivo, rápido, cheio de alegria, de sagacidade e de penetração.

Durante a nossa conversa, a espirituosa filha de *Oncle Sam* — que fumava mais do que eu — teve phrases incisivas e observações justas que m'a revelaram não apenas como uma mulher original, mas como uma mulher superior. Passei algumas horas agradaveis a ouvil-a, e quasi nos esquecemos ambos do horrivel *jazz-band* que tornava inhabitavel a sala de baile, e da epilepsia charlestoniana que agitava uma multidão de dominós de todas as côres. Depois de termos trocado impressões acêrca da inteligencia feminina e dos direitos que ella, de futuro, conferirá á mulher, Miss Flora Babb recostou-se voluptuosamente no seu largo *fauteuil* de tapeçaria, cruzou a perna com sugestiva graça, e disse-me, seguindo com o olhar o fumo azul do seu adbulla :

— Sabe qual é a qualidade que eu mais admiro no homem ?

— A inteligencia ?

— Não. A vontade. A inteligencia é vulgar. A vontade é rara.

— Não tanto como lhe parece.

— Rarissima. Tenho encontrado, durante o meu passeio pela Europa, poucos homens que saibam "querer". Vocês, latinos europeus, dão-me a impressão de que estão imperfeitamente acordados e de que a sua energia atravessa uma crise de somnolencia. As mulheres admiram no homem precisamente as qualidades que não possuem ; e a mais importante dessas qualidades, não é a inteligencia, é a vontade. Os homens de talento podem divertir-nos ; mas os homens de acção — esses, sim ! — deslumbram-nos e arrebatam-nos. Os senhores commettem sempre um erro de psychologia quando, para nos conquistar, se approximam de nós timidamente. Nós todas, mulheres — *yankees* ou não — temos um desprêso profundo pelos homens timidos e hesitantes, e amamos, acima de tudo, a audacia e a violencia. O homem moralmente forte que nos sabe dizer "eu quero", vence-nos e conquista-nos sempre. Vocês, europeus, cada vez conjugam com menos elegancia e com menos convicção o verbo "querer", e conservam-se, na politica como no amor, permanentemente neurasthenicos. A guerra esgotou-os. Diante duma mulher que desejam ou

dum problema que os preoccupa, caem em contemplação e em êxtase. E, entretanto, para resolver o problema basta querer resolvel-o, e para colher o pomo de ouro basta estender a mão. Nós outras, americanas, já não podemos supportar os homens amáveis, delicados e respeitosos, que ainda não se convenceram de que os frutos estão nas arvores para ser colhidos e não para se passar a vida a olhar para elles e a cumprimental-os. Não ha homem nenhum — oiça bem o que lhe digo — que não obtenha uma mulher, seja ella quem fôr, desde que a "queira" vehementemente. O triumpho, junto de nós, não pertence ao mais inteligente, nem ao mais moço, nem ao mais bello : pertence ao mais forte. Inteligencia, mocidade, belleza, temol-a nós de sobra ; o que nos falta é a energia de vontade, e nós só sentimos verdadeiramente a volupia de entregar-nos a quem possua qualidades differentes das nossas.

— Mas a sua theoria, Miss Flora, é a apologia da violencia e da má educação !

— A delicadeza, meu amigo, é uma qualidade essencialmente feminina. Não se tolera no homem, a não ser nos diplomatas, nos mestres de dansa e nos creados de quarto. E' uma virtude sem nobreza e sem virilidade. Se os nossos antepassados tivessem sido todos bem educados, posso afirmar-lhe que a

humanidade já não existia. A delicadeza de maneiras não passa de uma doença grave dos homens timoratos, que se cura com *douches* escossezas e com o *foot-ball*. Se você soubesse como eu vou da Europa farta de batatas cosidas e de boa educação!

— Mas Miss Flora confunde, talvez, a violencia com a energia e a grosseria com a força. Olhe que os homens verdadeiramente fortes são, em geral, delicados...

A encantadora rapariga ia responder-me, quando, a pouco e pouco, um grupo de mascarados attraído pelas maravilhosas pernas que ella mostrava até ao calção de sêda azul e que dariam uma impressionante aquarella a um pintor de elegancias modernas, se acercou de nós. De repente, uma nuvem de *confetti* envolveu Flora Babb, e a gentil americana, vermelha, suffocada, indignada, bracejando, sacudindo as rajadas scintilantes e multicores que caíam implacavelmente sobre ella, gritou, com toda a força dos seus pulmões:

— Malcreados!

Tinha destruído, numa só palavra, toda a sua fragil e paradoxal argumentação.

Madame Mephistopheles

ESSE baile — prodigio de ostentação, em que pareciam ter-se juntado todos os voluptuosos venenos, todas as deslumbrantes seduções, todas as vertiginosas loucuras que tornam a vida ao mesmo tempo maravilhosa e horrivel—foi, seguramente, a mais bella festa mundana a que assisti no estrangeiro. E foi tambem aquella em que a Mulher — o maior de todos os misterios que palpitam á superficie da terra — me apareceu sob um aspecto mais perturbador e mais funesto.

Quando eu me encontrava ainda no *hall* — um *hall* revestido de tapeçarias dos Gobelinos, cujas figuras solemnes e vagamente douradas reproduziam as batalhas de Alexandre — vi destacar-se, de entre um grupo de far-

das, de grã-cruzes e de casacas negras, uma mulher enorme, esculptural, magnifica, cuja estatura dominava a de todos os homens, e cujo vestido vermelho, como uma purpura de cardeal, atraía todas as atenções. Essa mulher — bela, como não me lembro de ter visto outra na minha vida — avançou, sósinha, numa expressão de orgulho dominador, relanceou o olhar em volta, e subiu, imponente, como o Inquisidor vermelho de Veroneso, os degraos de marmore que conduziam ao andar nobre. Não sei se notaram já o que ha de voluptuoso e de perturbador nos movimentos duma mulher bela que sobe uma escada. O corpo alonga-se ; o contorno harmonioso da anca e da perna adivinha-se, mais firme, no esforço muscular da subida ; dir-se-ia que é subindo, que a mulher, como todas as deusas pagãs, atinge o seu maximo de expressão olympica e de prestigio sensual. A maneira porque essa singular mulher de vermelho pisou os primeiros degraos — firme, magestosa, musical, a cabeça erguida, as espaduas nuas, as costas descobertas quasi até á cintura, uma capa vermelha dobrada no braço e arrastando as pontas pelas escadas de marmore — produziu, entre os homens, um murmurio de admiração. Ao murmurio seguiu-se o silencio, — silencio que durou até que aquela Venus vermelha, grandiosa como

um monumento, atingiu o alto da escadaria e se perdeu na vaga poeira luminosa dos salões. Eu olhava-a, tambem, quando um homem ruivo, palido, de oculos verdes, que ostentava, sob a casaca negra, a placa de prata da Legião de Honra, se aproximou de mim e me perguntou, numa voz levemente tremula :

— Conhece aquela mulher ?

Respondi-lhe que não. Era estrangeiro, entrava naquele palacio pela primeira vez, e quasi todas as pessoas que ali se encontravam eram para mim desconhecidas. O homem cumprimentou, num ligeiro movimento de cabeça, e, como dominado por uma atracção irresistivel, subiu a escada. A cada momento chegavam automoveis. Belas mulheres — cabeças louras em todos os tons, ouro veneziano, cobre ardente, labaredas fulvas, amarelo cendrado e quasi branco — entravam, arrastando capas opulentas como pontificaes, falando todas as linguas, deixando atraz de si um rasto de centelhas, de côres e de perfumes. Nenhuma delas podia comparar-se, em estatura, em majestade, em esculptural perfeição, em sugestiva beleza, á deusa vermelha que passara, e que se conservava ainda na minha retina, como uma pincelada de purpura. Entretive-me por instantes, emquanto fumava um cigarro, a olhar as tapeçarias do *hall* : inexplicavelmente, todas as figuras das ba-

talhas de Alexandre, que se moviam n'esses Gobelinos admiraveis, me pareceram vermelhas tambem, dum vermelho palpitante e vivo, como se estivessem tintas de sangue. Senti a necessidade de me aproximar daquela mulher que se convertera para mim numa obsessão visual. Apaguei o cigarro, subi as escadas, e entrei na luz ofuscante dos salões.

Dansava-se. Uma confusão luminosa de fardas, de casacas, de joias, de grã-cruzes, de hombros nus, de braços nus — toda a orchestração das carnações femininas, branco de cysne, moreno dourado, terra de Senna, polpa de rosa — ondulava melodiosamente, ao rithmo antigo d'uma valsa austriaca, no imenso salão de baile. Procurei a Vénus vermelha. Não a vi. Dei a volta pelas outras salas onde os homens discutiam, em grupos, e as mulheres conversavam e fumavam. De subito, numa galeria Imperio revestida de espelhos, uma gigantesca mancha purpurea apareceu-me, multiplicada nos cristaes refulgentes : era ela. Estava sentada num grande *fauteuil*, sósinha, a carnação do busto surgindo imperialmente do lirio vermelho do decote, a perna traçada, um cigarro acêso entre os dedos pesados de anéis. Devia ser uma mulher de trinta anos — a "edade esplendida" — cabelos dum negro brilhante como lascas de hulha, beleza estranha e enygmatica, olhos

pequenos de antílope pintados de azul, testa de deusa grega, labios expressivos, finos e cruéis, cujo recorte, acentuado pela pintura, fazia lembrar a boca dum Pierrot italiano. Os seus gestos eram lentos ; a sua expressão, fria e perversa ; a sua atitude, grandiosa. Homens e mulheres, quasi em silencio, olhavam-na ; outros, mais discretos, observavam a sua imagem reflectida nos espelhos. Eu olhava-a tambem, interessado, perscrutando o que haveria de belo ou de tenebroso na alma daquela mulher singular (se é que ela possuia uma alma) — quando um diplomata belga, meu amigo, me tocou levemente no hombro. As primeiras palavras que pronunciei, foram para lhe perguntar, com viva curiosidade, o mesmo que o homem dos oculos verdes me tinha perguntado a mim :

— Quem é aquela mulher ?

— Não sei, — respondeu o diplomata, cuja farda azul brilhava como o leque dum pavão.

E um homem gordo, de perfil semita e barba grisalha, que o acompanhava e que me foi apresentado — um judeu banqueiro de Varsovia — concluiu, encolhendo os hombros :

— Ninguem sabe quem ella é.

— Nem mesmo os donos da casa ? — insisti.

— Ninguem a conhece...

Olhei de novo a sumptuosa "Lady Cardeal" — como lhe chamava o meu amigo belga — que me pareceu, naquele momento, mais diabolica e mais perturbadora ainda. Senti que ela me atraía, como um abismo. Era o prestigio incomparavel da mulher que nós não conhecemos, que não sabemos quem é, nem donde vem, nem para onde vae, da Eva-esphynge, da Vénus-satânia que passa na vida como uma imagem do destino e da fatalidade, e para cujo misterio, para cujo enigma taciturno nós procuramos, a cada instante, uma explicação e uma interpretação. Notei que ela não sorria ; tive, mesmo, observando-a, a impressão de que aquela boca pintada e immovel nunca tinha sorrido. Nas suas feições duras, nítidas como o relêvo dum camafeu, havia, cada vez mais, a fria impassibilidade das estatuas. No momento em que eu lhe analisava as mãos — mãos fortes e brancas, ao mesmo tempo masculas e espirituaes, dramaticas e voluptuosas, em cujos dedos chispavam joias vermelhas — um ruido sêco, metalico, atraiu todas as attenções. Olhei : um dos espelhos da galeria estalára e fendera de alto a baixo. As senhoras levantaram-se. Os homens relancearam o olhar inquieto, ora para o espelho quebrado, ora para a mulher misteriosa cuja imagem vermelha se reflectia nele. Pela expressão das

physionomias, compreendi que, no espirito das pessoas que me rodeavam, uma inexplicavel relação de causalidade se estabelecera entre a presença daquela mulher e o desastre daquele espelho. Ela pareceu compreendel-o tambem ; ergueu-se, num rythmo lento de movimentos ; lançou sobre os hombros nus a sua capa vermelha, solemnemente, como se se envolvesse no proprio manto purpureo do Doge de Veneza, — e, desdenhosa, serena, magnifica, encaminhou-se para a porta.

Foi então que um acontecimento aparentemente simples, como todas as tragedias — sinto ainda, ao recordal-o, um arrepio de pavor — se produziu na sala. O homem ruivo, de oculos verdes, que ostentava no peito a placa da Legião de Honra e que me havia falado no *hall*, avançou para conduzir a desconhecida, cuja estatura vermelha e enorme se erguia, entre casacas negras, como uma labareda. No momento em que ia oferecer-lhe o braço, viu-se o homem empalidecer, vacilar, curvar a cabeça, dobrar os joelhos, e, como um corpo morto, cair pesadamente sobre o *parquet*. Estabeleceu-se a confusão. Ouviram-se gritos. Mulheres corriam apavoradas. Dahi a pouco, o homem — talvez já um cadaver — era conduzido em braços, as abas da casaca pendentes, uma espuma sanguinolenta a escorrer-lhe da bôca. Procurei, pelos

salões, a misteriosa mulher do manto escarlate. Tinha desaparecido.

— Já sei quem ela é ! — disse, de repente, o diplomata belga.

Parámos todos, interessados, para ouvir a sensacional revelação. O meu amigo pôz o monoculo, sorriu, e disse em voz baixa :

— E' o Diabo.

Nenhum de nós teve vontade de rir da *boutade* do moço diplomata. O que é afinal a mulher bela, voluptuosa e mysteriosa, que passa na vida, inconscientemente, perturbando, matando, destruindo, — senão uma esplendida incarnação do genio do mal ?

As Mulheres e o Theatro Grego

PASSEI as minhas ferias a reler — não sei já quantas vezes o faço! — todo o theatro grego. Foi um Natal pagão. Reli as trinta e cinco tragédias subsistentes ; reli as onze comedias de Aristophanes. Impregnei-me da alma hellenica ; senti o perfume dos vinhedos dourados de Dionysos ; deslumbrou-me o esplendor do sol da Hellade coruscando nos marmores brancos da Acrópole ; quando, depois de ler, fechava os olhos, não via senão a airosa theoria das figuras que passam, dansando, no bojo das velhas amphoras gregas. A releitura de Aristophanes — em cujas paginas, frementes de genio, encontro sempre coisas novas — trouxe-me uma serie de suggestões sobre psychologia politica e revelou-

me a imprevista analogia que existe entre a paz de Trygeu e a paz de Kellog. Na releitura de Eschylo, de Sophocles, de Euripedes, o que mais me interessou, desta vez, foi a riqueza dos aspectos femininos. As mulheres deviam ler os tragicos da velha Grecia. Nos versos d'esses monumentos da poesia antiga retinem, é certo, as cnémides de bronze dos combatentes ; mas é feminina a alma que delles por vezes se desprende, uma alma apaixonada e melodiosa, eloquente e vibratil. Houve tempo em que o sexo bello lia com phrenesi os classicos, e em que — sobretudo na Renascença — as sábias hellenistas, á frente das quaes se distinguia a doce figura florentina de Alessandra Scala, interprete em grego da *Electra*, de Sophocles, confraternisavam em gineceus que eram verdadeiros jardins de Academo. Nós tivemos em Portugal o cenaculo feminino da infanta D. Maria, com as Sigéas, a Públia Hortensia, e a tradição das mulheres olympicas, faiscantes de joias, que falavam em grego e interpretavam Platão no texto original. Ainda no seculo XVII, em França, as "preciosas" do Hotel Rambouillet — immortalisadas em caricatura na Philaminta, na Armanda e na Belisa de Moliére — viviam *pour l'amour du grec*. Mas a moda passou, os casos como o de Isabel Browning tornaram-se cada vez mais ra-

ros, e a cultura classica veio a converter-se em privilegio exclusivo do homem, que ultimamente, mercê do árido utilitarismo da hora actual, parece tel-a tambem abandonado. A Eva futurista dos cabellos *Eton crop* e das saias curtas, desintellectualisada e pintada, não quer já saber dos dialogos de Platão nem das tragedias de Sophocles. O erudito Salomão Reinach ainda escreveu para ella uma encantadora grammatica — conservo-a na minha colleção de grammaticas gregas — pequeno volume encadernado em *chagrin* e dourado á cabeça, que se intitula, graciosamente : *Eulalie ou le grec sans larmes*. Foi escripta para as mulheres ; mas vou jurar que pouquissimas a conhecem. Com effeito, para jogar bem o *tennis* ou dansar o *charleston*, é porventura indispensavel saber grego ?

Mas, mesmo sem saber a lingua dos deuses — a lingua sagrada que falaria a Aphrodite de Melos se um dia o seu marmore se animasse — as mulheres podiam ler o theatro da velha Grecia. Foi para isso que se inventaram — numa hora funesta para os autores — as traduções. Se se dedicassem a lel-as, encontrariam no seu texto materia de muito mais interesse do que nos romances maciços e cinzentos de Pierre Benoit ou nas anecdotas dialogadas de Sacha Guitry. A galeria de mulheres do theatro grego é sim-

plesmente admiravel. Relêr a poesia tragica do V seculo é assomar a um grandioso pórtico para ver desfilar, uma a uma, essas figuras que teem a magestade das estatuas e que um sôpro de genio acordou para a vida. Vias passar a todas, na sua tunica branca, no seu péplos branco, sobre os seus cothurnos altos de madeira dourada, dolorosas, palpitantes, propheticas. Primeiro, as mulheres de Eschylo : Clytemnestra, a avó literaria de lady Macbeth e da rainha do *Hamlet*, com as mãos criminosas tintas no sangue do marido, e morta, ella propria, ás mãos do filho ; Electra, máscula, vingativa, fria, obstinada, caminhando, entre as coéphoras, para o tumulo paterno ; a hysterica Cassandra, que cae, apunhalada e envolta na purpura real de Agamemnon ; a doce Io, a virgem-bezerra, errante de amor, condemnada a fugir eternamente, através do mundo, á paixão de um deus. Depois, as figuras femininas de Sophocles, mais humanas : Antigona, cheia de dignidade e de belleza moral, a primeira grande alma de mulher que surge no theatro grego ; Isménia, timida, passiva, vulgar ; Tecmesse, a amante de Ajax, imagem viva da submissão e da ternura, a quem o seu brutal senhor diz que "o silencio é a mais bella joia da mulher" ; Jocasta, incestuosa por fatalidade, esposa apaixonada do proprio

filho ; Dejanira, ciumenta de Hércules, que mata por amor, e que se suicida, como Jocasta, como quasi todas as heroinas da tragedia grega, incapazes de resistir ás grandes dôres moraes. Em seguida, as figuras de Euripides, frementes de paixão, de eloquencia, de vida : Phedra, a grande amorosa do theatro de Athenas, a mulher fatal da tragedia grega do V seculo ; Iphigenia, cordeiro branco de sacrificio, que morre para que os deuses permittam que a armada navegue, e que, antes de morrer, se despede do sol, das flores, do seu proprio sorriso, da sua propria virgindade ; o amor materno de Hécuba e de Andrómaca, amor de lobas, todo elle instincto e ferocidade ; o amor conjugal de Alkestis ; o ciume delirante de Medéa, que estrangula os filhos no berço, só para fazer soffrer o homem que a abandonou ; toda a estatuaria grandiosa das mulheres da velha tragedia, marmores hieraticos animados pela dôr, pelo amor, pelo odio, pela vingança, por todas as tempestades da paixão humana.

Mas, se as figuras femininas da tragedia grega são interessantes, não o são menos as da comédia. As mulheres de Aristophanes apparecem-nos como pequenas tanagras, ora risonhas, voluptuosas, vaidosas, futeis, como Lysistrata, Myrrhina, Lampito, Calónice, que decretam, até que a guerra do Peloponeso acabe,

o *boycottage* do homem e a greve geral do amor; ora sentenciosas e raciocinadoras como Praxágora, antepassada das suffragistas modernas, *leader* do feminismo atheniense de quatrocentos annos antes de Christo, que proclama a republica das mulheres, invade a Acropole, se apossa do poder, dicta as leis, propondo-se demonstrar que o homem é o peor dos administradores do Estado e que as mulheres precisam de governar para que se salve o mundo. Todas estas figuras, creadas ha vinte e cinco seculos pela mais scintillante fantasia que o mundo conheceu, têm, neste momento, uma actualidade flagrante. Passados dois mil e quinhentos annos, Praxágora deixou de ser a *blague* dum poeta de genio, para se converter numa realidade que nos preoccupa. Já hoje as mulheres, como outrora Praxágora, fazem as leis; *lady* Astor, *mrs.* Philipson, *miss* Margaret Bonfield, a duqueza de Athol, são deputadas no mais grave Parlamento do mundo; uma mulher, *frau* Olga Rudel Zeynek, assumiu a presidencia do senado austriaco; Nina Bang foi ministra da Instrução Publica na Dinamarca; *miss* Margaret Beavan acaba de ser eleita *lord-maire* de Liverpool; *miss* Anna Morgan e *mrs.* Mac Cormick apresentaram-se como candidatas á presidencia da Republica dos Estados Unidos da America do Norte; na

Allemanha, na Turquia, na Russia, no Canadá, na Finlandia, as mulheres exercem ou exerceram o poder; — e não apenas na acquisição e no uso dos direitos politicos, mas até nas liberdades da moda, no culto da nudez, na ostentação por vezes excessiva das formas harmoniosas do seu corpo, a Eva contemporanea dir-se-ia a revivescencia das mulheres que Aristophanes nos mostra no seu theatro, pequenas tanagras de braços nus, de pernas nuas, de bocas pintadas, que, envoltas nas suas ligeiras cimbéricas amarellas e transparentes, dictavam as leis na A'gora e governavam Athenas.

Por isso eu desejo que a mulher leia o theatro grego. Por isso eu me permitto, minhas senhoras, apresentar e recommendar Aristophanes á sua leitura. E' o homem de hoje, e será com certeza, o homem de ámanhã. Elle realisa, na sua mais perfeita expressão, o ideal do poeta futurista. Estamos vivendo agora, sem dar por isso, os episodios que elle, ha vinte e cinco séculos, nos contou nas suas comedias. E estamos a vivel-os nos minimos pormenores. Lembram-se de quando as suffragistas italianas, sob a presidencia da marqueza de Pellicano, pensaram, durante a Grande-guerra, em proclamar a greve geral do amor? E', tal qual, a *Lysistrata*, de Aristophanes. Leram a noticia de que uma joven ameri-

cana, miss Woodward, fundou em Los Angeles uma escola de assobios, onde se aprende a imitar o trino e o gorgeio das aves ? E', sem tirar nem pôr, a dourada fantasia dos *Passaros*...

A Grande Velocidade

A ociosidade da vida das thermas elegantes dispõe á observação. Aquelles que não sentem tendencias para conviver, isolam-se e observam. Espectador duma verdadeira fita de cinema desenrolada, não na tela, mas na vida — e, por vezes, ao rithmo infernal batido pelo *jazz-drummer* — tenho-me entretido nos ultimos dias, á sombra destas velhas arvores patriarcaes, a observar as figuras que passam diante de mim e a gente distraída e ociosa que vive á minha volta.

Nas alamedas do parque — alamedas vagamente doiradas de tapeçaria — costuma vir passear depois do almoço, á hora do sol, quando quasi toda a gente descança, uma bella mulher de trinta annos, com um corpo fir-

me de estatua, uns cabelos louros em labareda, e um tão orgulhoso ar de pavôa real, que nos dá constantemente a impressão de que passeia debaixo de pallio. Chama-se Tresnéa — nome romeno —; é casada, mas o marido não a acompanha. A's vezes, traz um livro e senta-se num dos bancos verdes, fingindo que lê. Outras vezes, entretem-se a brincar e a rir, no meio das creanças. Mas, de ordinario, não lê nem brinca, porque a perseguem trez homens — sempre os mesmos — acquistas elegantes e ociosos que em geral a esperam juntos, que costumam tomar o café com ella no terraço, e que, aspirando manifestamente, qualquer delles, ás attenções especiaes de Mme. Tresnéa, nenhum entretanto se mostra contrafeito ou incommodado pela presença dos outros dois. O mais novo, Joe, trinta annos, trigueiro, magro, anda em camisa de sêda e sapatos de *tennis*, fala pouco, tem um ar distraído, e parece confiar demasiado na sua mocidade; o mais velho, dr. Barradas, cincoenta annos distintos mas usados, é calvo, cortez, circunspecto, pés enormes, e traz pelo campo as mesmas polainas brancas com que passearia em *Saint-Jame's street*; o do meio — o sr. Robertson — sem edade difinida, baixo, mulato, feio, de monoculo, gesticula muito, fala pelos cotovelos com um sotaque inglezado, e, dos trez, é sem du-

vida aquelle que menos atrae os sorrisos de Mme. Tresnéa. Passeiam, conversam, fumam, e, á hora de principiar o concerto, são os primeiros a entrar no salão de musica, não para ouvir mais uma vez os *Jeux* de Débussy, e o *Rag-time* de Stravinsky, pratos obrigados de todos os programmas, mas para perturbar quem ouve com as suas gargalhadas e a sua conversa em voz alta. No salão, como no parque, o *flirt* continua. Os trez homens, mantendo entre si a melhor das harmonias, disputam as graças daquella mulher provocante, que ri demais porque sabe que tem os dentes bonitos, e que, enterrada num profundo Maple, mostra até ao calção umas pernas *new-style*, longas e nervosas como as de uma boneca de figurino inglez. Observador discreto, eu acompanho-os de longe, sigo com o olhar aquelle *match*, e pergunto a mim mesmo, emquanto sobe no ar o fumo azul do meu cigarro :

— Qual dos trez vencerá ?

Alguns velhos philosophos e alguns psychologos modernos têm procurado conhecer as razões porque as mulheres amam e deixam de amar. Desde Agostinho Nifo, amigo do papa Leão X, que conseguiu catalogar quinze motivos de amor, até Melle. Jeanne Marni, que, num livro mal feito, nos diz *comment elles se donnent ;* desde o galante Mario Ecqui-

cola, philosopho italiano da Renascença, autor de *Della Natura d'amore*, até Bourget, chronista-psychologo das sentimentaes do seculo XIX, o estudo das determinantes que podem levar uma mulher a entregar-se a um homem — affinidades electivas, preferencias sensuaes, ambições, caprichos, vaidades, despeitos, impulsos morbidos — foi por vezes feito com tanta minucia, que esses psychologos do amor antigo e moderno nunca deixaram de dar-me a impressão de pacientes collecionadores de borboletas.

Apesar disso, pensei muito nelles, sob os arvoredos daquelle parque edénicamente verde, quando observava os passeios de Tresnéa e dos seus trez adoradores. Se, entre elles, houvesse um victorioso, não seria decerto Robertson. Feio, negroide, desagradavel, nem possuia qualidades que o recommendassem á preferencia d'uma mulher, nem realmente Mme. Tresnéa parecia ter para com elle qualquer espécie de deferencia. A luta devia travar-se entre os outros dois; e, á primeira vista, ninguem decerto duvidava de que o triumpho pertenceria a Joe, rapaz novo, forte, cuja face bronzeada — o tom de pelle que a mulher prefere no homem — traduzia uma serena expressão de confiança e de superioridade. Muitas vezes surprehendi o olhar de Tresnéa esquecido sobre o busto apolli-

neo do bello moço, que a camisa aberta de sêda branca descobria ; e pareceu-me notar que esses longos olhares, aliás raros, se acompanhavam de uma ligeira perturbação manifestada por uma pallidez subita e por um quasi imperceptivel tremor de labios. Mas Joe hão passava de um "bello silencioso", dotado apenas da inteligencia medullar do *sportman*. Pelo contrario, o dr. Barradas, homem fino, cortez, viajado, conversador suggestivo e elegante, sabia prender muito melhor as attenções duma mulher, — e, sobretudo, duma mulher com a vivacidade e a curiosidade de espirito de Tresnéa. Além disso, os rapazes não estão muito na moda ; as mulheres de hoje mostram-se pouco dispostas a guiar *poneys ;* e os galans modernos — os homens de quarenta annos — offerecem, nestas aventuras, mais garantias de discreção e de confiança. A partida mantinha-se hesitante entre os dois ; e Robertson, não possuindo, nem a mocidade de um, nem a distinção do outro, era evidentemente, dos trez, o que menos probabilidades tinha de vencer.

Um dia, passeavam perto da fonte — Tresnéa, de branco, com uma *raquette* na mão, escoltada pelos trez admiradores — quando chegou um telegramma. Era para Robertson. O mulato, de monoculo a chispar no olho es-

querdo, desdobrou o pequeno papel azul e toda a face se illuminou de jubilo.

— Sempre chega ? — perguntou a bella mulher, cuja cabeça, dum louro ruivo, parecia quasi vermelha ao sol.

— Chega amanhã. Vae vêr, que maravilha !

Afastei-me. Não ouvi mais nada. Mas pareceu-me que Mme. Tresnéa, sorrindo para Robertson, o olhava já de maneira differente.

Na manhã seguinte, levantei-me mais cedo. Uma ligeira nevoa azul embaciava a atmosphera. Envolviam a natureza um silencio e uma paz vergiliana. Ninguem. Apenas, na estrada, junto ao portão monumental, um automovel e um grupo. Approximei-me para ver quem era. Tresnéa, com um ar matinal e fresco de polpa doirada de fruto ; Joe, em camisa de sêda ; e Barradas, sempre de polainas brancas, admiravam um bello *Rolls Royce* cuja *carrosserie* scintillava ao sol, e a cujo volante, soberbo, de monoculo, se mostrava Robertson. Dahi a pouco, subiram todos para o carro. Tresnéa, sentada á frente, ao pé do mulato, desfazia-se em sorrisos e attenções que nunca, até então, lhe dispensara ; Barradas e Joe, manifestamente contrariados, resignaram-se a ir dentro do carro, sózinhos. O *Rolls Royce* partiu. Quando, de-

pois do almoço, voltei a vêl-os passeando no parque, a esculptural mulher caminhava na frente, risonha, pelo braço de Robertson, e os outros dois seguiam atrás, de cabeça baixa, silenciosos. A' noite, no salão de baile, Joe e Barradas já não appareceram. No dia immediato, soube que Tresnéa e o mulato tinham abandonado o hotel com destino desconhecido.

O vencedor do *match* fôra, afinal, Robertson. Por ser mais moço, mais bello, mais forte, mais inteligente do que os outros ? Não. Porque tinha um automovel. Na psychologia do amor moderno, aos motivos de tentação já descriptos e catalogados pelos philosophos italianos da Renascença e pelos psychologos contemporaneos, ha que accrescentar mais um : a grande velocidade.

Eva e o Papa

COMO todos nós sabemos, a mulher — a *jeune-fille d'aprés-guerre* — adoptou modas e habitos que não se poderá afirmar que não sejam sugestivos e interessantes, mas que dificilmente se conformam com os conceitos ortodoxos da velha moral. A saia pelo joelho, os braços nus, os decotes até á alma, os cabellos *bob* e *shingle*, o cigarro, a bengala, o monóculo, os olhos pintados de boneca, a bôca pintada em coração, o pó-de-arroz de todas as côres, todos os excessos e todas as extravagancias da *vanrugenista* moderna são viva e acerbamente criticados pelos homens da velha escola, moralistas de acção e de doutrina, para quem, no intimo da sua consciencia, as modas novas não teem nada de desagradavel

quando usadas pelas mulheres dos outros, mas que se indignam quando são as proprias mulheres, as proprias irmãs ou as proprias filhas que usam vestidos cada vez mais curtos — e cada vez mais caros.

Tudo isto é natural, — e tudo isto está certo. Ha tempo, porém, e desde que o actual Pontifice dirige a christandade, a Egreja julgou dever intervir nas questões, talvez demasiado temporaes, da moda feminina, e o certo é que a propaganda catolica, não apenas contra o excesso de nudez, mas contra determinados pormenores da *toilette* da mulher, tem-se intensificado de maneira a causar justos e naturaes reparos. Ha prelados (não me refiro apenas a Portugal, mas á França, á Espanha, á Italia) que, animados de santo zêlo, não recebem senhoras que tragam a descoberto mais do que a face e as mãos, como as estatuas góticas ; ha prégadores que, do alto dos pulpitos, verberam as modas de 1929 na mesma trovejante eloquencia com que Savonarola prégava contra o luxo em Roma ; ha conferencistas religiosos, excelentes padres mais ou menos letrados, que dissertam acêrca da saia curta, das meias de sêda, dos cabelos cortados e da pintura dos olhos com um conhecimento de causa que, pelo menos, denota muita observação, e com um espirito de intimidade das coisas profanas que faria hon-

ra a um *petit-abbé* do tempo de Luiz XV. Eu bem sei que o exemplo vem de cima. De cima — e de muito alto. Sua Santidade Pio XI — cujas preocupações em materia de modas fazem lembrar as de Paulo IV, o Papa *culottier*, que vestiu calções a todas as figuras nuas de Miguel Angelo — ainda não ha um ano mandou afixar na antecâmara pontificia um aviso assinado pelo seu camareiro, monsenhor Caccia Dominioni, prohibindo a entrada no Vaticano a todas as senhoras que não comparecessem vestidas de preto, com vestido afogado e mangas. Sua Santidade foi, mesmo, mais longe na sua pragmatica moralisadora, e canonicamente apreensivo com as minucias de *toilette* da Eva contemporanea, chamou o desenhador duma casa de modas e encarregou-o de aguarelar o figurino dum trajo protocolar e obrigatorio para as *donne di palazzo* que lhe solicitassem audiencias, trajo que — se não mentiram os jornaes italianos — tem toda a nobreza e toda a austeridade das modas florentinas do seculo XIV. Tudo isto é interessante, mas singular. E ha mais ainda. No momento em que, por toda a parte, se discutia o problema dos cabelos compridos ou curtos, com tanta paixão que até duas testas coroadas intervieram no pleito — a rainha da Belgica e a rainha da Romania — defendendo a primeira os ca-

bellos *garçonne* e censurando a segunda, num folhetim da *New Freie Press*, de Vienna, a moda dos cabellos cortados, o Papa, firme no seu sagrado zêlo pelas profanidades femininas, pronunciou a definitiva sentença sobre o assunto (pelo menos, assim o disseram os telegramas) manifestando-se a favor da moda *garçonne*, com o fundamento, que talvez não abone a sagacidade psychologica de Sua Santidade, de que a mulher, cortando o cabelo, se despoja de uma das suas mais perigosas armas de seducção. Longe de mim, evidentemente, o proposito de estranhar, ou, sequer, de discutir o criterio do Santo Padre em materia de modas, criterio que é, com certeza, muito superior ao meu. Como anotador, porém, de ideias e de acontecimentos, não posso deixar de referir-me ao facto, não só porque ele constitue um aspecto interessante do momento que passa, mas ainda, e sobretudo, porque ele explica e justifica a atitude do alto clero dos varios paizes perante os excessos — — ou, dizendo melhor — perante as omissões de vestuario das mães dos nossos filhos e das mães dos nossos netos. Não cessam as mercuriaes dos bispos, as exhortações dos prégadores, os conselhos dos directores espirituaes. E entretanto — coisa curiosa! — a despeito do prestigio incontestavel da Egreja, nem os bispos, nem os prégadores, nem

os directores espirituaes são obedecidos, e a mulher, em Portugal e em toda a parte, embora cada vez mais piedosa e praticante, mais devota e temente a Deus, continua a andar com os braços nus, com as saias pelo joelho, com o decote aberto e com a bôca pintada, a fumar os seus abdullas e a *s' en ficher* da moral do Vaticano, numa resistencia passiva em que se traduzem, afinal, estas tres verdades fundamentaes : que o mundo caminha ; que a Egreja não deve intervir em assuntos para que não é chamada ; e que a mulher, cujo bom-senso é admiravel, não está disposta a confundir, ou a deixar que os outros confundam, as necessidades espirituaes da sua consciencia com os negocios mundanos da sua *toilette*.

E a mulher tem razão. Tem razão, sob todos os aspectos por que encaremos o problema. Todos nós nos queixamos da mulher, porque usa modas demasiado sugestivas e demasiado nuas, e ninguem se lembra de que a menos culpada é ella, — porque quem cria essas modas é o homem. Sim, tenhamos a franqueza de o confessar : a mulher usa o que nós queremos que ella use ; veste o que nós queremos que ella vista ; e, desde a creação do mundo, todos os defeitos que ella tem são produtos da nossa obra de sedução, de perversão e de malicia. Madame Eva não

me deu procuração para a defender; mas é assim mesmo. Somos nós, homens, os desenhadores que criam os figurinos; os costureiros que fazem os vestidos; os caixeiros que vendem as confecções; os artistas que estilisam a moda; os literatos que a vulgarisam e a exaltam; somos nós, homens funestos, os cabeleireiros em cujas mãos a mulher se garçonna e se ondula; nós, os perfumistas e os *maquilleurs*; nós, os sapateiros diabolicos capazes de transformar a fealdade do pé nu na tentação do pé calçado; nós, os massagistas; nós, os joalheiros; nós, numa palavra, os artifices pacientes, obstinados e perturbadores dessa eterna boneca que é o nosso prazer e a nossa ruina, a quem precisamos de dar aspectos sempre novos para que accenda em nós um desejo sempre renovado, e que, afinal, é o que nós queremos que ella seja, bôa ou má, pura ou impura, anjo ou demonio, reflexo das nossas qualidades e dos nossos defeitos, producto do nosso genio e da nossa perversidade, — creação, não já apenas duma costela nossa, mas do nosso proprio cérebro. Os moralistas, e, sobretudo, os moralistas católicos, erram o alvo, portanto, dirigindo as suas mercuriaes contra a mulher. Deviam dirigil-as contra nós, homens, que somos, não só os inventores e os executores, mas os unicos responsaveis de todas as suas

pretendidas loucuras. Já eu o disse n'um dos meus livros, e é verdade : o maior defeito, o grande defeito da mulher — é o homem.

Mas ainda assim, atribuindo só ao homem, inspirador e tutor legal e natural da mulher, a responsabilidade de todos os exageros, considerados canonicamente imoraes, da moda feminina de hoje, o Vaticano teria razão ? Ora, vejamos. Ha quem suponha, por uma observação superficial dos factos, que as modas são sempre extravagancias ou caprichos de momento, filhos de qualquer episodio ou de qualquer anecdota feliz que se fixa, que se generalisa, e que acaba por se impôr ao maior numero. Com efeito, assim succede muitas vezes. O seculo XVIII usou cabeleiras porque o Rei Sol precisou de esconder um lipoma que tinha na cabeça ; e o Romantismo usou casacas de côr, porque assim aprouve á fantasia elegante do Conde d' Orsay. Ha, porém, modas que se estabelecem, não como consequencia dum simples capricho, mas por motivos que estão em intima ligação com o espirito e com as tendencias geraes duma epoca. Comparem-se, por exemplo, as modas da velha Grecia com as da Florença do tempo de Dante, nas quaes parece ter-se inspirado o artista chamado por Sua Santidade Pio XI para crear o futuro trajo das senhoras nas audiencias pontifi-

cias. Melhor ainda : compare-se uma estatua grega do V seculo com uma figura feminina da velha imaginária das catedraes dos seculos XIII e XIV. Na primeira — a escultura pagã — as roupagens reduzem-se ao minimo, e toda a preocupação do artista é a revelação do corpo humano, da admiravel nudez humana, suprema expressão da beleza imortal. Na segunda — a escultura christã — a figura está envolvida em espessas roupagens góticas, e toda a preocupação do imaginário, que a esculpiu para o pórtico duma catedral ou para a arca dum tumulo, foi ocultar as formas do corpo, e, sobretudo, do corpo da mulher, que a ideologia católica, ao contrario da ideologia pagã, considerava impuro e abjecto. Isto é : estamos em presença de duas modas opostas, que não são outra coisa — para empregar a frase de Nietzsche — senão a tradução, em imagem, de duas tábuas opostas de valores moraes. Ora, com as modas femininas de hoje (e era aqui que eu queria chegar), tão profundamente diferentes já das modas discretas, veladas e pudicas das nossas mães e das nossas avós, está a dar-se um facto semelhante : são modas novas que correspondem a um espirito novo ; a habitos novos de hygiene e de cultura fisica ; a ideias novas sobre a nudez, sobre o pudor, e — o que é importante — so-

bre a dignidade do corpo humano, obra sagrada de Deus, que o espirito da Egreja católica durante tantos seculos escondeu como um pecado. Que representa a intensidade da vida desportiva moderna, que significam as dansas nuas de Isadora Duncan e das suas discipulas, o culto da nudez nas *battings-places* da Inglaterra e da America, as tendencias da arte contemporanea para a exaltação da carne harmoniosa e luminosa, que são, finalmente, as modas actuaes, as saias curtas, os braços nus, o colo nu, — senão a reabilitação do corpo humano, que não deve esconder-se quando é belo e forte, que não tem nada de indigno ou de impuro, e que já é tempo de libertar do estigma de infamia sobre elle lançado, vae para dois mil anos, pelos preconceitos do velho espirito christão ?

E' natural que este livro não tenha a honra de cair sob os olhos de Sua Santidade. Mas, se o lerem alguns prelados ou sacerdotes ilustres — eu creio que essa leitura não poderá considerar-se demasiado profana — talvez encontrem nas minhas palavras a razão porque as senhoras e as meninas suas parochianas, suas confessadas ou suas tuteladas espirituaes, continuam, apesar das severas exhortações da Egreja, a usar as saias pelo joelho, as mangas pelo hombro e os decotes pela cintura.

O Direito de não Casar

O meu amigo sir Ronald Atkinson acaba de enviar-me, em carta, algumas noticias de Londres. Um dos assumptos que, neste momento, mais interessam a opinião ingleza — diz-me elle — é o falado imposto sobre o celibato.

Eu não creio que essa vaga aspiração, na verdade muito discutivel, venha a converter-se num facto legal. O inglez é muito cioso das suas liberdades individuaes para admittir sem protesto a intervenção indiscreta do Estado na sua vida de coração, ou qualquer limitação ao direito, que plenamente lhe assiste, de decidir da sua propria felicidade. A taxa sobre o celibato consagra, de certo modo, o principio da obrigatorieda-

de do casamento ; é o Estado a decretar a felicidade universal sob a formula que lhe parece social e demograficamente a melhor ; quando, na verdade, cada um é que sabe o genero de felicidade que mais lhe convém, e que varia naturalmente de homem para homem, com o caracter, com o temperamento, com as tendencias, com as condições de familia, e até com as possibilidades economicas de cada um. O bom inglez não consentiria em semelhante coisa. Elle, que acha naturaes e legitimos todos os impostos sobre o capital e sobre o rendimento ; elle, que é um contribuinte exacto, escrupuloso, submisso e modelar, — difficilmente poderia supportar uma coacção tributária sobre a mais effectiva das suas liberdades, que é a liberdade do seu sentimento e do seu coração.

Os jornaes — diz-me sir Ronald — têm encarado a questão sob o aspecto doutrinario e sob o aspecto meramente jocoso. Os humoristas encontraram um assumpto feliz para combater a tristeza dos *yellow-foggs* que pesam sobre Londres. De positivo, creio que nada ha ; e, com effeito, eu não tenho conhecimento de qualquer iniciativa das casas do Parlamento acêrca desta questão, que parece interessar sobretudo as *spinsters* de trinta anos, mais ou menos impacientes pelo matrimonio. Mas, quando se tem um ataque de

grippe, tudo constitue um motivo de reflexão ; e, enquanto o lume crepita no meu fogão Império, eu — homem profundamente grippado e providencialmente solteiro — medito no tratamento de excepção e de iniquidade que alguns legisladores, porventura infelizes no casamento, pretendem applicar aos homens de aspirações modestas, que se sentem felizes no celibato. Um dos argumentos que desde logo se apresentaram ao meu espirito — argumento que não occorreu talvez aos inglezes — é o da desegualdade do sacrificio exigido. Semelhante imposto só possuiria vislumbres de equidade, se todas as mulheres fossem egualmente agradaveis ou egualmente desagradaveis. Ha homens casados com senhoras de superior belleza e de primorosas qualidades, que, em vez de se encontrarem, por esse facto, isentos de imposto, deviam, pelo contrario, pagar uma taxa especial ao Estado para ter o direito de possuir uma mulher tão interessante ; ha outros que prefeririam pagar todos os tributos possiveis, a ter de casar com mulheres impertinentes e feias, como tantas que eu conheço ; e ha outros, ainda, tão convictamente victimas das mulheres que escolheram para esposas, que era o Estado que lhes devia pagar a elles, attribuindo-lhes uma pensão na qualidade de sinistrados do casamento. Seria preciso decre-

tar primeiro : "todas as mulheres são eguaes", para poder decretar depois : "quem não casa, paga". Outro argumento impressionante é o da desegualdade de situação dos dois sexos perante a taxa de celibato. Porquê, onerar com um pesado imposto o homem que não se casa, e isentar de tributo egual a mulher que não se quer casar ? A mulher que exerce profissões liberaes, que é medica, advogada, escriptora, professora, que desempenha no Estado funcções politicas ou administrativas — numa palavra, a mulher que se propõe substituir o homem, em vez de procurar simplesmente completal-o — deve, desde que não constitua familia, e por um principio de natural equidade, estar sujeita, como o homem, ao imposto sobre o celibato. Se as feministas — e, em especial, as suffragistas inglezas — prégaram tanto a egualdade dos dois sexos, será porventura justo egualá-los nos direitos, sem os egualar nas obrigações ?

Mas o que melhor nos mostra o absurdo do problema é o seu aspecto economico. Em geral, quem não casa, ou é por falta de tempo, ou porque não dispõe, no seu orçamento, de receitas sufficientes para provêr aos encargos que resultam do luxo patriarchal de ter mulher e filhos. Ha pessoas que não constituem familia pela mesma razão porque não compram um automovel :

porque lhes falta dinheiro. Na crise terrivel do *aprés-guerre* (refiro-me sobretudo a Portugal), com o custo da vida a augmentar dia a dia, com a instabilidade do valor da moeda a impedir todo o bom cidadão de saber ao certo com o que conta no dia seguinte, e, emfim, com a falta de casas e com a falta de amas, o casamento passou a ser um *sport* de ricos ; cada filho converte-se num indice de opulencia ; e, logicamente, quem mais meninos tem mais devia pagar ao Estado. Ora, com a taxa de celibato dá-se precisamente o contrário : paga-se por não poder casar ; quer dizer, paga mais quem é mais pobre. Eu bem sei que, algumas vezes, o que afasta do casamento é, como affirmou Ibsen na *Comedia do Amor*, a "covardia de luctar" ; ou, como quer Bordeaux, "*la peur de vivre*". Evidentemente, é preciso não ter medo de viver ; mas o que é perfeitamente legitimo é ter medo de morrer, — e o casamento, no estado actual da sociedade e da familia, apparece-nos revestido de todos os perigos e de todas as despesas duma doença grave. Adão não ficou solteiro (creio que é licito suppol-o casado) porque Eva não se apresentou aos seus olhos nem como um problena economico, nem como um problema moral : era uma mulher sem vicios e sem exigencias, que não cortava o cabello, que não pedia joias, que não se ves-

tia de coisa nenhuma — a não ser de pelles de fera e de raios de sol — uma doce creatura que nem sequer tinha com quem o enganar, porque elle era o unico homem sobre a terra ; e, assim mesmo, se o nosso avô biblico tivesse previsto as semsaborias da maçã e da serpente, preferiria, com certeza, pagar a taxa dos celibatarios. Que fará hoje, com a serpente cada vez mais venenosa e a maçã cada vez mais cara ? Estou ouvindo os poetas lyricos a dizer-me : mas a mulher é o anjo do lar, a companheira de trabalho do homem, é a arca, é a riqueza, é o estimulo, é a virtude. Sem dúvida. Conheço homens que têm encontrado mulheres assim, — como conheço pessoas a quem tem saído a sorte grande. E concordo : não ha riqueza, não ha ganho, não ha felicidade maior. Se considerarmos sobretudo o homem dos campos, o pequeno lavrador que vive da terra e para quem, como para o lavrador aragonez de Tirso de Molina, a felicidade se resume em trez coisas — *"buena cabra, buena mula y buena mujer"* — não podemos deixar de concordar que a mulher é, realmente, um factor economico poderoso, pouco menos do que um anjo tutelar, pouco mais do que um animal de lavoura, e que os proprios filhos — cada filho que nasce — — é mais um valor de produção, são mais dois braços de trabalho que o pae não paga,

é, emfim, um accrescimo de riqueza. Mas para quem vive nas cidades e pertence a certas camadas sociaes, as coisas mudam. Ha ainda, na alta e na baixa burguezia, muitas mulheres que são verdadeiras pérolas — e feliz de quem as encontra ! — ; mas a grande maioria constituem-na hoje as bonecas, as pequenas tanagras modernas, caprichosas e futeis, que eu acho sem duvida muito interessantes, mas que, pela sua educação, pelos seus habitos, pelas suas naturaes exigencias, pela sua condição especial de objectos de luxo, podem ser o encanto de toda a gente, mas são, quasi sempre, a ruina dos maridos. Falo, é claro, não já para o caso da Inglaterra, mas para o caso de Portugal. Que autoridade teria, por exemplo, o Estado portuguez — que pouco tem feito pela educação da mulher — para nos impôr, sob pena de multa, a responsabilidade de um dêsses entes frageis, pintados, perigosos e dispendiosos ? E, ainda que essa autoridade existisse de facto, — seria porventura justo castigar com o pagamento de um pesado imposto precisamente aquelles que não podem casar-se pela mesma forte razão economica por que não compram um *Rolls-Royce* ?

Tudo me leva a crer, apesar dos receios do meu amigo sir Ronald Atckinson, que a Inglaterra não seguirá o exemplo de Musso-

lini. Para decretar a taxa de celibato seria preciso decretar primeiro a felicidade no casamento : e isso é impossivel. Quanto a Portugal, creio que podem dormir tranquillos — — duplamente tranquillos — todos os celibatarios. Se se impuzesse a necessidade da creação de um novo imposto, seria facil obter por outro processo, ainda dentro do casamento, um rendimento maior do que aquelle que se obtem collectando os homens solteiros. Esse processo era, na verdade, simples : collectar os divorciados. Quem prudentemente se esquiva ao matrimonio, por não ter fortuna nem geito para marido, nada deve pagar ao Estado ; mas quem imprudentemente casou e quer recuperar a liberdade perdida — esse, sim ! — é justo que entre nos cofres do Estado com uma pesada multa. Justo, por varias razões : primeiro porque quem faz disparates, paga-os ; depois, porque sendo obrigados ao pagamento de um forte imposto, todos os maridos arrependidos haviam de pensar trez vezes antes de requerer o divorcio. Taxa de celibato ? Nunca a votarei. Mas desde já tomo o compromisso de votar a taxa de divorcio, — se um dia tornar a haver Parlamento em Portugal.

Uma Valsa de Strauss

NUM baile a que ha tempo assisti, na Embaixada da Grã-Bretanha em Lisboa — festa de requintada distinção, como todas aquellas a que presidia o bom-gôsto de Lady Carnegie — deu-se um facto que alguem considerou como prenuncio do regresso da vida de sociedade aos velhos hábitos e aos velhos rithmos da elegancia de ha vinte e de ha trinta anos. Vale a pena que nos occupemos d'elle. A's vezes, um simples *fait divers* é, como expressão das tendencias de uma época, mais significativo do que os grandes acontecimentos.

Dansava-se. Tinham-se succedido os *fox-trots*, os *charlestons*, os *dirty-digs*, com a vivacidade reclamada pelas novas dansas ame-

ricanas de origem negroide. De repente, o *jazz-drummer* arrumou o tambor, cruzou os braços — já não era nada com elle — e o violino atacou, vibrante, o *Danubio Azul*, de Strauss. Era a antiga valsa, a romantica valsa a trez tempos, melodiosa, sentimental, apaixonada, evocadora de todo o passado elegante da crinoline, dos topázios e das declarações de amor, que resurgia, inesperadamente, naquellas salas já esquecidas de a ouvir. Foi um sucesso. Dansarinos da velha guarda, ha muito tempo divorciados do prazer de "passear ao som da rabeca", lançaram-se, com vigor, com enthusiasmo, naquillo a que se chamava dantes — bons e calmos tempos! — o turbilhão da valsa. Por momentos, a alma dos velhos salões, dos salões em que se fazia da dansa o conceito, não de uma exhibição acrobatica, mas de um prazer delicado e voluptuoso, renasceu. A alegria pintou-se em todos os rostos — sobretudo nos que não tinham vinte annos — e houve quem, nesse baile da Embaixada, olhando as graciosas figuras femininas que valsavam, tivesse a impressão de que os cabellos eram mais compridos, de que as saias eram menos curtas, de que os labios estavam menos pintados, e de que em todos aquelles olhos de mulher brilhavam — o que, hoje, em poucos olhos se

vê! — a pequena chamma azul, a pequena chamma inquieta do velho ideal romantico.

Que significa este simples episodio da vida mundana de Lisboa? Que estamos, realmente, a caminho duma reacção? Que a dansa tende a regressar aos antigos rithmos que fizeram a delicia dos nossos paes e dos nossos avós? Que as dansas americanas, as *black-follies* selvagens, as creações requebradas e convulsivas de Josephina Backer e da pobre Florence Mills, o *charleston*, o *black-bottom*, o *yale-blue*, o *dirty-dig*, o *kinkajou*, estão prestes a desapparecer dos salões onde, alguns delles, mal chegaram a entrar? Que — numa palavra — os astros negros principiam a apagar-se?

Talvez não. Estimaria, com franqueza, que assim fosse; mas não me parece, infelizmente, que possamos tirar, de alguns factos isolados, a conclusão optimista de que se está perto do regresso *au beau vieux temps*. E' certo que o sr. Mussolini começou, ha mezes, a combater as dansas modernas, tendo publicado um decreto que prohibe aos officiaes do exercito italiano a pratica do *shimmy*, do *black-bottom*, e de outros devertimentos que "pelo seu exotismo — diz o *Duce* — são incompativeis com a austeridade militar". E' certo tambem que, inspirado nesta deliberação, o chefe da policia de Pádua, sr. Palaz-

zi, lançou o interdito policial sobre os bailes publicos e particulares, allegando que o caracter grosseiro e negroide das novas dansas "constituia um attentado contra a moral, a hygiene e a dignidade da raça branca". Não é menos certo, ainda, que na Romenia, sobretudo em Bucarest e na elegante colonia balnear de Tekirghiol, as dansas ultra-modernas importadas do Far West foram sujeitas a rigorosa prohibição pela policia, sendo immediatamente preso, como autor "de um crime contra o pudor publico e contra o bom-gosto nacional", todo aquelle que dansar o *charleston* e o *yale-blue* nos salões ou sobre a areia fulva das praias. Por outro lado, ao passo que as dansas da America são perseguidas, a valsa renasce das proprias cinzas nalguns salões mundanos, — não apenas a valsa vivaz de Strauss, como na Embaixada ingleza em Lisboa, mas a valsa primitiva, ondulante, dormente, que immortalisou outrora, na Grande Opera de Paris, a doirada batuta de Muzard e o lapis nervoso de Gavarni. Sem duvida, tudo isto assim é. Verificam-se os protestos de uns e as tentativas renovadoras dos outros. Os rabujentos de quarenta anos gritam contra a dansa nova, e os idealistas de cincoenta reclamam a dansa velha. Mas nem por isso a violencia dos moralistas encontra éco na opinião geral;

e nem por isso, tambem, a revivescencia da valsa a tres tempos, da polka ou da mazurka nos salões europeus consegue passar — como as da pavana ou do minuete — de uma simples curiosidade archeologica. Os inimigos da "dansa negra" não convencem ninguem ; os defensores das dansas romanticas e neo-romanticas não interessam ninguem. E porquê ? Porque uns e outros são do seculo passado ; porque uns e outros podem representar e incarnar tudo quanto ha — menos o espirito do seu tempo.

Eu não pretendo, evidentemente, defender as dansas actuaes. Não as defendo, nem as condemno. Limito-me a constatar a sua existencia ; e verifico que ellas existem, não como creações esporadicas, mas como producto e como expressão das tendencias, das caracteristicas e da mentalidade duma época. A valsa ondulante, distincta, embaladora, melodiosa, discretamente voluptuosa, traduz porventura o espirito do momento que atravessamos, vertiginoso, ruidoso, arithmico, irreverente, caricatural, grosseiramente sensual ? Decerto, não. Traduz tanto esse momento, como o *Minuete do Boi*, de Haydin — por exemplo — traduz o espirito do Romantismo. A vida tem, em cada época, o seu rithmo differente, e esse rithmo encontra uma das suas mais perfeitas expressões na dansa. Não

possuimos hoje, nem possuiremos amanhã, as dansas que os moralistas ou os sonhadores querem; mas aquellas que o momento actual ou o momento futuro crearem á sua imagem e semelhança. Como pretender que uma época de rithmos accelerados produza uma dansa de rithmos lentos ? Como exigir que um instante caracterizado pela audacia da nudez e pela epilepsia do movimento crie uma dansa magestosa e solemne ? Como obrigar um povo a encontrar prazer em dansas que elle não sente, que o não divertem, que não satisfazem a sua ancia natural de movimento, que não constituem para elle uma sufficiente descarga nervosa ? E', evidentemente, tão absurdo como pretender que esse povo fale uma lingua que não entende.

Mas — perguntar-se-há — e o exito da celebre valsa de Strauss na festa da Embaixada de Inglaterra ? E' um facto sem duvida interessante; não me parece, porém, que devamos forçar a nota vendo n'elle um symptoma da reacção contra as dansas modernas. Precisamos de nos lembrar de que a maior parte das pessoas que assistiam á elegante festa de Lady Carnegie eram já do século passado; de que, dos quarenta anos para cima, toda a gente pertence, não á "edade do fox-trot", mas á "edade da valsa"; e de que o êxito do *Danubio Azul* deve consi-

derar-se um êxito puramente sentimental, feito de recordações do passado e de saudades de um tempo que não volta mais. Quem dansou com enthusiasmo a bella valsa austriaca não foram os rapazes e as raparigas ; foram os velhos e as velhas, — quer dizer, aquelles mesmo que, na sua mocidade distante, amaram e conheceram a ventura ao compasso da batuta do velho Strauss. Os moços, esses, nem valsar sabem. Nascidos em pleno reinado do *jazz-band*, continuam a delirar com as dansas de kangurú, e a pensar, como Josephina Backer, a callipygia Salomé de bronze, que a suprema dansa se executa "atirando bolas com os olhos, revolvendo as espáduas como rodas de machina na carne, sacudindo as mãos, remando no ar, nadando no ar, dando pontapés e provando á saciedade que as ancas existem." Ora, com franqueza, não me parece que a anca — symbolo anatomico das dansas ultra modernas — esteja resolvida a abdicar tão cedo do seu direito de existencia e da sua furia de movimento...

Academias Femininas

QUANDO, pela primeira vez, exerci as funcções de presidente da Academia, foi-me feita uma pergunta insistente, renovada agora, que de novo as exerço : porque não se abrem ás mulheres de letras, algumas, em Portugal, tão illustres como os homens, as portas da veneranda casa do Duque de Lafões?

E' legitima a pergunta. Nós temos hoje, no nosso paiz, uma pleiade notavel de poetisas, de romancistas, de cultoras de boa literatura, que cada dia augmenta com a inscripção de novos nomes, e em que ha valores que se impõem á consideração geral. A nossa bibliographia literaria feminina pode reputar-se apreciavel, não apenas em quantidade, mas de certo modo, tambem, em qua-

lidade. Aquelle sexo que o velho Garrett invoca — "oh, tu, delicias, mimo!" — e que, embora continue a ser bello, já ha muito tempo deixou de ser fraco, produz hoje mais livros de versos do que nós outros, homens, e está cultivando a literatura com a mesma amavel pertinacia com que outr'ora cultivava a renda ingleza. Não era demais que se lhe désse representação na nossa já secular Academia, entre os herdeiros e detentores actuaes do symbolico lirio de prata dos árcades. Receber a Mulher na antiga Sala Dourada do palacio de Jesus, não apenas como visitante, mas como irmã em Apollo, o mesmo seria que ver de novo florir as rosas nos jardins de Academo. E eu, que me considero um fiel admirador de Eva — mesmo da Eva que faz versos — sentir-me-ia feliz se pudesse ser amanhã, além do presidente solemne que a saudasse, o porteiro amavel que a introduzisse. Com effeito, por que não ha de a Mulher entrar na Academia, — se já entrou como juiz nos tribunaes, como deputado nos parlamentos, como ministro nas secretarias de Estado ?

Nada mais legitimo ; nada talvez, mais justo ; e, entretanto, nada menos possivel. As instituições caracterisadamente conservadoras — e a Academia é a mais conservadora de todas — são, entre nós, demasiado

ciosas das suas tradições, demasiado respeitadoras do seu anachronico estatuto, para que as reivindicações femininas possam nellas encontrar uma atmosphera propicia. A velha casa do Duque de Lafões não concederá — pelo menos tão cedo — a immortalidade official a uma mulher, assentando-a num dos seus *fauteuils*, porque ainda não comprehende que as mulheres sejam immortaes senão pela sua belleza ou pela sua virtude. Os "quarenta" — pelo menos nos meus dias — serão todos homens, sem que na sua gravidade se insinuem as saias curtas e as bôcas pintadas das nossas Minervas futuristas. Mas, não lhes concedendo a immortalidade completa, — poderá conceder-lhes, ao menos, a meia immortalidade ? Não lhes permittindo a posse de uma das cadeiras de academico effectivo, terá dúvida em outhorgar-lhes o titulo de socio correspondente ? O caso já differe, e ha precedentes que o autorizam. Recentemente, contra as tradições da velha Academia portugueza, que nunca no seu seio contára mulheres, foram eleitas socios correspondentes nacionaes duas senhoras, com o fundamento de que o estatuto não se oppunha expressamente a que Pallas Athenéa vestisse *l' habit vert*, ou, mais propriamente, *l' habit bleu*, porque a nossa farda é azul. Mas essas duas senhoras chamavam-se Carolina

Michaelis de Vasconcellos e Maria Amalia Vaz de Carvalho ; a excelencia da estirpe literaria justificava bem, em qualquer dellas, a singularidade da honra ; a um tratamento de excepção correspondia na verdade, em ambas, um merito excepcional. Em mais de um século de existencia da Academia, foram estas duas mulheres eminentes as unicas que obtiveram o titulo academico. Mas ainda assim — repito — apenas o titulo de socios correspondentes, e nunca o de membros effectivos, embora numa e noutra concorressem méritos bastantes para as incluir no numero refulgente dos "quarenta" detentores do fallivel privilegio da immortalidade.

Mas, nesse caso, desde que a sábia commentadora do Cancioneiro da Ajuda e a biographa eminente do Duque de Palmella deixaram de existir, — por que não confere a Academia egual prova de consideração a qualquer ou quaesquer das actuaes literatas ? A dificuldade não reside apenas no facto incontestavel de não haver neste momento, entre as escriptoras vivas, alguma que possa comparar-se, pelo prestigio do seu nome ou pela sua influencia social e intelectual, a Carolina Michaelis ou a Maria Amalia Vaz de Carvalho ; mas, sobretudo, na circunstancia de nenhuma das muitas escriptoras portuguezas actuaes se destacar tanto das suas collegas,

que justifique a concessão isolada e excepcional de semelhante distinção. As papoulas literarias de hoje são, sem duvida, bellas ; mas encontram-se quasi todas á mesma altura. O talento democratisou-se. Não ha uma só que occupe, relativamente ás outras, a situação eminente que, entre as intellectuaes da sua geração, occupavam Maria Amalia e a professora Michaelis. Se quizessemos escolher uma poetisa, como expoente das actuaes cultoras portuguezas do verso, ficavamos indecisos: deverá ser Branca de Gonta, Maria de Carvalho, Virginia Victorino ? Se pretendessemos escolher uma prosadora, a nossa perplexidade augmentava : Virginia de Castro e Almeida, Carlota Serpa Pinto, Veva de Lima, Anna de Castro Osorio ? Todas estas senhoras têm, incontestavelmente, talento. Todas estas senhoras publicam obras que as recommendam á consideração da opinião culta. São espiritos gentilissimos, intelligencias claras, sensibilidades delicadas e vivas ; e, entretanto, nenhuma dellas pode considerar-se uma grande vedeta literaria ; nenhuma dellas attingiu, nas letras, uma situação de indiscutivel preeminencia que a indique para uma homenagem de excepção. E como a Academia não póde elegel-as a todas, vê-se constrangida, embora com verdadeira contrariedade, a não eleger nenhuma.

E, entretanto, a questão fica de pé. Temos de reconhecer que não é justo negar-se ao talento da mulher uma forma de consagração de que tantas vezes se é prodigo para com muitos homens, que a merecem menos; mas temos de reconhecer tambem que, dentro da organisação das actuaes Academias — — como a franceza, a portugueza, a brasileira — não é facil reparar essa injustiça. As proprias dificuldades do problema conduzem-nos, porém, á sua solução. Essa solução, já preconisada em França, e, segundo creio, tambem no Brazil, está na creação de uma Academia Feminina de Letras. Desde que nós excluimos a mulher, só pelo simples facto de ser mulher, do beneficio academico da immortalidade, não é demais que ella procure crear uma immortalidade especial para seu uso, e della exclua, com toda a razão, o seu inimigo adorado: o homem. A ideia, que tem tradições em França e na Italia, não as tem menos brilhantes em Portugal. Toda a gente sabe que na Lisboa do seculo XVI houve, embora sem a organisação duma Academia regular, um dourado gyneceu intellectual presidido pela celebre infanta D. Maria, filha do rei D. Manoel — a apaixonada de Camões e de Brantôme — e frequentado por Paula Vicente, Públia Hortensia, as Sigéas, D. Maria de Noronha, a philosopha Joanna Vaz, e ou-

tras senhoras que viviam, na phrase de Moliére, *"pour l' amour du grec"*. Não é, evidentemente, um gyneceu de humanistas elegantes, como o da nossa Infanta Minerva, ou um pequeno cenaculo pedante como os das *bas bleus* helenistas e latinistas da Italia da Renascença, que eu desejaria que se instituisse em Portugal; mas uma sociedade literaria organisada que, promovendo um mais intimo convivio entre as mulheres superiores do nosso paiz e estimulando no meio feminino os habitos intellectuaes, fosse capaz tambem de versar os complexos problemas que interessam á situação juridica da mulher na familia, na sociedade e no Estado, e de coordenar e disciplinar a acção de defeza dos direitos e dos interesses moraes do seu sexo. Bem orientada, constituida por valores seleccionados, uma Academia feminina poderia prestar, além de tudo, altos serviços á causa da educação nacional. Nós não podemos esquecer que as grandes educadoras são, por natureza e por instinto, as mulheres, e que, mesmo nas altas espheras do governo, algumas mulheres illustres, como a fallecida Nina Bang na Dinamarca, têm realisado, quer sob o ponto de vista pedagogico, quer sob o ponto de vista administrativo, notaveis reformas nos serviços de instrução publica dos seus paizes. A intelligencia subtil da mulher, al-

liada á sua amorosa paciencia, poderia, quando integrada num plano de acção collectiva, effectuar trabalhos inestimaveis no campo das investigações historicas ; organisar bibliographias, de que tanto carecemos ; colligir repertorios ; levar a bom termo as obras de perseverança e de methodo que o homem, dispersivo, discontinuo e tumultuoso no seu labor mental, se mostra cada vez menos apto para realisar. E a Academia feminina tornar-se-ia assim, não uma assemblea elegante e futil de bôcas pintadas e de "meias azues", mas um verdadeiro instrumento de cultura nacional.

Mas — perguntar-se-ha — existem em Portugal literatas em numero sufficiente para constituir uma Academia ? Sem duvida. Sobretudo poetisas. Nada mais facil do que indicar, desde já, vinte nomes femininos illustres que seriam as nossas primeiras vinte "immortaes". O que era mais difficil com certeza — e eu sinceramente o lamento — — era garantir-lhes, de facto, a immortalidade.

O Meu Amigo Belchior

O meu amigo Belchior é um velho de habitos aristocraticos, sessenta annos um pouco *faisandés*, mas aprumados e elegantes, amoroso eterno que, além de outras qualidades sympathicas e atrahentes, possue a de ter dissipado duas fortunas com *bric-à-brac* e com mulheres. Do *bric-à-brac* ainda lhe ficára alguma coisa util, colleções de arte, uma installação agradavel e a mais curiosa biblioteca de estampas galantes do seculo XVIII de que eu tenho noticia em Portugal. Das mulheres — pobre delle! — não lhe restavam senão recordações, agri-doces recordações pelas quaes ninguem daria nada, — nem elle proprio.

Quiz o acaso que hontem jantassemos em mesas contiguas, no *Tavares*. Conversámos. Dois portuguezes que se encontram — não sei quem foi que o disse — ou falam de politica, ou falam de mulheres. A politica não tem hoje entre nós o menor interesse, a não ser para aquelles que, sendo mais politicos do que os proprios politicos, insistem entretanto em afirmar que o não são. A conversa recaiu, pois, sobre o "eterno feminino", já realmente eterno para os sessenta annos de Belchior, mas sempre em flôr para a imaginação desse *viveur* amavel que deve — diz elle — o resto de juventude do seu espirito e do seu corpo ao facto de ter convivido, durante a vida inteira, mais com mulheres do que com homens. "Os homens envelhecem-nos; as mulheres remoçam-nos", — era a a sua frase predilecta. Repetiu-m'a uma vez mais, accendeu um fino *abdulla* 28, recostou-se na cadeira, olhou o fumo azul que subia no ar, e disse, com amarga melancolia:

— O peor, meu amigo, é que as mulheres já são muito differentes do que eram.

— Que lhes acha você? Mais gordas, mais louras, mais altas?

— Acho-as mais homens.

— Explique-me isso, Belchior.

— Preoccupam-se demais em parecer-se comnosco. Ora eu sempre parti do principio

de que uma mulher é tanto mais mulher, quanto menos se parece comigo.

— Sim. Você não é positivamente o que se chama uma mulher bonita.

— Ellas já cortam o cabello, já fumam, já usam bengala, já dormem de pyjama, e, como se tudo isto fosse pouco, estão exercendo sobre os homens uma tyrania que ultrapassa os limites da boa razão.

— Nós abusámos tanto dellas, que é justo que ellas comecem a abusar de nós...

— O meu amigo já pensou na lei do divorcio ?

— Não me interessa, porque não sou casado.

— Pois pense. Não é apenas uma lei a favor da mulher, é uma lei contra o homem. Amanhã, por exemplo, o meu amigo casa-se e commette uma infidelidade.

— Isso é impossivel.

— Uma simples hypothese. Sua mulher requer o divorcio, o tribunal julga a favor della, e o meu amigo fica obrigado a pagar-lhe uma avultada pensão. Mas supponhamos que se dá o contrario.

— Agora, ponha o caso em si, Belchior. Supponhamos que sua mulher o engana.

— Muito bem. Eu requeiro o divorcio, o tribunal julga a meu favor, e minha mulher não fica obrigada a pagar-me pensão alguma.

E' isto justo ? Mas ha mais. Vejamos a investigação da paternidade illegitima. Está muito bem que a lei proteja as mães. Mas porque não ha-de ella, em egualdade de condições, proteger tambem os maridos ? Porque não se promulga, fundada em egual direito, uma lei de investigação da maternidade illegitima ? Então eu — é ainda uma hypothese — hei-de ser por força o pae dos filhos de minha mulher, ainda mesmo quando possa provar que elles não são meus ?

— Mas você tem uma maneira segura de evitar todos estes inconvenientes.

— Qual é ?

— Não se casar.

— E' isso que eu tenho feito. Mas, meu amigo, eu sou um sentimental, e ninguem sabe o que será o dia de amanhã...

Belchior semi-cerrou os olhos, brincou negligentemente com o seu grande anel de ouro cinzelado, e immobilizou a face glabra e fina — que dava ideia dos retratos da velhice de Lauzun — num sorriso cheio de silenciosas revelações. O velho *coureur-de-femmes* guardava no seu intimo alguma coisa que não queria confessar-me, mas que a sua vaidade de amoroso desejava que eu suspeitasse. Era, talvez, a centesima paixão, — acompanhada da magua de não poder sacrificar-lhe nem uma segunda mocidade, nem uma ter-

ceira fortuna. O seu nariz forte palpitava voluptuosamente ; a palpebra inferior franzia-se n'aquella suggestiva "ruga de benevolencia", que precede as confidencias demoradas ; o camafeu italiano da sua gravata, vagamente dourado pela luz, parecia sorrir tambem na recordação de aventuras a que provavelmente teria assistido. O creado approximou-se. Pedi a conta. E como o meu velho amigo, ainda de olhos semi-cerrados, começasse a mover imperceptivelmente os seus labios ironicos, talvez para me contar um novo romance cuja eternidade de paixão não cabia nos dez minutos de que eu dispunha, julguei conveniente chamal-o ás realidades e toquei-lhe levemente no braço.

— Você tem um segredo, Belchior. Mas eu não tenho tempo para lh'o ouvir hoje.

— Engana-se, meu amigo. Não tenho um segredo. Tenho uma ideia.

— Isso é precioso. Diga lá.

— A oppressão feminina está a tornar-se um flagelo para o nosso sexo. Não lhe parece que nós todos deviamos reunir-nos e constituir, como na Austria, uma "Liga de defeza dos direitos do homem" ?

— Effectivamente. E' uma ideia.

— Porque razão hão de as mulheres gosar de privilegios e immunidades especiaes ?

— Diz bem.

— Porque não hão de as mulheres ir, como nós, para a guerra ?

— E' evidente.

— Porque hão de os creados, num restaurante, servir primeiro a mulher que me acompanha, se sou eu que pago ?

— Esse argumento, Belchior, é formidavel.

— Então, se o meu amigo está de accôrdo, vamos constituir a Liga.

— Nós dois ?

— Nós, e todos os homens que entendam que o nosso sexo precisa de protecção.

— Não, Belchior. Tenho pena, mas não posso acompanhal-o.

— Porquê ?

— Porque entendo que quem precisa ainda de protecção, não é o homem, é a mulher.

— A mulher ? !

— As leis podem conceder-lhes direitos ; mas não lhes dão a fôrça. Emquanto nós formos os mais fortes, e, portanto, os mais brutaes, quem tem necessidade de amparo e de defeza são ellas, e não nós. Além disso, amigo Belchior, convidaram-me hontem para presidente duma "Liga de protecção ás raparigas", e eu acceitei.

— Mas isso é immoral, meu amigo ! Isso é iniquo ! Proteger as raparigas ? E então quem nos protege a nós, que somos victimas d' ellas ? Quem nos defende da obra de se-

dução e de perturbação que ellas exercem por essas ruas, com a cumplicidade do nosso agrado e do nosso silencio, mostrando os braços nus, as pernas nuas, o collo nu, provocando-nos com o olhar, com o sorriso, com os movimentos colleantes das ancas e dos hombros, tentando, a cada passo, a innocencia e o pudor do homem ?

— Você está realmente convencido da sua innocencia, Belchior ?

— Até certo ponto, estou. Da minha e até da sua. As mulheres tiram-nos toda a serenidade e toda a paz. A's vezes, quando vejo passar algumas dellas, com vestidos de vinte e cinco centimetros de altura, as bôcas pintadas, as pestanas enormes, as saias tão curtas que se lhes vêem as pernas, os decotes tão abertos que se lhes vê o seio, sabe o que me apetece ?

— Calculo.

— Não calcula, não senhor. Apetece-me chamar um policia e gritar-lhe : "prenda-me aquellas senhoras, que estão a contender commigo !"

Nisto, duas bellas mulheres, que se diriam a illustração, feita por Rafael Kirchner ou por Léo Fontan, da terrivel mercurial do meu amigo Belchior, esbeltas como antilopes, pintadas como caixas de aquarella, perturbadoras como espuma de Champagne, entra-

ram na pequena sala dourada do *Tavares*. O velho sybarita, que acabava de declarar a guerra ao bello sexo — o que são os homens ! — fixou os olhos nellas e caiu em êxtase, de boca aberta, como se tivesse entrevisto, numa revoada de anjos, a porta do Paraizo. Aproveitei o momento para despedir-me e estendi-lhe affectuosamente a mão.

— Onde vae, meu amigo ? — perguntou-me elle, de monóculo na orbita, devorando com o olhar as recem-chegadas.

— Vou chamar a policia, Belchior !

Rubens e Botticelli

HONTEM, numa exposição de frutos—que maravilhosas polpas rosadas, douradas, vermelhas, finas como epidermas, redondas como seios virginaes! — tive o prazer de encontrar a minha velha amiga Madame *Y*. E — coisa curiosa — Madame *Y*, loura, pequena, redonda, polpuda, apetitosa, resumante, corada do sol, deu-me a impressão de que um d'esses frutos se animara e caminhava para mim no mais purpurino dos sorrisos :

— Dê-me os parabens, meu amigo!

— Porquê ?

— Cheguei de Paris, e tive lá uma grande alegria.

— A paz de Kellogg ?

— Oh, não! A paz não me interessa.

Sabe que estão outra vez em moda as mulheres gordas ?

— Devéras ?

— Estou na moda, meu amigo !

Depois de ter examinado minuciosa e conscienciosamente todos os frutos, no numero dos quaes inclui a bela Madame *Y* — que, digamos de passagem, não é tão gorda como a si propria se supõe — sahi daquele colorido certamen pomicola a pensar na singular noticia que ela me dera. Com efeito, eu compreendo perfeitamente que estejam na moda as saias curtas ou as saias compridas, as meias de sêda ou as pernas nuas, os chales de Tonkin ou os cabelos prateados, os cães japonezes ou os perfumes de Coty, os casacos de pelles ou a folha de parra. Comprehendo e aceito. O que eu não comprehendo nem aceito, por maior que seja a autoridade dos dictadores da *fashion* — os mais perigosos de todos os dictadores, precisamente porque ninguem os conhece — é que possa ser ou deixar de ser moda uma certa configuração fisica, uma determinada modalidade anatomica, que não depende, evidentemente, da vontade das suas portadoras, e que não está na sua mão modificar ao sabor do capricho fluctuante dos figurinos. Decretar a moda das mulheres gordas ou das mulheres magras, parece-me tão absurdo como decretar a moda

dos olhos azues ou do nariz comprido, dos dentes brancos ou dos pés pequenos. Estas qualidades ou estes defeitos podem significar para o homem um titulo de preferencia ou um motivo de desgosto ; podem, num dado momento, certas particularidades morphologicas ser postas em favor pelo *snobismo* duma epoca, como o grande nariz dos Bourbons ou como o grande queixo das archi-duquezas de Austria ; mas nunca a compleição com que se nasce ou os acidentes fisicos que se adquirem podem constituir dictames da moda, porque eles não dependem de nós, nem são susceptiveis de ser corrigidos segundo a nossa vontade. Mas — dir-se-ha — as mulheres magras podem engordar e as mulheres gordas podem emmagrecer ; portanto, a acquisição de uma ou de outra destas qualidades não é rigorosamente impossivel. De acordo. Dentro de certos limites, isto é assim. Uma mulher magra pode ser engordada pela super-alimentação, pela sedentariedade e pela obscuridade, como se engorda um pato para fazer *foie-gras ;* e uma mulher opulenta pode emmagrecer pela adopção de regimens dietéticos, de práticas depauperantes ou de acções medicamentosas. Mas num caso e noutro, sobretudo quando se lança mão de processos intensivos, unica forma de obter resultados rápidos, paga-se esse capricho com a saude e,

algumas vezes, com a vida. E' já longo — — infelizmente ! — o martyrologio das obesas que, pelo regimen da fome, se tuberculisam, e pelo uso da thyroidina enlouquecem ou morrem. E, pergunto eu: ha porventura o direito de decretar modas que constituam um convite ou um estimulo a práticas perigosas para o individuo e para a raça ?

Eu não sei, evidentemente, se a informação de Madame *Y* é verdadeira. Ignoro se, com efeito, estamos no jubileu das gordas, e se a esthética da moderna elegancia feminina vae abandonar os tipos delgados de Botticelli para adoptar os tipos planturosos de Rubens. E, com franqueza, não me interessa isso muito. As magras continuarão, apesar de tudo, a ter os seus adoradores, e as preferencias do homem hão de continuar a dividir-se egualmente pelo canon gordo e pelo canon magro, — quando, como o velho Ronsard, não prefiram ambos, *"la rondelette et la maigrelette"*. Mas se, com effeito, a hora dos frutos redondos e polpudos chegou, creio que só temos de nos felicitar por isso. Rubens é muito mais inofensivo do que Botticelli. As mulheres magras hão de fazer muito menos loucuras para parecer gordas, do que, n' estes ultimos tempos, as gordas têm feito para ser magras. Do culto da carne advirão, sob o ponto de vista da saude individual,

consequencias muito menos funestas do que do culto do osso. Entendo mesmo que, desde que não se reconheça sensatamente que a mulher tem de ser, não como a moda quer que ella seja, mas como realmente é e como Deus a fez, todos nós devemos preconisar a superioridade da beleza abundante sobre a beleza deficitaria, e a excelencia da linha curva sobre a linha recta. As victimas que o canon botticelliano tem feito são aos milhares por esse mundo; e se considerarmos bem os inconvenientes que para a saude de muitas mulheres e para a vitalidade da sua descendencia resultam das perigosas práticas do emmagrecimento forçado, havemos de concordar que, nas aparencias deste assumpto futil, se occulta um problema grave. Os moralistas têm condenado, sob o ponto de vista da decencia e dos bons costumes, as modas femininas contemporaneas; eu creio que é chegada a hora de as condenar sob o ponto de vista médico. Falou a moralidade policial, ouvindo-se, entre outras, a voz de Mussolini; falou a moralidade canonica, escutando-se a palavra solemne de Pio XI; se a medecina um dia falar, o seu depoimento não será, decerto, o menos importante, porque elle interessa, não apenas ás gerações de hoje, mas ás gerações de amanhã. Eu não quero, seguramente, que a moda seja decretada pe-

los médicos, porque seria, com certeza, horrivel; mas estimava que todas as fantasias e todos os caprichos dos dictadores da elegancia moderna se mantivessem dentro dos limites impostos, já não digo pelo bom senso (era pedir demais), mas pela saude do corpo e, até, pela saude do espirito. Será isso possivel ? Talvez. Se é verdade o que me afirmou esse pequeno pecego rosado e louro que é Madame *Y*, o culto de Rubens trará comsigo, na aza voluvel da moda, o culto da saude. O que eu sinceramente desejaria é que o jubileu das gordas não durasse apenas o tempo das rosas de Malherbe, e que Madame *Y* pudesse muitas vezes dizer-me, pequenina, sorridente e gorda como os anjos da pintura flamenga :

— Continuo na moda, meu amigo !

O Voto de Eva

O sr. Baldwin, querendo ser amavel para com *lady* Baldwin, cujas tendencias literarias e feministas são conhecidas, apresentou ha tempo á Camara dos Communs uma proposta concedendo o voto politico a todas as mulheres inglezas que tenham completado os 21 annos. O Parlamento, examinando agora essa proposta e considerando que, para onze milhões de eleitores homens, haveria treze milhões de eleitores mulheres, resolverá naturalmente no sentido de, só a partir dos 25 annos, reconhecer ao sexo fraco — que eu já não sei, na verdade, qual é o forte... — as qualidades de eleitor e de elegivel. Em todo o caso, dez milhões, pelo menos, de filhas de Eva — para não dizer filhas de Adão

— terão amanhã, mercê da generosidade conjugal do primeiro ministro, o direito de fazer pesar o seu voto na balança politica da Grã-Bretanha. Que consequencias advirão d'este facto, mais importante do que muita gente julga ?

Já ouvi afirmar que a maior parte do eleitorado feminino resolverá o problema não indo ás urnas. O numero de abstenções — pensam alguns homens publicos inglezes — deve ser consideravel. E' de crer que possuam razões fortes para pensar assim ; devo confessar, porém, que, tendo passado recentemente bastante tempo em Londres, vim de lá pensando exactamente o contrario. A ingleza tem o culto do dever, o respeito — para não dizer o orgulho — do seu sexo, e, justamente ciosa de todos os postos que tem conquistado, não deixará de exercer um direito pelo qual tão denodadamente luctou. O movimento suffragista não foi apenas o delirio violento de uma minoria de loucas chefiadas por essa mesma *mistress* Pankurts, feia e velha, que ainda ha pouco tempo agitou, numa propaganda eleitoral desvairada, o bairro de Whitechapel ; o "suffragismo" apaixonou geralmente a população feminina ingleza, e embora nem todas as mulheres — como nem todos os homens — pretendam seguir a carreira politica, a verdade é que todas se re-

conhecem no direito de intervir, com o seu voto, na vida do Estado, sobretudo desde que as funcções do Estado deixaram de ser privilegio exclusivo do sexo masculino. Uma jornalista americana, *miss* Margaret Culkin Banning, que ha mezes fez uma conferencia em Londres, pretendendo provar, pelo desinteresse da mulher pelas funcções politicas, a sua inaptidão para o exercicio d'essas funcções —"desinteresse é inaptidão", disse ella — enganou-se, porque confundiu a aspiração ao direito do voto, que é geral na mulher ingleza, com a ambição do poder, que é excepcional. Nem todas, evidentemente, querem governar ; poucas são aquellas para quem a felicidade reside, como para *miss* Margaret Bonfield ou para *lady* Astor, numa pasta de ministro ou numa cadeira na Camara dos Communs ; mas todas ellas, mães de cidadãos, entendem que têm o direito de designar com o seu voto os cidadãos mais habeis e mais dignos de governar a Grã-Bretanha. As abstenções serão poucas, — estou certo disso ; quasi todas as inglezas recenseadas concorrerão ás urnas.

Mas que valor, que influencia e que significação terá o seu voto ? No eleitorado feminino da Inglaterra existe, sem duvida, um numero consideravel de mulheres cuja situação de independencia economica e de au-

tonomia mental attribuem ao boletim que ellas lancem nas urnas o mesmo valor, a mesma consciencia, a mesma significação politica do voto de um homem. Mas esse numero é insignificante se o compararmos aos muitos milhões de filhas de Eva que ainda vivem — para empregar a phrase pittoresca de Nietzsche — na amoravel condição de "animaes domesticos" ; e o voto d' estas, por isso mesmo que ellas se encontram na dependencia e sob a protecção de um homem (pae, marido ou irmão) não pode considerar-se como a expressão de uma opinião politica autonoma, mas como o reflexo, e, por assim dizer, como o desdobramento do voto d'esse homem. Por conseguinte, na realidade, a proposta de lei do sr. Baldwin — simples ramo de flores que o estadista offereceu a sua esposa — concedendo o voto ás mulheres inglezas, não faz senão reforçar o poder eleitoral dos homens: attribue a cada um d'elles tantos votos quantas são as mulheres em edade de votar que vivem na sua familia, e, portanto, sob a sua dependencia moral e economica. D'onde se conclue, sem esforço, que a victoria das suffragistas — pelo menos até que a mulher ingleza, como já succede á mulher russa, deixe de viver a expensas do marido e adquira autonomia e personalidade — é ainda, em ultima analyse, uma victoria do homem.

Mas — dir-se-á — para chegar a esta conclusão paradoxal temos de partir do principio de que as mulheres eleitoras, que fazem parte duma familia, estão sempre politicamente de accôrdo com o chefe dessa familia. E se assim não fôr ? Se assim não fôr na maioria dos casos — e naturalmente não é, porque não me parece possivel decretar a unidade politica do lar inglez — somos então obrigados a concluir que o ramo de flores do sr. Baldwin não tem nada de inoffensivo, nem para a instituição do Parlamento, nem — o que é mais grave — para a instituição da familia. Se as mulheres e as filhas de John Bull se permittirem o luxo de ter opiniões politicas differentes das opiniões dos paes ou dos maridos em cuja dependencia vivem ; se, sendo John Bull conservador, a mulher fôr liberal e as filhas trabalhistas, — succede, naturalmente, que todas as divisões e todas as dissenções da politica britanica se projectam nos lares domesticos, perturbando irremediavelmente a mais profunda e a mais patriarchal de todas as serenidades, — que é a serenidade da familia. Não haverá lar que resista a um periodo intenso de propaganda eleitoral. E como os lares inglezes não são outra coisa senão as cellulas vivas da Grã-Bretanha, a lei que concede o voto ás mulheres, desagregando as

familias, introduzindo nellas a divisão e o odio, attinge, na sua acção destruidora, as raizes da propria nação. Por conseguinte, não ha sair daqui : a lei Baldwin, ou não consegue os seus fins, porque, propondo-se crear a influencia eleitoral da mulher, só augmenta, afinal, a do homem ; ou, desde que produza o fim desejado, destroe a paz das familias. Quer dizer: ou é inutil, ou é prejudicial.

Mas significa isto que eu seja contrário, em principio, á concessão do direito de voto á mulher ? De modo nenhum. Com o que eu não concordo é com a concessão d' esse direito a todas as mulheres. A lei Baldwin, egualando, perante as urnas, a totalidade das inglezas de mais de 21 annos — ou de mais de 25, se Westminster quizer — consagra um erro fundamental. Ha certamente mulheres que, pela sua cultura, pela sua autonomia mental, pela independencia economica que lhes conferem a sua profissão ou os seus bens, pela extensão da sua influencia, pelo valor das contribuições que pagam ao Estado, por varias circunstancias, emfim, têm tanto ou mais direito á afirmação do seu voto politico, do que muitos homens. Mas essas mulheres constituem, mesmo na população feminina ingleza, uma pequena minoria. A grande maioria do eleitorado — do "bello eleitorado", como lhe chama uma feminista illustre — é

formada por filhas de Eva cuja apagada domesticidade, cujo analphabetismo civico, cuja situação de absoluta dependencia moral e material, não lhes permittem que exerçam o suffragio com liberdade e com convicção. Os seus votos não representam uma opinião politica livre e consciente. Querem votar ; mas votam no candidato que o homem de quem dependem lhes indica, o que equivale a multiplicar o voto d'esse homem. E quando, porventura, procurem libertar-se, affirmar a sua personalidade, dar consistencia e individualidade ao seu voto, criam o conflito na familia, — porque a sua liberdade politica é ainda incompativel com a sua servidão domestica. Como obviar a esse mal ? Naturalmente, por uma de duas maneiras : ou libertando todas as mulheres da tutela juridica e da dependencia economica dos maridos e dos paes, como na Russia, para que ellas possam livremente exercer o suffragio, — ou restringindo o direito de voto áquellas que, pela sua situação de cultura e de independencia, estejam em condições de usar d'elle.

E aqui têm, minhas senhoras, as razões porque eu me permitti não concordar com a lei do sr. Baldwin. O que vale é que o primeiro ministro, ao solemnisar por esta forma as suas felizes bodas de prata, não se preoccupa absolutamente nada com o meu desaccôrdo.

O Delirio da Nudez

NO *reading-room* de um dos hoteis do Estoril — onde vim descançar das fadigas duma vida excessivamente agitada — deparou-se-me, num jornal italiano de caricaturas intitulado *Il travaso del idee*, uma pagina de Camerini, admiravel de movimento e de intenção critica, em que o caricaturista nos dá a impressão da praia de Ostia, á hora do banho, precisamente no momento em que um agente da policia de costumes — representante da rigorosa moral do sr. Mussolini — apparece, de surpresa, junto dos banhistas demasiadamente nus.

E' interessante o quadro. Os que estão mais perto da agua correm a mergulhar nas ondas a sua nudez. Outros, procuram cobrir

o corpo com a areia fulva, que os queima. Meninas nuas como oceânides, negras do sol como bombons de chocolate, occultam com as sombrinhas japonezas as suas curvas callipygias, que o *chandail* revela. Uma, que não tem sombrinha, substitue, com vantagem, a folha de parra por um disco de gramophone. Belezas excessivamente despidas refugiam-se nas barracas ; outras, mettem-se de baixo das pranchas ; outras, ainda, fingem-se creanças e arrastam sobre a areia cavalinhos de pau. Um marido sollicito coloca o seu largo chapeu de palha sobre as ancas colleantes da mulher ; uma Amphitrite, aterrada com a vista da policia, quer realizar o impossivel de esconder a sua nudez por detraz de um livro que está lendo ; duas raparigas, que jogam quasi nuas o xadrez, disputam a posse do taboleiro para occultar com ele a ondulação daqueles dourados pomos que o poeta comparava a limões. Um verdadeiro terror pânico agita a multidão mythologicamente nua, que corre em todas as direcções, que se encolhe, que se ennovela, que entra pelo mar, esperando, anciosa, que lhe caia do céu uma toalha, um jornal, um lenço, uma folha sêca, um pedaço de nuvem, qualquer coisa capaz de dissimular, de camuflar a sua nudez perante aquele inflexivel agente policial, representação viva do pudor

culottier do sr. Mussolini. Exagero do caricaturista ? Expressão do que é, na realidade, a policia de costumes italiana, que pretende obrigar toda a gente, para tomar banho, a vestir a armadura de Carlos V ? Seja como fôr, a pagina de Camerini não podia deixar de ser considerada suggestiva para quem, como eu, vinha repousar numa praia elegante. E a pergunta acudiu naturalmente ao meu espirito : teriam as audacias da nudez, tão rigorosamente fiscalisadas pelo *Duce*, chegado tambem a Portugal, — ou as praias de banhos portuguezas guardariam aquela discreção e aquele pudor que ainda hoje distinguem as nossas mulheres entre todas as mulheres europeas ?

Ha muito tempo — embora os meus passeios ao Estoril sejam frequentes — que eu não descia á bela praia desta *Côte de Soleil*, hoje tão frequentada por estrangeiros e, sobretudo, por inglezes. E' realmente uma maravilha a bahia azul — de um azul cobalto — que, de um lado, termina na mole negra da cidadela de Cascaes, e, do outro, na ponta longinqua, vagamente dourada, de S. Julião da Barra. E a praia, propriamente, embora não seja muito vasta, tem a luminosa beleza das praias atlânticas : sol claro, areia limpida e fina, declive suavissimo, mar sereno, e, nos primeiros planos, aquele especial

tom glauco da agua, com irisações de pedra preciosa, que inutilmente se procura nas praias mediterraneas, inalteravelmente azues. N' essa manhã, a praia inteira refulgia. A scintilação do mar, o brilho fulvo e coruscante da areia, não se podiam olhar sem umas lunetas fumadas. Abriguei-me na sombra dum toldo e dispuz-me a observar a colorida multidão que formigava á beira do oceano. A impressão que desde logo recebi — impressão consoladora — foi a de que (pelo menos no que respeita ás portuguezas) uma policia de costumes, mesmo demasiadamente exigente, não teria ali muito que reprehender. As maiores audacias, só as encontrei no elemento feminino estrangeiro, que com frequencia visita o Estoril e que para qui traz, naturalmente, os usos e os abusos das grandes praias européas. Só em inglezas e allemãs vi o *maillot* colado ao corpo, as pernas completamente nuas, a modelação do ventre e da anca revelando pormenores de anatomia que o bom gôsto, mais ainda do que a boa decencia, mandariam de preferencia occultar. As portuguezas, não. Um rapido golpe de vista basta para as distinguir das estrangeiras, pela sobriedade, pela moderação, pelo justo equilibrio entre a indiscreção moderna e a *pruderie* antiga, pelo bom senso que inspira e dirige as pequenas concessões por ela fei-

tas ao espirito pagão e á elegante desvergonha das praias contemporaneas. E' possivel que o seu *chandail* seja por vezes omisso, ou o seu calção por vezes curto. Mas que importa, se a portugueza — salvas raras excepções — não passeia nem exibe a sua nudez ? Que importa, se ela sabe envolver a polpa rosada da sua carne nua numa larga capa discreta, que ao mesmo tempo a occulta e a revela, a veste e a despe, — bem mais interessante pelo que nos suggere do que pelo que nos mostra, pelo que nos deixa adivinhar do que pelo que nos deixa entrever ? Não. A policia de costumes não teria muito que fazer nas praias portuguezas, — pelo menos no que respeita ás nossas mulheres. Porque elas são mais pudicas do que as outras ? Porque o seu fino instinto lhes segreda que a nudez feminina — na sua ostentação ao sol mordente das praias — não é a voluptuosidade, e, menos ainda, é a beleza ?

Toquei, agora, precisamente o ponto sensivel, ou, como dizem os diplomatas, o "ponto nevralgico" da questão. Eu creio que o sr. Mussolini actua como um mau psychologo quando prohibe, usando do duplo rigor da sua autoridade e da sua policia, a excessiva nudez nas praias de banhos. Prohibir essa pratica é, de certa maneira, estimulal-a. Confessar á mulher que a sua nudez é tão provo-

cante e tão perturbadora que constitue um perigo de ordem moral, equivale a um convite para que ela se desnude ainda mais. O espirito feminino é assim, e a boa policia de costumes não pode desconhecer as subtilezas e as contradições da sua psychologia. O *Duce* teria obtido melhores resultados — ele, que tem ao seu serviço, humildemente, a opinão — convencendo a mulher de que rarissimas vezes a nudez feminina é bela, e de que a exibição, á luz viva das praias, d'esses galbos de pernas nuas, imperfeitamente musculadas, mulatoides á força de bronzeadas pelo sol, longe de ser agradavel ou estimulante para o homem, é, pelo contrario, um espectaculo inesthetico e deprimente. E convencel-a d' isso era facil, — porque seria convencel-a duma verdade. Raro é o corpo de mulher que resiste á ostentação pagã das suas formas n'uma praia de banhos, mesmo em plena mocidade, mesmo na plena posse de todas as suas seducções juvenis. Desnudar é sempre desencantar. Desnudar n'uma praia, sob a crueza duma luz inimiga e implacavel, que revela todas as imperfeições, que endurece todos os contornos, que queima, como uma labareda, todas as delicadezas da côr, — é mais do que desencantar, porque é desfeiar. Se muitas mulheres soubessem quanto a exibição imprudente dum corpo mal tratado as

diminue no prestigio da sua beleza, com certeza que se desnudariam menos. A portugueza possue, talvez, esse instincto; e por isso se abstém, por um sentimento não apenas de pudor, mas de defeza, de exhibir o seu corpo nu, como um cartaz. Se assim é, devemos felicitar-nos por isso. A civilisação não recuou tanto que tivessemos regressado ao Génesis, nem ainda entrou nos habitos da mulher moderna — pelo menos da mulher virtuosa — pintar o corpo como pinta a cara e tratar das pernas como trata das unhas.

Foi com prazer que, ao voltar ao *reading-room* do hotel, revi a hilariante pagina de Camerini. Ela não poderia, com certeza, ter sido feita em Portugal.

Galeria de Retratos

O Quarto da Rainha

PERCORRENDO os livros do meu "diario", não sei já para quê, encontrei uma pagina antiga, referente a dezembro de 1923, data em que, pela segunda vez, sobracei a pasta dos Negocios Estrangeiros. Embora escripta para não ser lida, como todas as paginas dos "diarios" intimos, parece-me interessante publical-a, porque define um estado de espirito muito conhecido de quem, por infelicidade sua, e, algumas vezes, dos outros, tem exercido funcções ministeriaes. Ei-la :

A escravidão de governar — escravidão que pela terceira vez conheço — tem as suas compensações. Uma d'ellas, é a "exaltação do prazer de estar só". Com effeito, nunca

senti tão vivamente esse prazer, como agora. Só depois de um dia inteiro de fadiga, de horas e horas de recepção em que os importunos se succedem, em que a cabeça se esvae, em que a capacidade de attenção se esgota, é que nós podemos apreciar, saborear bem a calma, a delicia, a quasi beatitude de uns momentos de solidão. Foi o que me succedeu ha pouco. Declarei terminantemente que não recebia mais ninguem, fechei a porta, accendi um cigarro, e sentei-me ao canto do fogão — emfim, só! — sentindo crepitar as brazas, seguindo com o olhar o fumo azul dum *silk tipped*, e entregando-me ao imcomparavel goso mental de não pensar em coisa alguma.

Mas, uma pessoa que não pensa em coisa alguma (diz Pierrot, numa velha comédia italiana) pensa ainda, pelo menos, naquillo que a rodeia. Os meus olhos percorrem, com volubilidade, o gabinete em que me encontro, e eu sinto, duma maneira vaga, que me sinto bem. Na verdade, esta sala em que costuma viver os seus bons e os seus maus momentos o ministro dos Negocios Estrangeiros, é tudo quanto ha de mais acolhedor e de mais agradavel. Não sei se já notaram que os interiores são, como as pessoas, sympathicos ou antipathicos. Ha salas que, á primeira vista, falam; que, sem sabermos

porquê, nos atraem ou nos repellem; e a que nós, insensivelmente, attribuímos qualquer coisa de humano. A suprema originalidade d'esse extraordinario artista americano que só pinta salões desertos, bibliothecas desertas, *halls* desertos — o illustre Walter Gray — está em ter comprehendido que em cada interior deshabitado existe uma alma. Walter Gray, nos seus quadros célebres, surprehendeu a alma que dormia na chaminé de faiança de *Blue and White*, na "Sala Dourada" do Museu Corner, de Veneza, e na inquietante alcôva branca do castello de Sussay. Eu considerar-me-ia feliz se pudesse revelar a alma infinitamente sympathica e attrahente que palpita nesta pequena sala do Palacio das Necessidades, clara de tons, dôce de luz, que foi quarto de dormir duma rainha, que é hoje o gabinete onde um ministro se aborrece, e onde — vejo-o agora, na verdade! — — nada existe que não seja uma obra de arte, ou um pormenor de elegancia, ou um motivo de evocação. Deus do céu, como chove, lá fora, — e que deliciosa é a tepidez destas quatro paredes onde estou só, inteiramente só, voluptuosamente só!

Olho em volta, e tudo me dá a impressão de calma, de harmonia, de equilibrio, de repouso. Sente-se que tudo é o que deve ser, que tudo está no seu logar proprio. A chami-

né de marmore branco a que me aqueço, um Império admiravel, imprimiu caracter e estylo a toda a sala : é Império a sêda clara das paredes ; Império, os alçados de talha onde palpita a alma luminosa dos espelhos ; Império — acajou e bronze dourado — a secretaria, os *fauteils*, os tamboretes, o canapé de onde, a cada momento, eu julgo ver erguer-se, numa névoa de musselina branca, a loura Madame de Récamier ; Império, emfim, o grande lustre de Veneza que enche a sala, que a domina, que levanta para o tecto os seus tentaculos de cristal em que a luz se irisa, e estremece, e goteja, e escorre em lagrimas de côres. Os proprios retratos — apenas dois — que povoam as paredes, são antigos conhecidos da época. E' o Marquez de Lavradio, D. Luiz, ministro de D. João VI, gordo, affavel, risonho na sua casaca encarnada onde se destaca a mancha azul do "*Espirito Santo*" ; é, em corpo inteiro — soberbo retrato de Pelegrini ! — o velho Conde de Basto, ministro de D. Miguel, o homem da fôrca, que olha para nós, que nos mostra as suas horriveis meias brancas, e cujo cadaver havia de ser mais tarde arrastado, exhumado, dilacerado pelo povo nas ruas de Coimbra. Ha seis, ha oito annos apenas que tudo isto está aqui. E, entretanto, dir-se-ia que todas estas telas, todos estes móveis, as pro-

pias talhas da China, bojudas e enormes, que adormecem nos vãos das janellas, envelheceram uns ao pé dos outros ; que ha cento e tantos annos estão nestes mesmos logares, cobrindo-se da mesma poeira, dourando-se da mesma *patine*, impregnando-se da mesma alma, — essa alma inquieta das coisas que nós teimamos em chamar inanimadas, mas que se animam, que vivem, que falam, que nos espreitam dos interiores de Vermeer de Delft e de Peter de Hook, que chegam a perturbar-nos na admiravel "Sala de Fontainebleau", de Walter Gray, onde não ha uma unica figura, onde ha apenas um pequeno cão dormindo, e onde, apesar disso, o nosso espirito vê e sente todo o drama da vida. Pela segunda vez — é curioso ! — o nome de Walter Gray acode á minha memoria. Talvez porque ninguem soube, como esse pintor americano, perscrutar o sentimento dos objectos, surprehender as intimas relações que entre entre elles se estabelecem, sentir a alma collectiva que resulta do convivio das coisas, e que dá a todos os interiores, apparentemente deshabitados, aquillo que este realmente tem, que nelle realmente se sente, — vida, emoção, personalidade.

A chuva bate com força nas vidraças. Anoitece. O lustre, os espelhos, as faianças scintillam, flammejam. Estendido num *fau-*

teuil onde podia muito bem ter dormido a sésta Junot, olho melhor a sala. O que a enche, o que a povôa, não são bem as coisas visiveis, são as coisas invisiveis ; não é o que nella vive, foi o que nella viveu ; não são os objectos, são as sombras. Antes de ser o gabinete dum ministro, era aqui o quarto de dormir duma rainha. Pegadas á sêda destas paredes, ha muitas recordações, muitos farrapos de alma, muita galanteria ainda não esquecida, muitas lagrimas ainda mal enxutas. O passado continúa a viver, a palpitar aqui dentro, e alguma coisa delle se communica e se transmitte ao presente, —— uma vaga inquietação, um longinquo murmurio. Se colasse os ouvidos a estas portas, pintadas, á maneira italiana, de grinaldas de rosas côr-de-rosa, ouviria ainda, como se ouve o mar nos velhos buzios, os beijos, os risos, os gritos de dôr, os écos perdidos da vida que aqui passou. Lembro-me bem dessa rainha exilada. Olho estes espelhos, que tanta vez reflectiram a sua imagem — eram os mesmos de então — e julgo vêl-a num fugitivo lampejo, alta, olympica, affavel, primeiro a timida flôr-de-lis mandada noiva para Portugal, ainda um pouco burgueza, ainda um pouco *Sacré Coeur ;* depois, a magestosa, a esculptural mulher, Vénus de Orleans, cysne branco cuja belleza Carlos Reis immortali-

zou num retrato célebre, e a cujos pés cairam montanhas de flores. Está hoje, é certo, muito longe daqui; mas alguma coisa d'ella vive dentro d'estas quatro paredes, alguma coisa que eu presinto, que se me communica, que os meus sentidos apprendehem, — talvez o murmurio apagado da sua voz, o aroma esmaecido dos seus cabellos, a poeira invisivel que a cauda do seu ultimo vestido arrastou. Sente-se a sua presença. Advinha-se, n'este velho tapete persa, o rumor abafado dos seus passos. Como dizia a Rosanette da *Educação Sentimental*: *"Ça rappelle des souvenirs..."* Não é só a noiva régia que a minha imaginação evoca, neste momento; não é apenas a confidencia de encantos intimos, *le coucher de la mariée*, como nas estampas galantes do seculo XVIII; é a rainha de luto, a *Mater Dolorosa*, figura arquejante e negra que chora sobre o corpo sanguinolento do filho morto, trazendo ainda nas mãos o ramo de rosas com que fustigou os assassinos... Ha treze annos, como o tempo passa! Ha treze annos — e quanto sangue tem corrido!

Olho, pela janella, a praça fronteira, sombreada de arvoredo. A chuva e o crepusculo dão-me a impressão de que é cinza que cae. Para a banda do poente, o céu parece de fogo. Lá em baixo passam, apressadas, vagas for-

mas humanas. Esperto, de novo, as brasas do fogão. Accendo outro cigarro. Ha uma hora já contada pelo grande relogio Império, que eu experimento a delicia de estar só. Inteiramente só ? Não. A solidão completa é impossivel nas salas demasiadamente habitadas pelas memorias do passado. Vive aqui, palpitando á minha volta, a alma inquieta das coisas. Da profundidade luminosa dos espelhos, espreita-me uma multidão. Sinto que sombras familiares me rodeiam, se assentam á minha mesa, e olham para mim. E' agradavel, sem duvida, a solidão. Mas confesso que é com prazer que ouço abrir-se aquella porta, e uma voz perguntar, no silencio :

— Pode-se entrar ?

Bertha Singermann

QUANDO Bertha Singermann apareceu, n'um palco de Lisboa, para começar as suas recitações, foi — confesso — a mulher que em primeiro logar me interessou. Um pequeno corpo de ave friorenta; um sorriso tímido, cheio de inteligencia e de candura ; uns braços nus, de linhas harmoniosas, braços de bailarina, ao mesmo tempo musculosos e delicados, surgindo dum peplo branco e cruzados sobre o peito ; a atitude modesta, hesitante, medrosa, de quem pede desculpa de ter incomodado tanta gente para vir ouvil-a. Bonita ? Creio que sim. Uma belleza intelectual, aberta, iluminada — a "beleza difícil de precisar", em que fala Tolstoi — que nada tem de comum com a regularidade das

feições e que procura apenas seduzir pela infinita graça da expressão. Tipo slavo, pouco acentuado ; cabeça pequena de deusa grega ; malares levemente salientes ; labios finos ; e — como duas chammas inquietas — uns admiraveis olhos côr de tabaco de Espanha, grandes, fendidos em amendoa, inteligentes, penetrantes, um pouco frios. Não sei porquê — talvez a testa alta, o nariz — lembreime, ao vêl-a entrar na scena, do retrato da sua compatriota Maria Bashkirtseff, a *"Notre Dame de Sleeping-Car"*, de Maurice Barrés.

Bertha Singermann esperou, de olhos baixos, que o publico se immobilisasse, que desaparecessem os ultimos ruídos. Depois, quando se restabeleceu o silencio, o seu corpo contraiu-se ; começaram a agitar-se-lhe o torax e os braços numa vibração quási imperceptivel ; semi-cerraram-se-lhe os olhos ; tive a impressão de que ella procurava concentrar-se, suggestionar-se, acumular força nervosa, criar o estado de emoção indispensavel ao trecho que ia interpretar. Subitamente, a fisionomia iluminou-se-lhe. Como nos instantes que precedem os primeiros acordes duma grande orchestra, um arrepio percorreu a plateia : quando Mme. Bertha, parecendo obedecer ao signal duma batuta invisivel, principiou a recitação da primeira poesia — *Alegria del Mar*, de Capdevilla — todo o

publico estava suspenso dos seus labios. Que tesouro, que prodigio de voz, quente, volumosa, rica de modulações, opulenta de timbres, voz em que ha de tudo, estridencias de clarim, tilintar de sinos, gorgeios de ave, rugidos do mar, murmurios do vento, violinos que choram, címbalos de prata que retinem, — uma inesperada riqueza orquestral que torna possiveis todos os descritivos, todas as onomatopeias, todos os efeitos sonoros! Foi a minha primeira surpresa. Ninguem diria que daquelle peito morbido, daquelle corpo delgado, pudesse sair uma voz assim. Compreendi então como a grande artista conseguiu fazer-se ouvir, ao ar livre, num Colyseu do Mexico, repleto de povo. Mas o que ha de admiravel em Mme. Bertha — e eu notei-o desde as suas primeiras palavras — não é apenas o maravilhoso orgão vocal que possue; é a maneira porque se serve dele, dominando-o completamente, graduando os seus efeitos, utilisando-o com uma segurança, uma nitidez, uma exactidão de valores, uma riqueza de inflexões, um instinto musical, um sentimento da côr e do rithmo, que me levaram a comparar as suas recitações a bailados russos, porque Bertha Singermann diz versos como Karsovina ou Napierowska dançam, — com uma infinita e desesperadora virtuosidade.

Recitações, disse eu ? Não. A grande *virtuose* não é, como toda a gente julga e como eu proprio o suppusera, uma recitadora, uma declamadora lírica de talento. Não se limita a dizer versos ; arranca a esses versos o potencial de alma que eles conteem, sente-os, anima-os, vive-os, interpreta-os, consubstancia-se neles, numa palavra : representa-os. Não é apenas uma *diseuse ;* é uma actriz. Foi essa a grande surpresa que Mme. Singermann me trouxe ; e é isso que constitue a verdadeira originalidade dos seus processos e da sua arte. Dotada duma viva inteligencia critica, duma aguda penetração psychologica, esta grande interprete das literaturas estuda profundamente as composições que vae interpretar ; completa-as, procurando, para além do texto de cada poema, o que nele existe e não foi traduzido em palavras, — os seus "raios ultra-violetas", detentores do mais forte poder de emoção ; realiza depois o trabalho da lenta trans-substanciação da alma do poeta ou dos seus herois para a sua propria alma ; e quando já é ela que sente aquelas paixões, que sofre aquelas dôres, que pensa com aquelas palavras, quando a obra de identificação espiritual do poeta e da sua interprete se completou, Bertha vive na scena o poema, representa-o, realiza-o, não com a emphase lírica dos declamadores vulgares, mas

com a verdade humana, o sentimento, a sinceridade, a vibratilidade, o gesto, a comunicativa eloquencia duma perfeita comediante. Dizendo uns simples versos, toda ela é expressão : os braços, os olhos, a mascara, o corpo inteiro, que vibra, que estremece, que se transforma, todo ele, num equivalente expressivo da emoção do poeta. A mais ligeira poesia, interpretada por Bertha Singermann, converte-se numa obra dramatica, porque adquire, não só uma maior amplitude humana, mas uma realidade scenica integral. E' o que sucede, por exemplo, com o *Gigante*, de Andreef, com o *Soldado de chumbo*, de Klingsow, com os *Sinos*, de Poe ; e é isso que assombra e desconcerta os poetas que, pela primeira vez, ouvem as suas proprias composições ditas pela eminente artista. Muitos deles confessam-se surpreendidos pela quantidade de coisas novas que Mme. Berta encontrou nas suas poesias, e que elles nem sequer suspeitavam que lá estivessem. E o autor da *Alegria del Mar* disse um dia a Berta Singermann, depois de a ter ouvido interpretar essa composição magistral :

— Não foi assim que eu senti a minha poesia, ao escrevel-a ; mas era na verdade assim que a devia ter sentido...

Assisti apenas a duas audições da grande actriz *porteña*. Afazeres inadiaveis não me

permitiram assistir ás outras. Mas conversei com Mme. Singermann no *Avenida Palace*, e essa conversa acabou de me instruir acêrca da sua arte e das suas aspirações.

Observei-a, então, mais de perto. O dia amanhecera frio, e de Mme. Bertha, afundada num dos Maples do salão, embrulhada num casaco de pelles, só se via aquillo que nella tem mais expressão e mais caracter: os olhos e as mãos. Não conheço as mãos célebres da actriz americana Miss Meggie Albanesi, longas, brancas e nobres; mas creio que as de Bertha Singermann, não sendo célebres ainda, devem ser muito semelhantes. A mão — já o disse o poeta inglez Browning — revela a mulher; toda a arte daquella que ha-de ser um dia a "gloriosa Bertha" estava ali, diante de mim, n'essas mãos nervosas, espirituaes, aristocraticas, mais alma do que materia, mais fluido do que forma, mãos compridas e angélicas de figura do *Greco*, que — por singular contraste — surgiam tímidamente da pelle dum animal feroz. Permiti-me lembrar-lhe que ella não era, como os programmas indicavam, uma simples artista declamadora, mas uma extraordinaria actriz; e manifestei-lhe o desejo de que aquelas mãos admiraveis, que tão eloquentemente sabiam dramatisar todas as ancias e todas as paixões, se convertessem ámanhã em sintheses expressivas, não

apenas das pequenas composições, mas do grande theatro. Bertha Singermann disse-me que pensava, realmente, em organisar uma companhia para representação de dramas e comedias segundo os processos novos, porque — já o afirmara Oscar Wilde —"são sempre os novos que tem razão". Mas disse-mo sem convicção e sem enthusiasmo. Eu creio que, no intimo do seu coração, a grande artista desejaria continuar a ser uma simples interprete de poetas, — a primeira duma longa e branca theoria de Musas que, depois della, sobre os cothurnos doirados de Polymnia, ha-de passar nos palcos de todo o mundo. O seu instinto e a sua confiança em si propria dizem-lhe que a sua obra ha-de ter continuadoras, que o seu exemplo frutificará, que as recitações estarão em breve na moda, e que ella, fazendo reviver pela voz da Mulher a alma dos Poetas, contribuirá para o renascimento universal do culto da poesia. Ficar na historia das literaturas como a inspiradora, a animadora, a vulgarisadora da obra poética das ultimas gerações, é talvez melhor para Bertha Singermann do que ser mais uma interprete — entre tantas! — do drama moderno ou da trágedia clássica.

Quando me despedi d'esta singular mulher, uma névoa de melancolia embaciava-lhe os olhos. Seria a incerteza do seu futuro ar-

tistico ? A indecisão entre a Musa a a comediante ? Seria a ancia de horisontes sempre diversos, de uma arte sempre diferente, de uma constante renovação espiritual ? Seria, emfim, a dolorosa insaciedade que se projecta, como uma sombra, na alma de todos os grandes artistas ? Creio que foi Mme. de Stael que o disse : *"Pour une femme, la gloire n'est que le deuil éclatant du bonheur..."*

Mistress Pankurst

PRECISAMENTE na hora em que a lei Baldwin, que concedeu o voto politico a todas as mulheres maiores de 21 annos, era approvada em terceira leitura na casa de Westminster, *mistress* Pankurst, a celebre *leader* do movimento feminista inglez, morria obscuramente em Londres. A morte arrebatava-a no momento da sua maior victoria. A suprema aspiração desta agitadora pertinaz — vontade de ferro num corpo fragil e feio de doente — acabava de ser gloriosamente realisada: a mulher tinha attingido, na Inglaterra, a plenitude dos seus direitos politicos.

Ao lêr o telegrama nos jornaes, lembrei-me da memoravel campanha suffragista que ha quinze annos — pouco antes da Grande

guerra — alarmou a Grã-Bretanha e espalhou o "terror feminino" em Londres. Essa campanha foi, pode dizer-se — desde a lucidez das suas affirmações doutrinarias até ao paroxismo das suas manifestações violentas — obra de *mistress* Pankurst. Foi ella, futura creadora da *W. S. P. U.* (União Social e Politica das Mulheres), o génio mau que, como a Praxágora de Aristophanes, exacerbou a nevrose feminina, não apenas na patria de John Bull, mas na Europa inteira. Houve quem a considerasse mais do que uma grande mulher — um grande homem. E quando, já doente — pobre mumia ruiva e sardenta, toda ossos e toda nervos — publicou o seu livro sensacional, *A minha propria historia*, aquelles mesmos que se tinham rido das suas extravagancias, que lhe tinham atirado batatas nos tumultuosos comicios de Hyde Park, que tinham pedido para ella a cadeia e não sei se a forca, — foram obrigados a confessar que essa propagandista selvagem dos direitos e das liberdades do seu sexo, expressão activa de um perigoso mysticismo politico, era, em ultima analyse, uma mulher superior e um espirito dotado de excepcionaes capacidades de organisação e de acção.

E' conhecida, nas suas linhas geraes, a lucta da mulher ingleza pelo direito de voto. Esse direito, conferido pela primeira vez a

Miss Eva em 1832, foi-lhe cerceado pouco depois pelo *Reform Act*, que restringiu aos "individuos masculinos" a capacidade de eleger. Em 1840, as mulheres começaram a ter a consciencia da fôrça que para ellas representava o suffragio, e organisaram a sua primeira campanha "suffragista". Passados vinte annos duma lucta que não conheceu a violencia e que se limitou a affirmações de caracter doutrinario, a causa feminista viu ao seu lado, inesperadamente, o glorioso collete amarello de Stuart Mill. O grande philosopho, eleito deputado em 1865, fez a sua profisão de fé reclamando para as mulheres o direito de representação parlamentar ; em 1866, affirmou que ellas não deviam ser apenas elegiveis, mas tambem eleitoras, e propoz, sem resultado, que lhes fosse conferido o direito de de voto ; renovou mais tarde a sua iniciativa, perante a indiferença glacial dos "communs" ; e, embora novamente batido por 194 votos contra 81, não deixou dahi por diante — apostolo fervoroso dos direitos da mulher — de verberar nas suas obras um regimen que consagrava iniquamente a incapacidade politica da metade mais bella e talvez mais inteligente da humanidade. O insuccesso de Stuart Mill desanimou as suffragistas e levou-as a restringir as suas aspirações ao simples voto municipal. Com effeito, em 1869,

Jacob Bright — outro apostolo da causa — — defendia e fazia adoptar pelo Parlamento uma proposta tendente á concessão do voto administrativo á mulher ; mas, tentando depois uma nova proposta respectiva ao voto politico, era derrotado por grande maioria, como já o fôra o seu eminente antecessor. O fleugmatico bom-senso da Camara dos Communs recusava-se a conceder á mulher ingleza uma força que — diziam elles — a propria natureza lhe negára. Entretanto, a iniciativa era renovada ainda uma vez em 1907 ; e, finalmente, em 1913, quando até já as *bas-bleus* japonezas reclamavam o direito ao boletim de voto, surgiu no Parlamento britanico a tão discutida proposta Dickinson, nova edição, mais audaciosa, das iniciativas de Stuart Mill e de Bright. As suffragistas inglezas sentiram que era aquelle o momento de dar o combate decisivo. Para o exito desse combate, o maior de todos, precisava-se d' um chefe — d'um chefe-mulher, bem entendido — dotado de palavra prompta, de acção rapida, de fé ardente, capaz de passar, sem esfôrço, do campo das doutrinas para o da propaganda pelo facto. E como o destino, sempre previdente, cria as grandes figuras para os grandes momentos, esse chefe appareceu. Foi *mistress* Pankurst.

Lembro-me ainda bem d' esse periodo sem egual na historia das reivindicações femininas, periodo que revelou á Grã-Bretanha e ao mundo a admiravel capacidade revolucionaria da mulher e as suas inesperadas aptidões destructivas. A principio, as suffragistas limitavam-se ás manifestações ordeiras, aos comicios sobre a relva verde de Hyde Park, aos cortejos civicos em Trafalgar Square, aos manifestos, ás conferencias, aos cartazes, ás interminaveis paradas de mulheres velhas e feias. Comprehenderam em breve, porém, que não lograriam compellir o homem a reconhecer-lhes os mesmos direitos, emquanto, para os reclamar, não usassem dos mesmos processos de violencia ; e, impotentes para promover uma greve geral do amor, como haviam feito outrora as pequenas tanagras feministas da comedia grega ou como pretenderam fazer depois as suffragistas italianas da marqueza de Pellicano e as suffragistas *yankees* de miss Mulholand, — resolveram, pura e simplesmente, decretar o terror em Londres. Durante alguns mezes, a cidade do Tamisa foi theatro das mais estravagantes e das mais perigosas diabruras. Um *comité* secreto, inspirado, segundo todas as probabilidades, por *mistress* Pankurst e pela sua logar-tenente miss Drummond, fez destruir os pavilhões de orchideas de New Gardens ; tentou raptar

deputados, ministros e filhos de ministros; violou a correspondencia dos correios e lançou vitriolo nos marcos postaes; fez voar com dynamite estações de caminho de ferro; cortou fios telegraphicos em Newcastle; quebrou vitrines de estabelecimentos; lançou fogo ao castello de Oak Lea e aos pavilhões de Kew e de Rochampton; e, como se pretendesse levar o proprio Deus a occupar-se dum assumpto que até agora parece não o ter interessado demasiadamente, collocou uma bomba de dynamite sob o throno episcopal da cathedral de São Paulo, engenho de formidavel potencia, que só por milagre não explodiu. Produziu-se na cidade um movimento de alarme. As prisões de Londres encheram-se de suffragistas, que, uma vez presas, se recusavam obstinadamente a tomar qualquer alimento. O governo, por sugestão do deputado Kilg, que pronunciou no Parlamento um discurso notavel sobre as "furias suffragistas", mandou applicar ás grevistas da fome um violento e deselegante processo de alimentação por clysteres, que ainda mais irritou as turbulentas filhas de Lysistrata e de Praxágora. Os attentados dynamitistas succederam-se, em Westbourn Park, em Green Park, na Central dos correios, na propria sala de leitura do Museu Britanico, — e a policia, posta em campo, encontrou num atelier de

Notting Hall, quartel-general feminista, um verdadeiro arsenal de bombas e uma collecção de cartazes coloridos em que se lia: "emquanto as mulheres não votarem, nunca mais haverá socego". As sympathias que a proposta Dickinson conseguira crear á sua volta, foram quasi completamente prejudicadas pela onda de hysteria collectiva que passou sobre Londres. Pouco tempo depois, a despeito do sorriso complacente de sir Edouard Gray, o Parlamento negava mais uma vez o direito de suffragio ás mulheres por uma maioria de 266 votos contra 219. *Mistress* Pankurst fôra vencida.

Mas, imaginam que ella desanimou ? De modo nenhum. Mudou apenas de processos — e continuou a lutar. A' politica de violencia, funesta para a causa, succedeu uma politica de attracção, de infiltração persuasiva, de conquista paciente — politica interrompida durante cinco annos pela guerra, e continuada depois, quando a mulher ingleza, elevada e dignificada pelos sacrificios e pelas provações d'esses cinco annos dolorosos, já adquirira uma situação moral e social que a paz nunca poderia ter-lhe dado. *Mistress* Pankurst resgatou então, nobremente, as loucuras e os desvairamentos passados. Depois de ter evangelizado a acção sublime da mulher durante a guerra, a sua voz conquistou a auto-

ridade que lhe faltava na defesa dos direitos e das liberdades do seu sexo. Lutou, sem desfallecimentos, para converter a *W. S. P. U.* no laboratorio onde se preparava a nova situação juridica da mulher ingleza na familia, na sociedade e no Estado. Continuou a bater-se, sobretudo, pelo supremo ideal da Eva eleitora e elegivel. E quando, emfim, no Parlamento, a proposta Baldwin se converteu em lei e o voto politico foi concedido a todas as inglezas maiores de 21 annos — precisamente nesse momento — a grande lutadora, realisado o sonho de toda a sua vida, encostou sobre as almofadas a sua desgrenhada cabeça ruiva e adormeceu tranquillamente na morte.

Mistress Pankurst deve ter sido muito discutida em Inglaterra. Mas ha um pormenor da sua singular individualidade em que todos certamente estarão de acordo : em que ella era convictamente feia. E ainda bem que o foi. Com todas as suas perigosas qualidades, que formidavel instrumento de destruição teria sido esta mulher, se Deus, tão prodigo ás vezes para o seu sexo, lhe tivesse dado tambem a belleza ?

Lucinda Simões

ACABO de ver, estendida no caixão — pequena mumia negra, irreconhecivel, a boca hiante, a mandibula destruida pelos estragos de um carcinoma — uma mulher que o Brazil conheceu no fastigio da belleza e do talento : Lucinda Simões.

Logo que me avisaram do seu fallecimento, corri a casa da eminente comediante, professora do Conservatorio que tenho a honra de dirigir. Já haviam transportado o corpo para a egreja das Chagas. Sobre uma eça baixa, entre quatro pesados tocheiros de prata, o caixão, ainda aberto, mostrava-nos o que restava dessa mulher de superior encanto, fascinadora interprete das altas comedias de Dumas, cuja elegancia, cujo espirito, cuja

belleza subtil, penetrante e diabolica, tanto perturbaram o mundo intellectual e a *jeunesse dorée et adorée* de 1870 a 1880. Nem um traço sequer que recordasse o que ella fôra, — não digo já na sua mocidade esplendida, mas nem mesmo na sua nobre velhice cheia de inteligencia e de dignidade. Seria difficil identificar aquelle cadaver. Eduardo Schwalbach, que me acompanhava, perguntou-me, numa expressão de dolorosa duvida : — "Será realmente ella ?" Adivinhava-se a mesma interrogação em todos os olhares, em todos os rostos que se curvavam sobre aquelle perfil cadaverico — que mais parecia uma fantasia macabra de Goya — sobre aquelle nariz violaceo e cartilaginoso, sobre aquella boca horrivelmente aberta, sobre aquella face em que um lenço negro mal occultava a maxilla inferior devastada pela neoplasia. Era ella, infelizmente. A doença e a morte tinham realizado, em poucos mezes e em poucas horas, uma pavorosa obra de destruição.

Durante os minutos em que velei esses pobres despojos, eu percorri mentalmente, n'uma rapida visão synthetica, a existencia triumphal de Lucinda. Vi-a, adolescente ainda, com os seus grandes olhos negros, a sua testa alta, os seus braços magrinhos, a sua saia de meio-balão, tentando ao lado do pae — o velho actor Simões — os primeiros passos

da vida de theatro. Vi-a, nos seus primeiros exitos, na luz dum pequeno camarim do antigo Gymnasio, rodeada de flores, de presentes, de adorações, de sollicitações, — graciosa *soubrette* de pelle doirada e de sorriso enygmatico, bella promessa de quem poderia dizer-se, como alguem dissera na mocidade de M.elle Raucourt: — *"Il y a là de quoi faire une princesse"*. Vi-a mais tarde, pelo braço do marido — o elegante Furtado Coelho — já no Rio, passeando, em plena rua do Ouvidor, o seu maravilhoso sucesso de mulher e de comediante, despertando paixões, desvairando poetas, resurgindo, no theatro e na vida, toda a theoria perturbadora das mulheres-fataes, das "leôas" amorosas, das princesas funestas de Dumas e de Augier. Evoquei-a no seu brilhante regresso a Lisboa — em plena gloria — heroina coroada de rosas, mestra na arte de representar como na arte de conversar, grande dama que se fazia cercar no theatro por uma côrte de admiradores e servir em casa por creados de calção e meia, renovadora de ideias e de processos, trazendo dentro do seu regallo de pelles, com o *sachet* e o lenço, a nova concepção de uma arte subtil, expressiva, ironica, finamente perversa, essencialmente aristocratica. Recordei (Lucinda passava então dos quarenta e cinco annos, quando a conheci) a estreia agitada do *Pan-*

tano, de D. João da Camara, no Theatro de D. Maria II, em que a sua figura, já opulenta e magestosa — um Rubens trigueiro — nos dava, com impressionante convicção, a perversidade fria e a morbida sensualidade das hystericas ; depois, na temporada da Rua dos Condes — verdadeira escola de artistas — a creação formidavel da *Madame Sans Gêne*, perfeita de estilo e de *patine* Império ; mais tarde, o milagre do *Cyrano ;* e, emfim, quando as faculdades da actriz se attenuaram, toda a sua obra de animadora, de renovadora, de estylisadora, de incomparavel mestra da scena, que teve, como supremo triumpho, o genio dramatico de sua filha Lucilia — a sua maior creação — e, como consagração official, o collar de S. Thiago e uma cadeira de professora no Conservatorio. Pois bem : esses sessenta annos de gloria — em setenta e oito de vida — estavam ali, deante de mim, naquelle caixão negro, naquella mumia horrivel, naquelle farrapo sinistro que o respeito pela dignidade humana teria, de preferencia, aconselhado a occultar. Por que razão não matará Deus, em plena belleza e em pleno triumpho, as mulheres — ao menos as mulheres ! — que a sua divina mão ungiu para mais altos destinos ?

Eu já não conheci a "bella Lucinda" ; mas tive ainda a fortuna de conhecer a "grande

Lucinda". A comediante dos vinte e dos trinta annos, magra e colleante, suggestiva e ornamental, não foi já do meu tempo; quando, pela primeira vez, a admirei na scena e a encontrei na vida, devia ella ter cerca de cincoenta: cincoenta annos pesados, macissos, mas illuminados ainda por uns bellos olhos peninsulares, por um sorriso insinuante e fino, por esse scintillante dom de conversadora, que foi um dos seus maiores encantos e que tornava mais interessante o seu convivio do que o de muitas mulheres na edade perigosa de Balzac. Já não conheci a actriz — a inquietante creadora do *Demi-Monde* — — na posse de todos os seus recursos; mas vi trabalhar junto de mim, e até em collaboração comigo, a animadora prodigiosa, e sei quanto valiam a sua cultura, o seu bom-gosto, a sua sagacidade critica, a sua visão segura dos problemas de arte, o seu espirito innovador e renovador, e, sobretudo, o seu poder de sugestão e de communicabilidade, que a tornava, não apenas uma professora illustre, mas uma notavel coordenadora e disciplinadora de trabalhos scénicos. E' dessa grande mestra que hoje mais sentimos a falta. O theatro portuguez atravessa uma grave crise, não pela carencia de aptidões — nós temos alguns excellentes actores — mas pela ausencia de organisação, de disciplina, de cul-

tura, e, o que é peor, de ideaes estheticos, de processos conscientes, de espirito creador. Os nossos melhores actores são, por vezes, espantosas intuições. Mas o theatro actual, com as suas progressivas exigencias, com a sua vertigem renovadora, com as suas tendencias philosophicas, com a sua confusão de modernas correntes estheticas, reclama mais alguma coisa do que simples instincto e do que qualidades naturaes, aliás preciosas. Nós temos actores ; mas (salvas raras excepções) não temos artistas : quer dizer, não possuimos hoje, no theatro portuguez, comediantes com a fina sensibilidade, com o requintado bom-gosto, com a intellegencia subtil, com a educação esthetica que tornaram notaveis, entre outros, Santos Pitorra, Augusto Rosa e Lucinda Simões. Os profissionaes da scena portugueza não costumam acompanhar o movimento de evolução dos novos processos artisticos, e — a não ser algum discipulo das modernas camadas do Conservatorio — ficariam com certeza surprehendidos se lhes falassem, por exemplo, nas novas concepções decorativas de Bakst ou de Bragaglia, ou na nova technica theatral de Alexandre Tairoff ou de Gordon Craig. Lucinda Simões, pelo contrario, lia tudo e sabia tudo. Na sua cadeira de doente — devorada já pelo mais terrivel dos males — tinha sempre nos la-

bios um bom conselho de mestra e no regaço o ultimo livro francez, italiano ou inglez sobre theatro. A sua curiosidade mental manteve-se, viva, até aos seus derradeiros momentos de lucidez. O theatro perdeu, com ella, uma grande orientadora e uma grande educadora. Nenhuma outra nos resta. Curvando-me respeitosamente perante o seu cadaver, nessa pequena egreja em cuja penumbra os tocheiros de prata resplandeciam e as flores embalsamavam o ar, eu prestei sobretudo homenagem á ultima comediante que creou discipulos e que fez escola em Portugal.

Rosalina Coelho Lisboa

TENHO sobre a mesa o ultimo livro de Mme. Rosalina Coelho Lisboa, série de impressões, de aspectos criticos, de notas psychologicas — desta vez em prosa — a que a poetisa ilustre deu o titulo, apparentemente contraditorio, de *Desencantado encantamento*. O colorido geral da sua philosophia, de um péssimismo discreto, quasi amavel, explica-nos, mais do que as proprias palavras do texto, que Mme. Rosalina, fundamentalmente uma "encantada pela vida", começa a conhecer a vida melhor — e a desencantar-se. As suas reflexões são, por vezes, amargas; e determinados conceitos — mesmo dado o desconto á literatura — correspondem, decerto, a estados de alma dolorosos. A poetisa, ten-

do attingido a plena maturação do seu espirito, parece atravessar uma crise moral de que este livro, filho entretanto mais da sua inteligencia do que do seu sentimento, constitue a expressão literaria.

Não me esqueço das circunstancias em que conheci, no Rio de Janeiro, Mme. Rosalina Coelho Lisboa. Na noite — para mim inolvidavel — em que a Academia me concedeu a honra de receber-me solemnemente, foram-me apresentadas pelo meu querido amigo dr. Afranio Peixoto, que então presidia á gloriosa assentada de Ménalo, algumas individualidades notaveis das letras brazileiras. Recordo-as a todas com reconhecimento e com saudade. A certa altura, no meio das fardas verdes e das casacas negras, faiscantes de condecorações, uma graciosissima figura de mulher surgiu, numa fresca mancha côr de rosa, quasi infantil, quasi loura, e tão fluida, tão espiritual, tão sorridente, que me deu, toda ella, a impressão de um grande sorriso em flor. Declinaram um nome : Rosalina. Tinha deante de mim a poetisa, já illustre, cujo primeiro livro — versos de um recorte nitido e perfeito de camapheu romano — eu lêra, ainda em Lisboa, nas vesperas da minha partida para o Brazil. Foi-me então dito que essa mulher de excepcional intelligencia versava com a mesma segurança, no jornalismo americano,

os themas literarios mais elegantes e as mais áridas questões de politica economica. Olheia, surprehendido e encantado. E quando, emfim, lhe beijei as mãos — mãos côr de rosa, como toda ella — não pude deixar de pensar comigo, vendo aquelle ente tão bem dotado por Deus, em cuja radiosa juventude se reuniam, num equilibrio harmonioso, todas as perfeições do corpo e do espirito :

— Ahi está uma mulher feliz !

Sê-lo-á, realmente ? Confesso que não sei. Dizia Carmem Sylva que "nunca tinha conhecido uma mulher bella que fosse venturosa". Puvis de Chavannes, o maravilhoso pintor dos frescos de Santa Genoveva, costumava affirmar aos seus amigos : "poucas vezes o talento conduz á felicidade". O que sei é que Mme. Rosalina Coelho Lisboa (se o seu livro não é apenas uma fantasia literaria) vê hoje a vida atravéz dumas lunetas escuras. Essa "grande encantadora" apparece-nos como uma desencantada. Os seus conceitos sobre a amizade, sobre o amor, sobre a verdade, sobre a felicidade — numa palavra, sobre a vida — são de um subtil e melancolico pessimismo. Para ella, "o amor não existe" ; a amizade é "uma inimisade inconsciente" ; os amigos são "inimigos numa phase de evolução" ; "tudo quanto existe soffre e traz comsigo uma expressão de angus-

tia" ; "a vida é, em si, a solidão" ; "só parecem felizes os inconscientes, porque não sabem que são desgraçados" ; todo o ser humano "tem em si a certeza latente de que não existe a felicidade" ; "dentro da vida, que não tememos — diz a illustre poetisa — — estão, palpitantes e cruéis, todas as coisas que tememos na morte". O espirito desta mulher superior, tocado do mysticismo negativista que tornou grandes, noutro tempo, certas poetisas monasticas, só vê belleza na renuncia ; "renunciar para attingir", diz ella ; só a renuncia póde manter a perfeição espiritual do amor. Perante o mal da vida, o esquecimento é "o senhor dos senhores e e o deus dos deuses". O problema da verdade torna-se para ella uma obsessão. "Tudo em volta de nós mente — diz Rosalina — e mente sem arte : os que nos odeiam, os que nos amam, os que nos exaltam, todos mentem." Entretanto, ella não quer "a verdade como é, mas a verdade como devia ser, maternal e consoladora". "Quem nos diz que a verdade não é a mais difficil das mentiras ?" Sente que a illusão da vida a envolve, mas pede que lhe mintam, "que tenham para com ella a caridade da mentira, e que deixem a verdade aos deuses, porque é demasiado peso para o coração dos homens". E, considerando que as coisas valem pelo effeito moral que produ-

zem, deixa numa das paginas do livro, como uma joia, este conceito pragmatista : "a mentira em que se crê é sempre uma verdade". Livro vagamente neurasthenico, o *Desencantado encantamento* é a expressão de um pessimismo resignado, que se conforma com a vida mesmo despida de todas as illusões, e que, em ultima analyse, ainda julga possivel a felicidade na solidão, na renuncia e na descrença. E a poetisa conclue : "Tu, que me lês, se quizeres que teu filho seja feliz, torna-o em solitario do coração. Que não tenha fé no amor ; que não creia em ninguem..."

Nós devemos desconfiar sempre do pessimismo na mulher. E', de ordinario, não um pessimismo de raciocinio, mas um pessimismo de impressões, passageiro e de natureza muito especial. Hei-de lembrar-me sempre d'aquelle desenho de Sem, em que uma mulher elegante, no canto de um salão de baile, diz a um homem menos elegante do que ella : —"Sinto-me fatigada de viver. Que tal acha o meu vestido ?" Entretanto, o livro de Mme. Rosalina Coelho Lisboa, producto de uma forte inteligencia e de uma fina sensibilidade, reveste uma forma de pessimismo intellectual, raciocinado, definido em conceitos por vezes de grande belleza, constituindo a manifestação de um estado de es-

pirito permanente. Ha nelle paginas duma aguda penetração psychologica e dum poder de observação notavel. E o que é interessante é que, lendo-o, confirmei uma impressão que já me tinham dado, noutras occasiões, certos livros de litteratura feminina. Ao passo que a mentalidade do homem evoluciona, de ordinario, no sentido duma serenidade e de um optimismo sempre crescentes, a mulher, á medida que vae conhecendo a vida, torna-se mais descrente e mais pessimista. Se observarmos bem — já o notára Barbey d' Aurévilly — um tenue veu de tristeza passa, não apenas na alma, mas na physionomia das mulheres que fizeram trinta annos. Não por se sentirem velhas — ah não! — ; mas porque é nessa edade que ellas, duma sensibilidade mais delicada do que a nossa, principiam a conhecer a existencia — e a perder as illusões. Perante as grosseiras realidades da vida, o seu desencanto é maior, — porque caem de mais alto. Um dia, quando perguntaram á celebre Sophia Arnould, então na pujança do espirito e da belleza, se a sua acrimonia habitual seria uma doença, ella respondeu, como poderia responder amanhã a autora illustre do *Desencantado encantamento :*

— Com effeito, tenho uma doença horrivel. Começo a ver o mundo como elle é...

Ruth Elder

RUTH Elder, naufraga do *American Girl*, a mais voadora de todas as mulheres e, seguramente, a mais gentil de todas as aviadoras, chegou a Lisboa hontem, a bordo do *Lima*— por mar; e parte para Madrid amanhã, a bordo de um Junker's — pelo ar. Foi ela o caso do dia. E com razão o foi ; não só pela audacia, pela intrepidez de que deu provas, mas tambem pela sua mocidade, pela sua simplicidade atrahente, pelo seu incomparavel sorriso, e, até, pela sua formosura, — porque Ruth Elder, sem se poder considerar uma academia, realisa entretanto esse typo moderno de beleza nervosa, expressiva, communicativa e espiritual, tão bem interpretado nos

desenhos admiraveis do seu compatriota Clure Hamilton, o Latour americano.

Prefiro declarar-lhes desde já que a heroina do *American Girl* é bonita, porque não desejo que os meus leitores julguem que, pelo facto de ella se dedicar a um desporto que tem sido até agora, na sua violencia e nos seus perigos, quasi exclusivo do sexo forte, se trata de alguma indesejavel filha de Adão, desgraciosa e feia, que, não podendo tornar-se notavel como mulher, tivesse resolvido, em extremo recurso, celebrisar-se como homem. Ruth Elder quiz entrar em conpetencia com Lindberg realisando a travessia do Atlantico Norte e vindo de Long Island, num vôo — — como se o seu sorriso luminoso fosse a propria alma do *American Girl* — comprar vestidos e ondular o cabelo em Paris. Acompanhou-a na aventura o aviador Halderman. A's primeiras horas de viagem, porém, o nevoeiro envolveu-os ; perderam velocidade e, por conseguinte, tempo ; verificada a impossibilidade de alcançar o coração da França, fizeram rumo ao cabo Finisterra. Ao fim de trinta horas de vôo, tinham apenas 150 galões de lubrificante ; a pressão do oleo diminuia ; o apparelho, já excessivamente aquecido, perdia altitude ; a sua unica salvação, no meio do azul infinito — mar e céo — estava n' um navio que passasse. Avistaram o vapor

petroleiro *Barendrecht*, a sudoéste dos Açores ; desceram sobre as vagas enormes e alterosas ; o navio arreou escaleres ; Deus apiedara-se da graça de Ruth Elder: estavam salvos. Dias depois, um paquete portuguez, o *Lima*, trazia a aviadora para Lisboa, que a recebeu em apotheose, ao sol duma destas tardes doiradas de outubro, debaixo do vôo de aeroplanos que lançavam flores sobre o rio e sobre ella, e num tal delirio de aplausos e de encontrões, que foi dificil atravessar o caes e trazel-a, ao collo, como uma pequena ave friorenta, até ao automovel da legação da America, onde a esperava o ministro, mr. Moris Dearing. Dezenas de photographos, de operadores de cinematographos, de jornalistas internacionaes, disputavam febrilmente os gestos, as atitudes, os movimentos, o sorriso, e até as palavras de Ruth Elder, já vendidas telegraficamente a um jornal americano por 80.000 dollars. A multidão enlouqueceu de enthusiasmo. E a aviadora, garoto fragil e risonho, em trajo de *golfer*, acenando com o lenço, atirando beijos e flores, apareceu por um momento ao povo portuguez como a primeira mulher que, emancipada, liberta de todos os preconceitos, quebrando a ultima cadeia da sua servidão millenaria, egualada em audacia e em inteligencia ao homem, affir-

mava emfim, plenamente, radiosamente, o seu direito á liberdade e á vida.

O certo é que toda a gente a quem foi dada a fortuna de vêr Ruth Elder veio encantada com ela. A heroina do *American Girl* não é loura, não é muito alta, tem os olhos azues — côr do ceu que ella pretendeu dominar — uma bôca rasgada, expressiva e bem fendida, uns dentes pequeninos e brancos, e sem ser precisamente, apesar de aviadora, uma beleza aérea, é um typo de mulher delicado, que não parece feito para as fadigas do volante e para as lutas dramaticas do ar. Todos os seus movimentos, como convém á qualidade profissional de Ruth Elder, têm graças de aza e curvas elegantes de vôo. Contando apenas vinte e tres annos, é casada — casada com um americano que tem a infelicidade de não ser aviador — e foi duas vezes divorciada, segundo dizem, o que nos dá perfeitamente a impressão do seu delirio vertiginoso e da sua paixão da velocidade, — no ar, como no amor. Sorri, sorri sempre, para tudo, para todos, sorri tanto e duma maneira tão deliciosa, que não é bem uma mulher, — é o envolucro dum sorriso. Apesar dos seus grosseiros *knickerbockers*, não sei de nada mais fino, mais gracioso, mais immaterial do que a figurinha de Ruth Elder, que se diria modelada por um tanagrista moderno para

a grande collecção das *girls* celebres. Imaginam que ha nella alguma coisa de másculo, de anguloso, de vigoroso, que seja a expressão physica da sua viril coragem ? Engano. Apesar de aviadora e de intrépida, toda ella é feminina, perturbadoramente feminina, desde as unhas polidas até aos cabelos frisados e inquietos. E' ainda mais mulher do que todas as mulheres que excessivamente o são. Como as outras que não vôam — tal qual — põe, a cada momento, *rouge* nos labios; as suas palpebras de mulher que viu de mais perto o ceu estão levemente pintadas de azul ; ri por quasi tudo ; cora por quasi nada ; á mais pequena palavra de louvor ou de cumprimento que lhe dirijam, commove-se e chora ; nem sequer fuma ; e, embora cingido num *pull-over* vermelho de rapaz, o seu busto esbelto, bem lançado, modela-se naquelas puras e delicadas ondulações para que o illustre Gavarni olhava, com certeza, quando disse da mulher : *"On voit que cet être est fait pour être pris avec les mains"*. Houve um momento, quando ella assomou na ponte de commando do navio, em que todos nós tivemos a impressão de que *miss* Ruth, num só gesto, levaria a multidão para onde quizesse, presa ao seu sorriso. Um triumpho? Sem dúvida. Mas não se imagine que o seu exito foi apenas o exito da aviadora. Não.

A multidão aclamou evidentemente, em Ruth Elder, a primeira mulher que atravessou, voando, o Atlantico Norte; mas aclamou, sobretudo — não nos iludamos! — a mulher que, tendo atravessado o Atlantico e revelado, n'esse vôo, a intrepidez de um homem, conservou, apesar disso, toda a sua graça, toda a sua timidez, todo o seu natural encanto feminino.

Miss Ruth (embora casada, ainda é tão infantilmente alegre, tão convictamente *girl*, que toda a gente lhe chama *miss*) parte amanhã para Madrid. Não partiu hontem, porque a amaragem forçada no Atlantico a constipou — uma "constipação azul" — o que parece indicar que as aviadoras se resfriam com mais facilidade do que os aviadores. De Madrid voará para Paris, e, em seguida, embarcará para a America, onde a esperam, depois de alguns dias de gloria, um *pot au feu* demasiado terrestre e a semsaboria, nada ethérea, do dever conjugal. Porque a verdade é que essa pequena tanagra de meias de sêda e de boca pintada tem, segundo dizem, um marido pouco alado, a quem as alturas por onde a mulher andou, devem, como é natural, ter produzido vertigens. Quando Lindberg uniu, num vôo refulgente, a Europa á America, todo o mundo, sabendo que elle tinha mãe, exclamou, commovido: — "Como

deve sentir-se feliz, a mãe de Lindberg!" Agora, depois de ter visto a heroina do *American Girl,* toda a gente, lembrando-se de que ella é casada, pensa com certeza: — "Como deve sentir-se infeliz, o marido de Ruth Elder!"

Pinturas Antigas

As Cartas de Amor em Portugal

NO'S, portuguezes, sempre tivemos fama de muito namorados. E, o que é mais interessante, sempre passámos — sobretudo as mulheres — por possuir a prenda de escrever bem cartas de amor. De as escrever bem, — e de as escrever com mais ternura do que as francezas, as hespanholas e as italianas. Eu bem sei que para isso contribuiu muito o ruído feito, especialmente em França, em volta das cartas de Sóror Mariana. Mas a verdade é que, quarenta annos antes de ter a freira de Beja dirigido as suas cartas immortaes ao senhor de Chamilly, já em Madrid se dizia que, para escrever uma carta de amor, não havia como uma portugueza. São muitas as referencias que se encontram,

em varias literaturas, ao nosso feitio delicado e amoroso. Lope de Vega e Tirso de Molina affirmam, nas suas peças, que não ha mulheres tão apaixonadas e tão ciumentas como as portuguezas ; Madame de Sévigné, n'uma carta a Brancas, desculpa-se de não ser muito terna, porque *"ce serait une portugaise"*. Corresponderá a verdade dos factos a esta amavel tradição ? Eu creio que sim. A portugueza tem um coração extremamente sensivel, uma penetrante intelligencia do sentimento, e toma o amor a serio, como talvez nenhuma outra mulher. Quando na verdade ama, deixa-se inteiramente absorver e dominar pelo amor, pratica-o com a devoção d'um mysterio sagrado. Esse grande sentimento nunca é para a portugueza uma frivolidade ; é uma paixão fatal, que decide da vida inteira. Talvez por isso, porque a portugueza ama absorventemente e sente o amor com maior exaltação, dando-se toda, ardendo toda na propria chama que ateia, é que as suas cartas impressionam e perturbam mais do que quaesquer outras. Eu confesso que tenho conhecido mulheres que, mesmo sem uma grande cultura intellectual, e dispondo apenas dos recursos da sua fina sensibilidade, escrevem cartas de amor deliciosas. Encontram, sobretudo, phrases e expressões que o maior talento literario seria incapaz de encontrar. O

segredo da sua originalidade é a sua sinceridade absoluta. Deixam falar o coração. E um coração que fala livremente, pode expressar-se com menos elegancia, — mas nunca diz um logar-commum.

O que é lamentavel é que, tendo a portugueza, de ha muito tempo, fama de escrever bem cartas, sejam tão poucas e tão pouco interessantes, na nossa literatura, as collecções de cartas de mulher. Os portuguezes — honra lhes seja— não costumam publicar as cartas de amor que recebem, e um sentimento de piedoso respeito tem sempre levado os herdeiros dos grandes amorosos a lançar no fogo as memorias de loucuras passadas, que adquiriram, com a morte, o direito ao esquecimento. Eu bem sei que se o senhor de Mora tivesse pensado assim, não existiam as cartas de Mademoiselle de Lespinasse ; e que, se o senhor de Chamilly fosse um homem moralmente mais escrupuloso, teriam desapparecido para sempre essas joias de sentimento que são as cartas da freira de Beja. Mas, se a amorografia portugueza tem perdido muito, se alguma coisa tem presumivelmente perdido tambem a nossa historia literaria, — tem ganho bastante, devemos confessal-o, a reputação de muitas mulheres. Um dos mais celebres *hommes-à-femmes* da França do século XVIII dizia que nenhum homem

de honra tem o direito de conservar as cartas de amor que recebe. Nós fomos mais longe, e concluimos que a todo o homem de honra assistia o dever de as lançar no fogão. Que maravilhas se perderam, quantos genios morreram ignorados, quantos problemas da historia — porque o fogo devorou algumas cartas de amor... — ficaram para sempre sem solução! Os francezes conservam e publicam tudo. Todos os dias são dadas á estampa collecções de cartas de amor em que os segredos intimos, as pequenas miserias de coração d' algumas figuras celebres — vejam as cartas dos amantes de Veneza, Musset e George Sand! — são exhibidas com uma falta de respeito visinha do impudor. Nós temos padecido, talvez, do defeito contrario. Tudo rasgamos, tudo queimamos, mesmo aquillo que não haveria inconveniente de maior em conservar, — e o resultado é que o talento epistolar das portuguezas, a sua infinita ternura, os thesouros da sua sensibilidade, as subtilezas da sua dialectica, os arroubos da sua paixão, as exaltações do seu proprio mysticismo amoroso, pouco mais têm a documental-os do que as cartas de Sóror Mariana — — essa Santa Thereza do amor profano — tão humanas, tão vehementes, tão admiraveis, que resistiram ao francez de preciosa-redicula em que um excelente homem as traduziu.

Entretanto, alguns documentos subsistem para o estudo das cartas de amor dos nossos avós. Mais das cartas delles, do que das cartas dellas ; mas, ainda assim, d' umas e doutras. Podemos remontar, sem difficuldade, até aos nossos avós do seculo XVI. Ainda chega até nós o esmaecido perfume das cartas que escrevia e que recebia a Eva portugueza da Renascença, cujo perfil Antonio de Hollanda tantas vezes reproduziu nas suas illuminuras. A arte de escrever cartas de amor já era então, em Portugal, uma arte difficil e delicada. Em primeiro logar, porque, relativamente, pouca gente sabia lêr e escrever. Os embaixadores de Veneza, Tron e Lippomani, que em 1580 visitaram Lisboa, contam que havia no largo do Pelourinho mesas e notarios para escrever cartas — e, sobretudo, cartas de amor — a quem pagasse. Em segundo logar, porque a arte de cortejar por cartas obedecia a regras que denotavam já então um conhecimento profundo da psychologia do amor, e, em especial, da psychologia da mulher. As declarações amorosas tinham o seu estylo proprio. Na comedia *Eufrosina*, onde tão bem se pintam os costumes da Coimbra quinhentista, com os seus escolares capigorros e as suas tricanas "redondas como rôlas e brancas como a prata", ha uma scena curiosissima em que um estu-

dante ensina outro a escrever uma carta de amor. Nessa scena está tudo. Ficamos sabendo que se notavam cartas compridas e respeitosas ; que os mais apaixonados se picavam no dedo para escrever com o proprio sangue ; que era de uso pintar no papel um coração atravessado por uma seta ou ferido pelas garras d'um leão ; e que, no fim da carta, se se punham coplas, dizendo em verso aquillo que não seria possivel dizer em prosa. No que respeita á essencia da carta de amor, á sua dialectica, aos processos seguidos pelo apaixonado para se insinuar, para captar a confiança da mulher amada, para a suggestionar, para obter della todos os favores, devemos confessar que os modernos psychologos não se adeantaram muito aos estudantes do século XVI no conhecimento do coração feminino. Dizia-se, em vernaculo, o mesmo que se diz hoje, — talvez numa linguagem peor, e, com certeza, d'uma maneira menos pitoresca. Ao escrever á mulher desejada, o homem devia começar por "palavras meigas, graves e de credito", continuando-a em "cumprimentos prolixos", e entrando depois na materia por uma fórma quanto possivel confusa, porque — diz-se na peça — é preciso que as mulheres não entendam desde logo muito bem as coisas que nós lhes escrevemos. A razão é simples, e o estudante explica-a ao amigo,

a mão na cintura, a cabeça erguida sobre o fêsto branco, como nos retratos de Pantoja de la Cruz : se as mulheres comprehendessem immediatamente o que nós queremos d'ellas, que é possuil-as, "escandalisavam-se e levantavam-se como passaros" ; além disso, aquillo que não se percebe exerce uma impressão maior do que aquillo que se percebe com facilidade, e já certo abbade francez confessava que a sua profunda admiração pela Biblia provinha, exclusivamente, da feliz circunstancia de nunca a ter comprehendido. A carta de amor, para o gracioso estudante da *Eufrosina*, devia, acima de tudo, ser lisongeira. Lisongear a mulher falando-lhe da sua belleza — "e as mais feias se querem mais louvadas..." — era, e é ainda, o grande segredo de todas as boas fortunas amorosas. Quanta mulher succumbe, só porque um homem soube, melhor do que os outros, falar, não já ao seu coração, mas á sua vaidade ! No que respeita a ciumes, a grande tactica (e elle lia de cadeira a todos os sabios de Paris !) era "não confessar nem negar" : as cartas deviam deixar a mulher "suspeitosa quanto a quem lh'as escrevia, e confiada quanto a si propria". E, emfim, o que era preciso era mentir bem, e mentir sempre : "quanto maior bem se quer a uma mulher, menos verdade se lhe fala". Bem amar, era bem

mentir. A mentira foi, no seculo XVI, como ainda é hoje, uma das grandes armas do amor.

Como respondia a mulher a estas cartas, escriptas com tanta falsidade e tanta malicia ? A do seculo XVI, não sei ; mas sei como respondiam as do seculo XVII, e posso affirmar-lhes que era com maior falsidade e maior malicia ainda. A arte de amar foi sempre a arte de enganar, — e melhor amou quem enganou melhor. Aquelles que tomavam o amor a serio como os portuguezes, soffriam mais duramente o mal das desillusões. Já o dizia Montesquieu, nas *Lettres Persannes : "On dit partout que les rigueurs de l' amour sont cruelles ; elles le sont encore plus pour les portugais"*. Havia, sem duvida, a portugueza que amava ; e essa era sincera, abria o seu coração, dava-se toda, como Soror Mariana. Mas havia tambem a que não amava ainda, a que amava pouco, e que tantas vezes acabava por amar de toda a sua alma. Emquanto a primeira deixava falar o sentimento na linguagem eterna de que é feita a paixão, e que tão humanamente palpita nas cartas a Chamilly, a outra servia-se de todos os artificios, de todos os equivocos, de todas as pequenas perfidias femininas para illudir, para brincar, para endoidecer o seu inimigo adorado : o homem. Inventou-se então para as cartas de amor uma linguagem

especial, requintada, cheia de subtilezas, de conceitos obscuros, delambida, quasi ininteligivel, — a linguagem a que se chamava "freiratica", por ter nascido da ociosidade dos conventos e do preciosismo das freiras *bas bleu*, em tudo conforme com o gosto literario da epoca, e cuja mais ladina e graciosa cultora foi a celebre freira de Odivellas, dona Feliciana de Milão. Cada carta de amor era um perfeito enigma. Os mosteiros transformaram-se em verdadeiras academias *du tendre*. Dos gyneceus dourados de Odivellas, de Santa Clara, de Penha Longa, de Sant' Anna, provinha, não apenas o modelo, o typo da carta de amor, mas todo o ritual, todo o protocolo amoroso do século XVII. Um códice da Bibliotheca Nacional de Lisboa (8.609 do *Fundo Antigo*) contem um precioso documento inedito que nos dá a conhecer, n' alguns pormenores intimos, a maneira porque as freiras — as grandes mestras d'amor do tempo — se comportavam com os namorados. E' uma especie de estatuto, cuja materia, extremamente graciosa, está disposta por artigos. Nelle se determina, quanto a cartas de amor, que a freira deve preferir os namorados que lhe escrevam "mais cartas, ou cartas mais compridas e cheias de trocados", quer dizer, de subtilezas e de jogos de palavras ; que nunca deve responder senão á terceira carta

que receba de um homem ; que deve entremear os "escriptos de ciumes" com os "escriptos de saudade", para que nem tudo seja doce, nem tudo amargo ; que nas "cartas contemplativas" — as mais graves — pedirá á madre-escrivã tinta encarnada, e pintará um coração, dizendo que o faz com o seu sangue ; que nas "cartas de ausencia" — as mais tristes — terá sempre dois tinteiros, um de tinta, para escrever, outro de agua, para fingir as lagrimas ; que nunca dirá, claramente, que sim nem que não, que concede nem que recusa, que ama nem que não ama, porque é a incerteza, e não a confiança, que accende no coração dos homens as maiores paixões. Todos estes ardis, toda esta malicia feminina, servidos por um estylo conceituoso, imitado de Gongora e de Frei Luiz de Granada, revelam, na sua apparente ingenuidade, um conhecimento da alma humana, uma sagacidade psychologica, um poder de observação que fazem honra ás freiras portuguezas do século XVII. Mas, não se julgue que eram apenas as religiosas que escreviam assim. Eram todas as mulheres. Thomé Pinheiro da Veiga, que viveu em Madrid em 1604 (ainda Soror Mariana não tinha nascido) observou, comparando as nossas avós de Lisboa com as hespanholas que passavam na Plaza, de noite, á luz de tochas, vestidas de verdugadins

bojudos de veludo preto, dentro dos seus grandes côches dourados de gala : "Poucas vezes lhes dirão uma coisa, que não respondam com outra melhor (as hespanholas) ; mas, assim como têm bom pico, falta-lhes a penna, porque não escrevem tão bem como as portuguezas".

D' ahi por diante, as cartas de amor reflectem, como pequenos espelhos, a physionomia das epocas em que foram escritas. Ao neo-platonismo da Renascença e ao culteranismo monastico, que tanto impregnaram a amorographia portugueza, succedeu no seculo XVIII — *"le siécle qui a affiché le scandale, mais qui a connu l' amour"*, na phrase dos Goncourt — uma literatura amorosa mais sóbria, mais discreta, mais elegante, mais finamente sensual ; e, pelo contrario, no seculo XIX, com o Romantismo, a pallidez de Charterton e o collete amarello de Werther, a carta de amor exaltada, desvairada, prolixa, tenebrosa, que levava os espiritos mais fracos á loucura e ao suicidio. Foi o século XVIII que creou o typo classico da "declarazão de amor", invariavel na essência, de então para cá, — pelo menos em Portugal. O bravo e galante cavalheiro d' Oliveira, cuja vida foi tão aventurosa e a quem uma paixão infeliz obrigou a expatriar-se, deixou-nos o modêlo portuguez do genero n'uma carta es-

cripta em 1737, de Vienna d'Austria, a uma senhora de quem se enamorou : "Forçado de minha obrigação, vos descubro agora um segredo, que ha muito tempo vos occulto. Hoje faz justamente um anno que vos conheci, e confesso-vos que desde aquelle instante vos amo. Se vos offendeis da minha affeição, será crueldade. Não ha coisa mais injusta que a de ver uma belleza como a vossa, sem a amar. O amor é o perfume da formosura ; quem vê a formosura e não sente o amor, não tem coração e merece castigo. Se, ao contrario, me quereis castigar porque vos amo, aqui me tendes ; e já que me tendes morto, matae-me". Tudo isto nos parece hoje pretencioso e banal, como uma pintura de leque ou como uma cabelleira empoada ; mas não será justo negar-lhe uma certa elegancia, — a elegancia propria d' um século que fez da cortezia uma virtude e do amor uma anecdota, em que o galanteio foi uma espuma de rendas, o beijo um frémito de sêda, e em que, como disse Galiani, *"la femme n' aimait pas avec le coeur, mais avec la tête"*. As variantes de forma não podiam ser grandes, porque o proprio cavalheiro d' Oliveira confessa, n' outra carta dirigida á mesma senhora : "Que pena que, sendo as mulheres tão differentes, as cartas de amor se pareçam tanto umas com as outras !" Eram como as

reverências, que as pessoas de distinção faziam todas da mesma maneira. Não houve, decerto, grande differença entre as cartas que os moços peraltas de capote branco entregavam na egreja ás meninas fidalgas, quando ellas se benziam, n'uma volta de manto, junto á pia da agua benta, e as cartas de amor encontradas nos papeis do Marquez de Pombal, em que o grande ministro de D. José, já velho de sessenta annos, pedia um *rendez-vous* a uma franceza. Só com o Romantismo é que a declaração amorosa deixou de ser uma formula de etiqueta, para se tornar um movimento de paixão. Os corações que pulsavam dentro das casacas verde-bronze de 1840 proclamaram o direito de amar em liberdade e de o dizer com a eloquencia impetuosa dos grandes sentimentos. Foi a época dos homens fataes e das mulheres melancolicamente apaixonadas, que se alimentavam de folhas de rosas, recitavam ao piano, punham os olhos em alvo, adoravam os camapheus e os topazios, e desfalleciam de puro encanto ao sentir nas mãos a carta ardente dum poeta. Nunca o prestigio das cartas de amor subiu tão alto. O divino Garrett, poeta das mulheres por excelencia, perseguido e adorado por ellas, escreveu e recebeu tantas cartas amorosas, que, se hoje as pudessemos reunir e publicar, dariam uma pequena

bibliotheca. Mas, elle proprio dizia : "é suave o cheiro das cartas de amor, quando se queimam". As cartas que elle recebeu de tantas mulheres belas, desde Isabel Hawson até á prima Joanninha dos olhos verdes, desde Laura Robinson até á olympica Viscondessa da Luz — a paixão dos seus cincoenta annos — consumiu-as o fogo, que tudo purifica e e destroe. Das muitas que o poeta escreveu, doidas, frementes, anciosas, dolorosas, pedaços de coração, farrapos d'alma, algumas se conservam ainda no mysterio d' um pequeno cofre de ferro, que o respeito pela memoria d'uma mulher tem conservado fechado até hoje. Chegarão a ser publicadas algum dia ? E' possivel. Tambem ha pouco o foram as cartas que o grande Latino Coelho dirigiu a essa encantadora boneca de Sévres, um pouco atriz, um pouco *bas bleu*, que se chamou Anna de Vasconcellos. Mas as cartas de Garrett e dos romanticos eram vivas labaredas de paixão ; e as de Latino — pobre academico grave, sexagenario e *faisandé !* — não passam de simples exercicios de estilo. A leitura dos néo-romanticos estragou as cartas de amor. E hoje, que se vive depressa, ligeiramente, vertiginosamente, — o telephone acabou de as matar.

E aqui têm o que lhes posso dizer a respeito das cartas de amor que se escreveram

neste paiz amigo do sol, a que Tirso de Molina chamou "terra de gente ciumenta e namorada". Não devo dar-lhes grandes novidades, porque as declarações amorosas são em toda a parte eguaes. Pietro Longhi, um dos espiritos mais elegantes da Italia do século XVIII, chamou-lhes "papeis perfumados que dizem sempre a mesma coisa". E um velho fidalgo que eu ainda conheci, o Marquez de Anjeja, confessou-me um dia que nunca tinha escripto, na sua vida, uma unica carta de amor.

— Para quê ? — concluia elle, tomando uma pitada de rapé da sua caixa de prata e assoando-se n'um grande lenço vermelho de Alcobaça. — E' sempre o mesmo: "amo-te, adoro-te, morro por ti, meu amor, minha alma, minha vida"...

E, entretanto, quando é uma mulher amada que nol-as diz, como todas estas coisas velhas nos parecem novas, e como nós nos convencemos facilmente de que as ouvimos pela primeira vez !

Ás Virgens Primitivas

ESTAMOS no Natal. Aproveito a opportunidade para falar-lhes duma coisa terna e delicada : a representação da Natividade, da Adoração dos Magos e da Adoração dos Pastores na pintura portugueza primitiva. Ha assumptos tão serenos, tão luminosos e tão suaves, que, ao occuparmo-nos deles, temos a impressão de que o nosso espirito repousa. Repousa e rejuvenesce. Conversar acêrca do nascimento de Jesus — do "formoso cachopinho", como lhe chamava, nos seus versos doirados, o nosso Gil Vicente — é, de certo modo, voltar ás doces emoções da infancia.

Houve em Portugal, nos séculos XV e XVI, uma notavel escola de pintura que foi objecto de estudos das maiores competencias

nacionaes e estrangeiras — Raczynski, Justi, Bertaux, Joaquim de Vasconcellos, José de Figueiredo, Souza Viterbo, Luciano Freire — e que, a despeito das influencias que sobre ella exerceram, primeiro a pintura flamenga e depois a italiana, manteve uma forte individualidade, bem documentada na numerosa e variada série de quadros que nos deixou e que constituem hoje uma boa parte do nosso patrimonio artistico. Entre as obras dos primitivos do século XV não se encontram nenhum Presepe e nenhuma Adoração. De Nuno Gonçalves — o patriarcha da pintura portugueza — só nos resta o incomparavel políptico de S. Vicente ; e os mestres da escola gundisalviana estão representados, no Museu de Arte Antiga de Lisboa, apenas por um S. Francisco, por um S. Theotonio bispo, e pelo inquietante *Ecce-Homo* dos olhos cobertos por um sudario branco, que é, mesmo sem olhos — e precisamente por que eles se não vêem — uma maravilha de expressão. Os grandes illustradores da Natividade, em Portugal, foram os mestres-pintores dos reinados de D. Manoel e de D. João III. Nem todos ; Vasco Fernandes, por exemplo — o "Grão Vasco", mestre do *S. Pedro* e do *Calvario* de Vizeu — não nos deixou, entre os seus quadros admiraveis, nenhuma representação da Natividade ; mas a grande maioria d'elles. De

Gaspar Vaz, o "mestre do Paraízo", ha no Museu de Lisboa uma *Adoração dos Magos* e um *Presepe*, e na egreja do velho mosteiro de Tarouca, perto de Lamego, um retábulo de seis painéis, dois dos quaes representam o *Nascimento* e a *Adoração do Menino Jesus*; de Gregorio Lopes, o chamado "mestre de S. Bento", possue o mesmo Museu outra *Adoração dos Magos*, que é uma ostentação magnifica de brocados de ouro, de veludos de Génova, de joias, de armas, de gomis, de taças, de thuribulos lavrados pelos ourives portuguezes da Renascença; de Jorge Affonso, arauto e pintor de D. Manoel — o fecundo mestre das officinas de S. Domingos, de Lisboa — temos uma *Natividade*, hoje na Casa dos Patudos, de José Relvas, o polyptico de Evora, e o retabulo de Vizeu, onde se vêem o lindo *Presepe*, de que mais adiante lhes falarei, e a célebre *Adoração dos Magos*, pintada pouco depois do descobrimento de Pedro Alvares Cabral, que, além da magnificencia dos trajos e da argentaria, apresenta o curioso pormenor ethnografico da substituição do Rei negro, creação dos pintores flamengos, por um chefe indio do Brasil coroado de penas; de Christovão de Figueiredo resta-nos um *Presepe*, em Ferreirim; de Frei Carlos, pintor flamengo que se lusitanizou, que sentiu a nossa paisagem e que adoptou

as nossas tintas opalinas, outro *Presepe*, proveniente do "Espinheiro" d'Evora, hoje no Museu das Janelas Verdes; e, de mestres ainda não identificados, uma *Natividade* em Coimbra e uma *Adoração dos Magos* em Guimarães. Dir-se-ia que todos estes painéis (tal é a identidade de sentimento entre a obra dos pintores e a do poeta!) são illuminuras ingenuas — algumas d'ellas, como o polyptico de Evora, tocadas de ouro — feitas expressamente para illustrar os *Autos* de Gil Vicente. Quem quer que fosse o mestre que as sonhou e as realizou — Gaspar Vaz ou Gregorio Lopes, Jorge Affonso ou Christovão de Figueiredo, Frei Carlos ou Garcia Fernandes — as *Natividades* e as *Adorações* portuguezas do século XVI têm uma triplice caracteristica commum: o fausto e a riqueza dos trajos e dos accessorios, sobretudo nas imagens dos Anjos, dos Magos e dos Doadores; a doçura, a simplicidade, a ternura humilde, a graça modesta da figura da Virgem; o aspecto fresco, saudavel e risonho do Menino, que todo elle respira, não sómente o natural sentimento da adoração pela creança divina, mas, d'uma maneira geral, o culto vivo e humano da creança.

A opulencia que revestem as representações da Natividade na velha pintura portugueza, não deve surprehender-nos. Vivendo

na epoca em que Portugal foi mais poderoso e mais rico, e n' uma cidade como a Lisboa de D. Manoel — que, depois da revolução geographica produzida pelos descobrimentos dos portuguezes e da consequente transferencia da hegemonia comercial da Europa das nações mediterraneas para as nações atlanticas, se converteu numa espécie de Veneza do Occidente — os mestres portuguezes do século XVI reflectem, nas suas obras, o esplendor do meio em que viveram. O antigo burgo judengo de D. João II, sombrio e medieval, transformara-se na luminosa Cosmópolis que a pintura de Antonio de Holanda nos revela, com a sua Rua Nova cheia de pratas, de lacas, de joias, de faianças, de estofos do Oriente, cidade em que se fazia uma vida de luxo e de prazer, em que pululavam os mercadores arabes, inglezes, genovezes, allemães, e em que as cortezãs, ricamente vestidas, com os cabelos pintados á moda veneziana, passeavam sobre os seus altos cothurnos de madeira dourada, ondulando como as *gentildonne* que Ticiano pintou. O espectaculo da magnificencia e da elegancia da vida de Lisboa não podia deixar de manifestar-se na obra dos grandes pintores contemporaneos. Além disso, as *Adorações dos Magos* tinham de traduzir a sumptuosidade da realeza cesarista de D. Manoel e de D. João III; de constituir repre-

representações grandiosas do conceito manuelino da magestade; e, não só por motivos de ordem politica, mas por circunstancias de ordem industrial, era preciso satisfazer a vaidade dos Doadores, que encommendavam os painéis e que, de ordinario, figuravam neles. Mas esse esplendor foi comum, no século XVI, á pintura de todas as escolas. Encontramol-o nas *Adorações* de Filippino Lippi, de Ghirlandajo, de Van der Goes, de Durer, de Luini, de Jean Fouquet, de Stephen Lochner, de Gérard David, de Kulmbach, algumas das quaes admirei durante a minha permanencia em Londres. O que em nenhuma dessas obras-primas existe, a par da riqueza e da pompa dos accessorios, é a ternura, o sentimento de intimidade, a doce emoção paternal que caracterizam as *Natividades* e as *Adorações* da pintura portugueza do século XVI. Dir-se-ia que os velhos mestres primitivos, ao pintar o Presepe, tinham diante de si o berço dum filho. Na paz e na suavidade do lar humilde de Bethlém, creado pela sua imaginação piedosa, sente-se, advinha-se o lar do proprio pintor. As suas Virgens, imagens de pureza, incarnações das virtudes familiares, nunca deixaram de ter por modelos — ia jural-o — as mulheres, as noivas, as filhas, as irmãs dos mestres que as iluminaram com o seu pincel e que (quem sabe!) as pintaram de joelhos.

Os retabulos portuguezes da Natividade e da Epiphania são expressões, não apenas de um vivo sentimento religioso, mas de um profundo sentimento da familia. Oa mestres que os conceberam e os realizaram apparecem-nos mais como poetas do que como theologos. Não fazem dissertações eruditas; contam anecdotas sentimentaes. Se, por vezes, não nos deslumbram, encantam-nos e enternecem-nos sempre, porque palpita nos seus velhos quadros um coração sensivel de maridos e de paes. Olhando as suas Virgens-esposas, temos a impressão de que elles lhes beijaram castamente os olhos para lhes baixar as palpebras. Vendo os seus Meninos-Jesus, parece-nos sentir ainda o carinho com que elles os adormeceram nos braços antes de os tranportar, em luz e em côr, para a immortalidade dos seus painéis.

Pode reconhecer-se — repito — nos quadros sacros dos pintores portuguezes da Renascença, a influencia de outras escolas de pintura. Nada mais natural. As nossas relações com a Italia e, sobretudo, com a Flandres, eram estreitas; alguns mestres flamengos, a começar por João Van Eyck, vieram a Portugal; outros, como Frei Carlos, aqui permaneceram largo tempo; muitos dos nossos pintores foram a Bruges, a Gand, a Bruxellas admirar as obras dos mestres mortos,

e alguns a Antuerpia trabalhar nas officinas de Quintino Metsys. Mas, por muito que essas influencias se notem, alguma coisa ha que nos painéis dos mestres de Lisboa e de Vizeu se mantém caracterizadamente, inalteravelmente portugueza, mais portugueza ainda, se é possivel, do que a propria paisagem : é a imagem da Virgem. Olhem, por exemplo, a *Adoração dos Pastores*, de mestre Jorge Affonso, uma das maravilhas da nossa pintura primitiva. Emquanto, conduzido pelo Anjo, um pastor, pobre zagal da Beira, olha o Menino, tirando, deslumbrado, o seu grande sombreiro ; emquanto o archanjo S. Gabriel, coberto d'um sumptuoso pluvial de brocado de ouro, entoa o *Gloria in Excelsis*, — a Madona ajoelha, dôce, humilde, piedosa, com as mãos postas á maneira das Virgens de Durer, adorando — puerpera divina ! — o fruto do seu proprio ventre. Que typo de mulher tão portuguez ! Tem os cabelos castanhos, os olhos baixos, a pelle d'um trigueiro suave e luminoso — como a "Donzela doirada", de Gil Vicente — e nas mãos, no collo, nas orelhas, nos panejamentos severos e amplos que a cobrem, não se vê brilhar uma unica joia. Não será, como as Virgens de Fra Angélico, uma forma espiritual, *giottesca* e incorporea ; não é tambem, como as Madonas de Ticiano, uma deusa carnal e opulenta : é uma mu-

lher qualquer, nem demasiado mystica, nem demasiado pagã, — mas simples, natural, humana. Dificilmente encontrariamos, n'esta como nas outras Virgens portuguezas — e, ainda menos, nas dolorosas Madonas de Gaspar Vaz, de Vasco Fernandes e de Christovão de Figueiredo — a elegancia das Virgens de Botticelli e de Ghirlandajo, "quinta-essencia da distinção florentina"; o mundanismo, a magnificencia, a pompa das Virgens venezianas de Tintoreto, do Veronezo, de Cima da Conegliano, que pintam o cabelo e arrastam pesados estofos bysantinos; o nervosismo, a vibratilidade, a hysteria das delgadas Virgens de Civelli; o "mysticismo sensual" das Madonas de Corrégio, sorridentes, afaveis, superficiaes, levemente afectadas, expressões vivas do novo programma iconographico do Renascimento catholico. A Virgem da pintura portugueza primitiva — das Annunciações, das Apresentações no Templo, das Natividades, das Adorações dos Reis e dos Pastores — está longe de ser, como as de Perugino, uma Madona-Vénus; como as de Leonardo de Vinci, uma Virgem-Gioconda; como a "Virgem do coxim verde", de Solario, uma bacchante milaneza que tira o seio do corpete, mais para o mostrar, do que para dar de mamar ao Menino; nem, tão pouco, recorda, como as Virgens de Raphael, aque-

las belas romanas de olhos negros e de pelle doirada que dansavam nuas diante dos velhos cardeaes de Julio II e de Leão X: é uma mulher simples, discreta, pura, grave sem orgulho, modesta sem afectação, a Virgem-pomba, a Virgem-esposa, a Virgem-mãe, tranquila encarnação das virtudes do lar, não tão imaterial que a não julguemos da terra, não tão humana que através dela se não vislumbre o ceu, uma pobre e doce mulher que teve um filho, que não pretende ser bela (não são, em geral, belas as Virgens portuguezas), que não quer ser magestosa, nem enygmatica, nem opulenta, nem mesmo sadia e forte como as Madonas de Pinturicchio, e cuja expressão, entretanto, perfeitamente traduz tudo quanto ha de sagrado, de divino, de transcendente, de profundo no mysterio da maternidade.

Foi, acima de tudo, esse mysterio que os mestres — pintores portuguezes do século XVI tentaram expressar nas suas hagiographias cheias de ternura, de intimidade e de graça. E' esse mysterio ainda — o do nascimento do homem — que, a proposito do natal de Jesus, a Egreja glorifica. Nascer! Eis o milagre. E, perante o mysterio da vida que nasce, da vida que brota como uma flor, da

vida que canta como um veio de agua, que resplandece como uma estrela nova, — todos nós, crentes e não crentes, como o humilde pastor do *Presepio* de Jorge Affonso, tiramos, deslumbrados, o nosso chapéu.

Ignez Negra

AS mulheres tambem têm o seu logar no friso da historia guerreira de Portugal. Folheando as paginas das chronicas encontram-se, com frequencia, mulheres que se bateram; que realisaram actos heroicos em defeza da patria; que estimularam, com animo varonil, a coragem dos combatentes; que sacrificaram, pela honra e pela independencia da terra que lhes foi berço, o que tinham de mais caro para o seu coração: os filhos. Ha mulheres heroicas na epopéa da India (que nobre figura, a da velha de Diu!); mulheres heroicas na revolução de 1640; mulheres heroicas nas luctas da liberdade (o saiote vermelho de Maria da Fonte foi a bandeira dum movimento popular); mas, o mais rico de

todos os nossos cyclos guerreiros em figuras femininas é, sem duvida, o de D. João I. Deuladeu Martins notabilisa-se na defesa de Monsão ; Brites d'Almeida faz lampejar a pá do seu forno ao sol de Aljubarrota ; Maria de Sousa, atravessando o peito de um castelhano, defende a vida do proprio rei ; Ignez Negra anima o cêrco de Melgaço batendo-se, em combate singular, com outra mulher da vila. E' o episodio de Ignez Negra — um dos mais interessantes da historia anecdotica das campanhas do Mestre de Áviz — que eu vou procurar reconstituir agora. Na vasta tapeçaria de batalhas que é a vida de D. João I, não ha, talvez, nenhum caso tão pitoresco como este.

Todas as praças da fronteira norte de Portugal se haviam já entregado aos portuguezes. Viana fôra liberta pelo povo, conduzido pela bravura do escudeiro Frisos ; Ponte de Lima, resgatada pelos habitantes, cujos bustos o Mestre de Aviz mandou colocar no lintel de granito das portas ; Monsão, Caminha, Vila Nova da Cerveira tinham-nos caído nas mãos. Faltava apenas Melgaço, que levantava ainda a voz por Castela, e cujo alcaide-mór, o castelhano Alvaro Paes Sotto-Maior, com trezentos homens de armas e outros tantos de pé, mantinha na pequena vila minhota um perigoso fóco de resistencia.

D. João I, que havia pouco desposara a loura princeza de Lencastre, trouxe-a até Monsão ; mandou-a depois para o convento de Fiães, com as suas donas e o chanceler João das Regras ; e foi, em pessoa, pôr cêrco ao castelo de Melgaço. Estavamos em janeiro de 1388. Recortando-se no céu nevoento dos invernos do Minho, a vila rebelde erguia, numa ligeira ondulação de terreno, os seus cubellos baixos, os panos babados de mugre das suas quadrelas, e a sua esbelta torre albarrã fenestrada de ajimezes e coroada de balhesteiras. Durante dez dias, o pequeno exercito do Mestre de Aviz foi apertando o cêrco e construindo as obras de engenharia — a já complicada engenharia medieval dos assédios — necessarias para facilitar a entrada da Praça. Emquanto os carpinteiros levantavam a grande bastida, alta torre de madeira montada sobre carros enormes, cheia de escadas e de bailéus, que, na hora do assalto, havia de caminhar até ás muralhas, puxada por muitas juntas de bois, — os homens de armas, coruscantes de lanças e de bacinetes ponteagudos, vinham junto das barbacans escaramuçar ; e, no arraial portuguez, em volta de fogueiras, as mulheres dos arredores bailavam com os soldados, ao som de gaitas e de adufes.

Ora, entre as mulheres atraídas pela presença do rei e do exercito (algumas houve, sobretudo castrejas, que, com os seus cães e os seus capeiretes negros, desceram da serra para o vêr) tornara-se notada uma, a quem chamavam Ignez Negra, vinte anos robustos, pequena de corpo, roliça de braços, pelle trigueira acobreada do sol, olhos negros e pestanudos, que tinha, mesmo entre os homens, fama de atrevida e de valente, e que segurava pelos chavelhos uma vaca barrosã — era boieira, ali perto, em Valladares — com a mesma graça com que se meneava e desnalgava dançando ao som do pandeiro. Todos gostavam dela ; o proprio rei, amigo do povo, falavalhe paternalmente, quando a via ; e chegou a correr na vila que Ignez Negra, vestida de armas como um homem, acompanharia as hostes de D. João I no assalto á praça. Quando a noticia foi conhecida da parte do povo de Melgaço que pactuava com os castelhanos, uma mulher, tambem portugueza e tambem decidida, que, com outras da vila, acarretava pedra para as obras de defesa ordenadas pelo alcaide-mór, remangou-se irada, fincou os punhos na cinta e, com os olhos chispando lume, gritou que era mulher para outra mulher ; que para trez como Ignez Negra bastava ella; que, se o alcaide a deixasse, mandaria desafial-a para combate singular fóra

das barbacans ; e que havia de vêr-se então quem vivia ali, se Castela, se Portugal. Não deixaram as chronicas o nome d'essa heroina. Sabe-se apenas que lhe chamavam a *Renegada*, e que, sendo moça, era menos robusta do que a outra, delgada e alta, de pé meúdo a dançar nas sócas e cabelos fulvos mal cobertos pelo manto de estamenha. O alcaidemór, Alvaro Paes, consentiu no desafio ; Ignez Negra, aos uivos e aos pinchos de alegria, acceitou-o logo ; e, sem demora, os de um e outro campo assentaram em que o combate se realizaria no dia seguinte, a meia distancia entre o arraial e o castelo, saindo as duas mulheres armadas, como escudeiros, de cotas de malha de ferro de Milão, com sua espada e broquel, e abrindo-se uma trégua entre sitiantes e sitiados para que todos pudessem assistir ao imprevisto espectaculo.

A manhã despontou radiosa. Havia muitos dias que as nuvens, mais densas para as bandas da serra de S. Fins, não deixavam vêr um tão belo sol de inverno. A tôrre de menagem de Melgaço, que se erguia, dourada, na claridade fresca da manhã, todos os adarves das muralhas e dos cubellos, as proprias barbacans do lado norte, estava tudo coalhado de gente : povo, homens de armas, bésteiros cujos cascos de ferro scintilavam, mulheres com capeiretes e mantéus de côres

vivas, assomando, espeitorando-se, risonhas, em ar de festa. Do lado do arraial, o mulherio dos arredores, os homens de armas da hoste, os cavalleiros das Ordens, os bésteiros inglezes com os seus jaques e as suas brigandinas bordadas de licornes de ouro, o proprio rei, trigueiro, os braços cruzados, as guedelhas ao vento, esperavam, num vozear confuso, a hora do desafio. Finalmente, ouviu-se o sino da torre albarrã, e as duas mulheres, uma saindo da porta oeste do castelo, outra destacando-se da multidão do arraial, marcharam a pé com os seus "segundos" — dois cavalleiros velhos, sem armas — a caminho da pequena clareira, roçada no mato da charneca, em que devia realizar-se o encontro. De ambos os lados soaram as trombetas, como para uma justa real. Os gritos, as aclamações — por Portugal, por Castela! — atroavam os ares. Desfraldaram-se flammulas, bandeiras, pendões, gonfalões de côres nas lanças lampejantes. Duma parte e de outra, todas as atenções convergiam para as duas mulheres que avançavam sorrindo, firmes, vestidas de de cotas e loudéis, mas sem manoplas e sem camalhas, as mãos nuas, a cara descoberta, a cabeça apenas defendida por um leve capêlo de ferro. Ignez Negra, meã e forte, trazia no loudel a cruz vermelha de São Jorge; a *Renegada*, alta, esbelta, figura de es-

cudeiro mancebo, com os cabellos fulvos escorrendo do casco de ferro ponteagudo, vestia uma sobre-cota com o falcão de prata de Castela em campo verde. Chegadas ao campo, embraçaram os escudos, receberam os estoques. As trombetas, dum lado e doutro, clangoraram. Ia começar o combate. Quem venceria, — Castela ou Portugal ?

Uma das mentiras convencionaes espalhadas pelo mundo é a da doçura e da fraqueza das mulheres. A mulher, quando lucta, é vinte vezes mais aggressiva, mais impetuosa e mais cruel do que o homem. A sua apparente graça tímida esconde um poder de combatividade que devia ter sido aproveitado nas guerras modernas. Prova-o — entre tantos outros — este divertido episodio do duelo de Melgaço. A primeira a atirar-se, com vigor e com impeto, foi a *Renegada*. Mais alta do que a outra, dominando-a pela estatura, descarregava golpes sobre golpes, que Ignez Negra, ágil, a dançar-lhe na frente, aparava no largo escudo de couro de boi abrochado de cobre. Nenhuma delas conhecia o manejo das armas : atacavam e defendiam-se por instinto, com a fereza de duas lobas. Era tal a violencia com que a *Renegada* fuzilava cutiladas sobre a inimiga, que o capêlo de ferro voou-lhe da cabeça, e a espada das mãos. Todos supuzeram que Ignez

Negra, vendo desarmada a outra, faria sobre ela a justiça dos vencedores. Mas não. Generosa, lançou fóra a espada de que mal sabia servir-se, arremessou por desprêso o escudo aos pés da adversaria, e, rápida, como um podengo que aferra um porco bravo, atirou-se dum salto para ella, aos sôcos, ás dentadas, ás unhadas, aos pontapés. Dahi a pouco, rolavam as duas abraçadas na arena, qual de baixo, qual de cima, resfolegando, uivando, travando-se dos cabelos, ensanguentando-se, cuspindo-se. A' medida que a *Renegada* fraquejava, a outra perecia crescer em força; subjugada um momento, dominava logo a inimiga, ferrava-lhe os joelhos na arca do peito, varejava-a de punhadas, como quem amassa pão. No arraial levantou-se um alarido de enthusiasmo. Mãos crispadas erguiam-se no ar, agitando bandeiras, incitando a Negra quasi victoriosa. Ainda por instantes, a *Renegada*, cobrando alento, pôde colher-se de pé; mas, sofrendo de novo o embate da outra, vacilou, cambaleou, rodopiou, e, mortalmente pálida, a grenha ruiva empapada de sangue, golfando sangue das narinas, caiu como um farrapo, os braços estendidos, de bôrco na terra. Tinha vencido Portugal. Como um só homem, todo o arraial portuguez, em gritos bárbaros, se ergueu a aclamar a vencedora. As trombetas estrugiram os ares. Ba-

tiam, em festa, pandeiros e adufes. Até os bésteiros inglezes, sapateando com os seus grossos borzeguins de ferro, dançavam de contentamento. Emquanto a vencida, transportada em braços para o castelo, acordava do seu desmaio, — Ignez Negra, os olhos brilhantes, os cabelos ao vento, as mãos tintas de sangue, era levada em triumpho para o arraial, sentada sobre o seu proprio escudo, aos hombros de quatro bésteiros, e gritava para o rei, que viera recebel-a, á frente de todo o povo :

— A elles, senhor rei, que o castelo é de vossa mercê ámanhã !

Com efeito, no dia seguinte, depois de um simulacro de assalto, o castelo de Melgaço entregava-se, sem resistencia, aos portuguezes.

A Alcaidessa de Monsão

MAS, como lhes disse, n'este cyclo guerreiro não houve apenas uma portugueza heroica. Não houve apenas Ignez Negra, cuja figura trigueira e plebeia lhes mostrei, recortada no fundo esmaecido duma tapeçaria de batalhas do século XIV. Vou falar-lhes d'outra mulher, admiravel tambem de bravura e de dignidade — não mulher do povo, mas dama nobre, blasonando de seis besantes de ouro sobre campo de goles, em lisonja com os cotos de aza dos Abreus — que em 1368, com uma energia e uma inteligencia que honram o seu sexo, defendeu sósinha, contra as tropas do adeantado-mór da Galiza, Pedro Sarmiento, um dos castelos fronteiriços do alto

Minho. Quero referir-me á celebre alcaidessa de Monsão, Deuladeu Martins.

Bertrand du Guesclin, nas suas memorias (Estouteville, *Mémoires de Du Guesclin, XVIII, 376*), conta que Pedro, o *Cruel*, de Castela, veio a Lisboa pedir ao rei D. Pedro de Portugal para o defender do irmão, Henrique de Trastamara, que levantára em armas todo o reino contra elle. Diz o futuro Condestavel de França : *"Pierre, voyant toutes ses affaires deplorées, et qu'Henri s'etait presque rendu maitre de toute l'Espagne, il se persuada que le roy de Portugal auroit quelque compassion de son infortune ; ce fut dans cet esprit qu'il l'alla trouver a Lisbonne"*. O rei portuguez, cuja politica exterior foi quasi sempre bem orientada, limitou-se a promessas vagas, que não teve a opportunidade de cumprir, porque dali a pouco tempo Pedro, o *Cruel*, morria ás mãos do irmão, que o assassinou sendo elle seu prisioneiro, em condições que não abonam, nem a sua coragem, nem a sua generosidade. E' Froissart que o conta (*Chroniques, 340*) : quando o rei Pedro, ruivo, gigantesco, bradylalico, preso havia uma hora, entrou na tenda de *monseigneur* Ivon de Lacomet, onde se encontrava o irmão, um gentilhomem vestido de armas que o acompanhava puxoulhe pelas pernas e derrubou-o, emquanto Henrique Trastamara, tirando *"un long couteau*

de Castille qu'il portait en écharpe, le lui enfonça dans le corps, de bas en haut", Morto o rei Pedro (março de 1368), todo o reino caiu nas mãos de Henrique II — com excepção da Galliza e de parte de Leão, cujas cidades mandaram offerecer a D. Fernando de Portugal a corôa de Castela, como neto que era de D. Sancho IV, se elle quizesse vingar a morte traiçoeira de Pedro, o *Cruel*. D. Fernando acceitou ; mandou embaixadores ao Papa, ao rei de Inglaterra e ao rei de Aragão ; negociou pazes, por cincoenta anos, com o rei de Granada ; armou galés ; levantou tropas ; lançou pregões de guerra ; chegou a mandar cunhar moeda, tornezes e barbudas com os escudos de Castela e Portugal ; e sem demora, um barrete negro na cabeça, um jaque de brocado de ouro vestido sobre as armas, partiu para a Galliza e entrou em Santhiago, onde o arcebispo e todos os nobres galegos o receberam festivamente, como seu rei. Começou então a campanha, que não chegou a durar um anno. Henrique II, que se encontrava em Toledo com Bertrand du Guesclin e os cavalleiros bretões, caiu, numa marcha fulminante, sobre a Galliza ; mas, recebendo aviso de que o rei portuguez embarcara em Corunha, a bordo de uma das suas galés, com destino ao Porto, — entrou em Portugal, entre Tuy e Salvaterra, pessou

a vau as aguas do rio Minho, e, talando campos, incendiando cidades, espalhando no seu rasto a devastação e a morte, caminhou ao encontro do rei Fernando, que já saíra do Porto com os seus exercitos, para lhe dar batalha. Todos supunham, na hoste portugueza, que a sorte das armas ia jogar-se numa batalha decisiva, — quando souberam que Henrique de Trastamara retrocedia com as suas tropas, internando-se nas montanhas de Trás-os-Montes, pondo cêrco a Bragança, e saindo emfim de Portugal, seguido duma floresta de lanças que scintillavam ao sol pelos áridos contrafortes da serra de Culebra.

Foi no decurso desta campanha que se deu o episodio do cêrco de Monsão. Simples incidente de fronteira, em que não tomou parte nenhum dos dois exercitos em operações, ninguem hoje o recordaria, se nele se não tivesse revelado uma heroica e nobre figura de mulher. Pedro Sarmiento, adeantado-mor da Galliza, partidario de Henrique de Trastamara, sabendo que o castelo de Monsão se encontrava mal provido de gente e de mantimentos, e que o alcaide, Vasco Gomes de Abreu, andava no Porto com o rei, desceu do ninho de águias da tôrre de Sobroso, chegou a Salvatierra, e com os seus homens de armas, passando acavalo o rio, que levava pouca agua,

veio por cêrco á pequena vila portugueza. Tocaram os sinos a rebate. Uivaram os pesados ferrolhos dos portões. Os principaes da vila, homens velhos e prudentes, reunidos para organisar a defesa da praça, vendo que os celeiros estavam quasi vazios, que não havia gente bastante para guarnecer as portas e as tôrres, e que, sem a presença do alcaide, dificilmente se manteria a disciplina dos sitiados, iam tomar a resolução de entregar o castelo a Pedro Sarmiento, quando uma voz indignada de mulher se ergueu a lembrar-lhes o que deviam á honra do seu rei, e á sua propria. Era a alcaidessa de Monsão, Deuladeu Martins. Alta, esbelta, ainda moça, um saio de panno cinzento de Bruges a vestir-lhe, do pescoço aos pés, o corpo delgado, a face, ao mesmo tempo energica e fina, enquadrada, á maneira das estátuas gothicas, num oral de linho branco, um leve circulo de ouro cingindo-lhe a fronte, Deuladeu avocou a si o direito e o dever de substituir seu marido, e tanta fé, tanta autoridade revestiram as suas palavras, que, dentro em pouco, todos lhe obedeciam na vila, e sob as suas ordens, sábiamente dadas, Monsão — tôrre heraldica de pedra em campo verde de pinhaes — começou a preparar-se para resistir ao cêrco do adeantado-mor da Galliza.

Dias depois, quando os sitiantes tentaram o primeiro assalto, os bésteiros e arqueiros, dispostos nas fenestragens e no adarve das tôrres, despejavam nuvens de virotões barbelados ; o fogo grecisco, lambendo as muralhas, acompanhado de grandes pedras, caiu sobre os homens de armas que, mal abrigados pelos pavezes de couro de boi abrochado de cobre, armavam escadas e engenhos para a escalada das quadrelas ; uma sortida audaciosa, comandada pela propria alcaidessa, varreu, para além das barbacans, os assaltantes que não ficaram mortos no campo. Pedro Sarmiento percebeu que se enganara quanto á resistencia dos portuguezes ; mas, prevendo que elles não se encontrariam abastecidos de mantimentos para muitos dias, resolveu manter o cêrco. E, d' esta vez, não se enganou. Passada uma semana — nos fins de setembro — os celeiros e as uchas do castelo estavam vasios ; não havia já rezes para matar ; nenhuma das tentativas feitas para uma sortida de abastecimento, de noite, tinha dado resultado. Era a fome. Os homens principaes da vila, temendo represálias se ella fosse entrada pela força das armas, procuraram Deuladeu Martins para a convencer a negociar a entrega do castelo. A nobre mulher, que estava na sua camara, diante d'um oratório de Flandres, abraçada aos

filhos, ergueu-se, ouviu as suplicas dos velhos que a exhortavam, e disse :

— Vêdes estas creanças ?

— Sim, senhora.

— Pois, mais depressa a alcaidessa de Monsão daria ao inimigo a vida dos seus filhos, do que as chaves d' este castelo !

Clareava a manhã de 4 de outubro de 1368, quando D. Pedro Sarmiento, vendo que a vila resistia ao cêrco, se resolveu a mandar emissarios á alcaidessa de Monsão, cuja fama de viril coragem já chegara até ao arraial gallego. Deuladeu escutou-os, silenciosa. Sabiam que a praça estava sem recursos — disseram elles — e nessas condições, sem um bago de trigo nas tulhas, a resistencia era um suicidio. O adeantado-mor oferecia aos defensores do castelo a vida e a liberdade, se até aquela tarde, ao tanger do sino da oração, abandonassem pacificamente a vila.

— Pois bem, — respondeu a alcaidessa. — Até ao tanger do sino, eu mesma vos dou a resposta, do alto d' estas muralhas !

Os emissarios retiraram-se, e Deuladeu Martins, serena, no meio dos homens bons da vila e dos cavalleiros, que n'ela confiavam cégamente, deu as suas ordens. Tinha ainda, nos celeiros da casa, dentro das uchas de forte ferraria, algumas sacas de trigo. Era o ultimo. Que o fôssem buscar, o atirassem

á masseira, e o enfornassem em pães, tão alvos e perfeitos como se fossem para a mesa del-rei. Ai daquele que tocasse num pedaço sequer de pão ! Bailaria na fôrca, e o seu cadaver seria pendurado pelos pés na muralha, para banquete dos corvos. Quando todos os pães tivessem saido dos fornos, que chamassem os trombeteiros, e que a prevenissem a ella, alcaidessa. Os homens entreolharam-se, sem saber o que se passava no espirito da nobre dona, que — o seu nome o dizia — parecia dada por Deus áquela terra, na hora da sua maior provação. Cumpriram-se as ordens, accenderam-se os fornos, coseu-se o pão. A' tarde, quando o sol começava a declinar no horizonte e a torre albarrã de Monsão, dourada e esbelta, tinha, vista do poente, a elegancia duma labareda que sobe, as trombetas do castelo estrugiram os ares ; e, perante a gente do arraial, que correu, em chusma, a ouvir a resposta da alcaidessa, a figura de Deuladeu Martins, pallida, envôlta num manto roxo, o circulo de ouro a cingir-lhe a fronte — Madona de illuminura flamenga — assomou, no adarve d' uma das torres baixas da barbacan. Mal a viram, seguida de quatro homens de armas curvados ao peso de grandes sacas, fez-se o silencio no arraial. Então, a alcaidessa, a cuja volta revoavam

pombas, esperou que as trombetas se calassem, ergueu o braço e disse :

— Vós outros, que não nos podeis tomar pelas armas e nos quereis vencer pela fome, olhae ! Estamos tão bem providos do pão de Deus, que elle chega para nós e para vós !

Os quatro homens de armas, pousando as sacas, começaram a atirar da muralha para o campo, aos braçados, pães alvos e macios como regueifas, que a multidão dos sitiantes, de braços no ar, em gritos bárbaros, apanhava e devorava. Nessa noite, dansou-se no arraial ao som de gaitas e de adufes. Na manhã seguinte, o adeantado-mor Pedro Sarmiento, julgando a vila abastecida, levantou o cêrco, e, passado o rio, as lanças lampejando, os cavalos chapoirando na agua, internou-se na Galliza. A alcaidessa, salvára Monsão.

As filhas do Demonio

TIVE sempre uma profunda antipatia pela individualidade de Felipe II. Não apenas a antipatia que inspiram a sua figura politica e a sua figura moral; mas a repugnancia fisica pelo homem — degenerado com fortes estygmas somáticos, plagiocéphalo, plagioprósopo, prognatha inferior, que nos aparece na tábua maravilhosa de Pantoja de la Cruz, vestido de negro, um barrete negro na cabeça, os olhos côr de aço, frios e cruéis, a "bôca austriaca" dos Habsburgos, a barba amarela — "*yellow beard*" — tão bem descrita pelo embaixador inglez John Elder. Essa antipatia e essa repugnancia não são filhas, devo dizel-o, de qualquer espécie de resentimento historico, natural, entretanto, num portu-

guez ; provêm do conhecimento que eu tenho, e que toda a gente tem, da psychologia evidentemente mórbida de Felipe II, o "homem negro" do século XVI, figura sinistra que viveu absorvida no delírio da monarchia universal, e cuja insensibilidade, cujo formalismo, cuja sombria concepção da razão de Estado, cuja profunda anesthesia de todo o sentimento familial tornaram possivel a prisão e o envenenamento do filho epileptico (cartas de Forquevaulx a Catarina de Médicis, de Cavalli á Republica de Veneza), facilitaram, segundo todas as probabilidades, a morte de Isabel de Valois, e contribuiram para encher de cadaveres o *podridero* do Escorial, onde elle finalmente entrou também, pôdre em vida, nauseabundo, devorado por um exercito de piolhos.

Pois bem. O meu severo juízo sobre o "Demonio do Meio Dia" modificou-se um pouco, de ha alguns dias para cá, desde que li as cartas por elle escritas de Portugal ás filhas, quando aqui esteve a coroar-se rei e a montar, como admiravel burocrata, a sua maquina administrativa. Apareceu-me outro Felipe II : um Felipe II afectuoso, sensivel, bom pai, bom homem ; vestido, não de veludo negro, como andava em Espanha, mas de setim branco, como entrou pela primeira vez em Lisboa ; um Felipe II, emfim,

reincarnado em excelente burguez, dado á vida de familia, capaz de preoccupar-se com pequenas coisas delicadas e sentimentaes, cuidando pelas proprias mãos dos cravos vermelhos da sua janela, e sabendo falar a duas crianças com uma ternura e uma graça quasi infantis. E d' este novo Felipe II, tão differente do outro como o dia da noite, que eu venho falar-lhes agora.

Ha no Museu do Prado, em Madrid, um quadro de Sanches Coelho — o grande pintor portuguez, discipulo de Antonio Moro e mestre de Pantoja de La Cruz — que representa duas crianças, duas "meninas", segundo a carinhosa expressão portugueza de Velasquez, com os seus compridos verdugadins de brocado de ouro, as suas gargantilhas de rendas, umas lindas mãos, e o ar grave e triste de duas infantas criadas debaixo das escuras abobadas dum palacio onde o ar não entrava, e na severa pragmatica duma côrte em que era prohibido rir. Essas duas crianças são precisamente as duas filhas de Felipe II — Isabel a mais velha, Catarina a mais nova — a quem o rei seu pai, durante os quasi trez anos da sua permanencia em Portugal, escreveu as encantadoras cartas cujos originaes pertencem hoje aos Arquivos Reais de Turim, que Henri Trianon considera revela-

doras de um "homem diferente", e que o erudito Gachard publicou e comentou.

Ambas filhas de Isabel de Valois, por conseguinte netas de Catarina de Medicis, ambas typos delicados e mais italianos do que austriacos, deviam contar, quando Felipe II, no verão de 1580, veio a Portugal legalisar a usurpação, a mais velha quatorze anos e a mais nova treze. Isabel era a mais bonita das duas : *"belle comme le beau jour"*, diz Fourquevaulx á avó franceza ; *"di rara e suprema belleza"*, confirma o embaixador veneziano Francesco Vendramin. N'outro retrato de Sanches Coelho — retrato que a representa quasi mulher — valorisam-se mais os seus olhos italianos, a sua bôca finamente expressiva, o doirado quente da sua pele, as suas belas mãos de dedos agudos e pesados de joias. A segunda, Catarina, menos favorecida em formosura do que a irmã, possuia, entretanto, a viveza e a animação que faltavam na outra, justificando as palavras que á Senhoria de Veneza enviou o embaixador Mateus Zane : *"non é bella ne graziosa quanto la sorella, ma é piu allegra, piu gioviale"*. Entregues á austera camareira-mor duqueza de Alba, inteligentes ambas, ambas excelentes dançarinas, tendo herdado as tendencias artisticas e o espirito delicado da mãe, entretinham-se prodigalizando cuidados maternaes aos dois ir-

mãosinhos pequenos, filhos e já orfãos da madrasta Ana de Austria (Diogo Felix, herdeiro co thrôno, morto de bexigas aos sete anos, durante a ausencia do rei em Portugal ; Felipe, cujos primeiros dentes começaram ao tempo a romper, e a recem-nascida infanta D. Maria), pintavam, dançavam, tocavam espineta e escreviam ao pae cartas sem erros — Felipe II só nota um ou dois — com certeza graciosas, e hoje, infelizmente, perdidas. Isabel Clara Eugenia casou, já depois dos trinta anos, por conveniencia politica, com o cardeal arquiduque Alberto, simples sombra de marido, degenerado, nevropatha, débil sexual. Catarina veio a ser mulher de Carlos Manuel de Saboya, tendo levado comsigo, fechadas num cofre de prata, como um thesouro, as cartas que Felipe II, durante a sua permanencia em Portugal, lhes dirigia a ambas, e que, por essa razão, se emcontram hoje no Arquivo Real de Turim, entre os documentos da ilustre casa de Saboya. Conseguirei eu dar aos meus leitores a impressão do que são essas cartas, na sua ternura, na sua serenidade, na sua graça, no seu calmo e limpido sentimento ?

Cartas intimas de um pae a duas creanças, as cartas de Felipe II ás filhas interessam-nos muito pelas referencias que natural-

mente contêm á vida das infantas e da propria côrte ; mas, mais ainda, pelo inesperado clarão que projectam sobre o caracter do "homem negro" do Escorial.

Esse monarca, que os embaixadores nos descrevem, gotoso, taciturno e sinistro na sua cadeira célebre, despachando sempre, quasi até á hora da morte, no delirio de burocracia que o absorve e lhe enche de inquietação o olhar, aparece-nos, afinal, nas cartas ás filhas, como um homem para quem a beleza existe, um homem que é sensivel ás emoções que em nós produz a natureza, e que parece ter — quem havia de dizel-o ! — uma alma de poeta. Numa carta já datada de Lisboa, e noutra ainda escrita de Thomar, o rei queixa-se ás filhas de que tem saudades dos rouxinoes, dos seus queridos rouxinoes de Espanha, porque o palacio — o Paço da Ribeira — fica longe do campo e já ha muito tempo que os não ouve cantar. "*Mucha embidia tiene Madalena* (Madalena era uma velha aia, que o acompanhava sempre) *a las fresas, y yo a los ruysinores, aunque unos pocos se oyen algunas veces de una ventana suya*". Uma das suas preocupações são as flores. Trata, elle mesmo, dos cravos da sua janela ; vive rodeado de flores, que lhe traz, todos os dias, um dos seus creados de confiança, o Calabrez ; manda flores para as filhas, com mui-

ta pena de não terem ainda aberto os junquilhos, de que ellas gostam tanto, *"También — diz elle, na carta XV, de janeiro, 1582 — van alli unas rosas y azahar, porque veáis que lo ay acá; y asi es que todos estos dias me trae el Calabres ramilhetes de lo uno y lo otro; y muchos dias ha que los ay de violetas. Junquillo no ay acá; que si le hubiera, creo que ya hubiera salido"*. Com as cartas do rei não vão apenas flores; mas tudo quanto, para as creanças, pode representar uma lembrança carinhosa: um sinete com as armas de Portugal, para ellas fecharem as cartas; um *Agnus Dei*, que lhe dá o futuro cardeal Riario, legado do Papa; até uma grande lima dôce, uma enorme lima que lhe levam com as novidades de fruta, e em cuja polpa doirada e ressumante elle antevê com prazer, sugando-a, os labios frescos das duas pequenas infantas. Entretem-se a contar-lhes todas as solenidades a que assiste (cartas XV e XVI): procissões, festas, autos-de-fé, passeios, danças, touradas, até os sermões dos frades portuguezes — *"los mas largos que he oydo en mi vida, aunque dormi parte dellos"* —; e, como se elle mesmo fosse uma creança mimosa, queixa-se ás filhas de tudo quanto o molesta em Lisboa: os sinos, que o não deixam dormir; os melões, que lhe fazem mal ao estomago; as trovoadas, de que elle

tem um medo invencivel e que desequilibram todo o seu organismo de nevropatha. Alguem reconhece, porventura, n' este pae amoroso, o sêco, o sombrio, o cruel, o hediondo Felipe II que a historia nos legou ?

Todos os pequenos incidentes da vida dos filhos são annotados n'essas cartas com especial ternura. Quando a mais velha, Isabel, completa os quinze anos, sem que seja ainda nubil — como a mãe, que ainda o não era nessa edade — diz-lhe, em duas palavras que são um sorriso: *"es gran vejez tantos anos, aunque con todo esto creo que aun no sois mujer de todo"*. Ao saber que estão rompendo os dentes á filha mais nova, Maria, nascida pouco antes da sua vinda para Portugal (14 de Fevereiro de 1580) tem uma phrase de espirito : *"paréceme que se da mucha priesa vuestra hermanica en salirse los colmillos, deven de ser en lugar de dos que se me andan por caer"*. Mas é o filho D. Diogo, o seu herdeiro — cujo pequeno cadaver havia de entrar também, dali a pouco, no *podridero* do Escorial — aquele que mais atenções merece ao seu coração de pae, se é que, realmente, esse homem teve um coração. Quando as filhas lhe annunciam que o principesinho está aprendendo a dançar, elle responde-lhes, graciosamente, que é preciso ensinal-o, de preferencia, a ler e a escrever ; que o quer vêr

um sábio no seu regresso a Madrid ; e que, logo que o principe possa traçar a primeira carta, lhe enviará de presente *"una escribania de la India"*. Quando as infantas lhe dizem que entendem já o portuguez, naturalmente porque começam a ler alguns livros que o pae lhes mandou, Felipe II — o usurpador — tem um pensamento delicado para Portugal e pede ás filhas que, se sabem tão bem o portuguez, o ensinem ao pricipesinho D. Diogo, em cujas mãos infantis pousaram, quasi com certeza, as paginas doiradas dos *Lusiadas : "y muy bien es que entendais portugués tambien como decis, y asi procurad que lo entienda vuestro hermano, que será mucho menester para que entienda a los que fueren de acá, y lo hagáis ler en portugués, y se lo declareis, pues también lo entendeis"*. Nas cartas d'este homem que nunca riu — ha um sorriso para tudo. Fala ás filhas, benevolamente, em todos os creados que o acompanharam a Portugal : o Calabrez, que não descança emquanto lhe não traz junquilhos ; o Morata, velho e mal humorado ; o Cabrera, o Tofino, o Caranda ; mas ha uma criada *"vieja, sorda y caduca"* (carta XIII), que lhe merece um afecto quasi filial, e de quem elle, em muitas cartas, conta um dito ou uma anecdota : é a Madalena. Gachard não sabe que papel essa mulher desempenhou na vida de Felipe II, a quem

acompanhava sempre nas suas viagens; eu imagino que teria sido a ama que o creou, e em cujos peitos o "Demonio do Meio Dia" — pelo menos aquele que a historia nos revela — não bebeu "o leite da ternura humana". Madalena, quando Felipe II veio a Portugal, era uma pobre velha tonta, rabujenta, dançarina, gostando muito de morangos, perdendo a cabeça com as touradas, embebedando-se quasi todos os dias; e, apesar disso, o rei trazia-a de tal modo na sua intimidade, estimava-a tanto, que lhe desculpava todas as bebedeiras, que lhe aturava todas as rabujices, e que lhe dava licença para ella ralhar com elle — o sombrio semi-deus que sonhou a monarchia universal! — como se ralha com uma creança. Eis o homem. Eis o autor das cartas. Qual dos dois será o verdadeiro Felipe II? Este monarca paternal, bondoso, amavel e benevolo, — ou o outro, o grande criminoso da historia, filicida, uxoricida, monstruoso, cuja sombra fatidica se projectou, no século XVI, dum extremo a outro da Europa?

E' muitas vezes dificil de conciliar a dupla physionomia dos grandes homens, — na intimidade e na vida publica. Lendo, por exemplo, as cartas de amor do general Bonaparte a Josephina Beauharnais, apaixonadas, voluptuosas, sensiveis, — quem dirá que ellas es-

condem o caracter forte, rectilineo e duro do futuro Napoleão ? Acontece o mesmo com Felipe II, cujas cartas ás filhas, se não fôssem averiguadamente authenticas, pareceriam escritas por alguem interessado em rehabilitar a sua memoria. Além da diferença, que sempre existe, entre a figura intima e a figura politica, verifica-se, no "homem negro" do Escorial, a desegualdade que caracterisa, em geral, a mentalidade dos degenerados. E' essa desegualdade que explica o caracter paradoxal de muitos aspectos e de muitas attitudes de Felipe II. Um e outro dos dois homens em que parece desdobrar-se a sua inquietante individualidade, são, afinal, o mesmo homem, o mesmo Habsburgo sombrio, cuja degenerescencia e cujo fim-de-raça nós encontramos estampados — como se o vissemos em vida — — no formidavel, no afflitivo retrato de Pantoja de La Cruz.

As Noivas de D. Sebastião

COMO se sabe, D. Sebastião, morto na jornada heroica, mas ingloria, de Alcacer-Kibir, não deixou descendencia. Cingiu a corôa um velho imbecil e cachético, o cardeal D. Henrique, que se alimentava mamando aos peitos de mulheres, e cujo *senium*, mais do que a propria purpura, lhe não permitia pensar em casar-se. A' falta de descendentes legitimos, Felipe II pôde dar ao seu acto de usurpação uma apparencia de legalidade. Pouco tempo depois, o "homem sombrio do Escorial" passava a fronteira na sua estufa de viagem, vestido de branco, e recebia das mãos do santo arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, na egreja de Thomar, a pesada corôa de ouro de D. Manoel. Principiaram en-

tão os nossos sessenta annos de captiveiro. O dominio castelhano foi, portanto, uma consequencia do desastre de Alcacer-Kibir ; mas foi, sobretudo, uma consequencia dynastica do celibato de D. Sebastião. Conhecem-se já bem — infelizmente para nós ! — os motivos porque fomos vencidos em Alcacer. Mas ainda hoje se ignoram as verdadeiras razões por que D. Sebastião não se casou.

A historia do desejado casamento do joven rei de Portugal constitue uma intriga diplomatica muito complexa. Nella tiveram importantes papéis Catarina de Médicis, Felipe II, Maximiliano d'Austria, os papas Pio V e Gregorio XIII, o cardeal-infante D. Henrique, os jesuitas Camaras, e, num plano secundario, os embaixadores De Limoges e De Fourquevaulx, o cardeal de Lorena, o cardeal Alexandrino, o delegado apostolico De Torrés e o geral dos jesuitas, S. Francisco de Borja. Duraram as negociações desde 1559 (tinha D. Sebastião 5 annos), até 1572, em que ele completou 18. Foram suas indigitadas noivas: Isabel d'Austria, filha do imperador Maximiliano II, que veio a casar, em 1570, com Carlos IX de França ; a célebre Margarida de Valois, que em 1572, depois de uma mocidade escandalosa, desposou o principe de Béarn, mais tarde Henrique IV ; Isabel Clara Eugenia, filha mais velha de Felipe II, a

quem largamente me referi no capitulo anterior, que, passados anos, veio a ter por marido o cardeal Alberto. Que razões impediram estes casamentos ? Razões de ordem politica, razões de ordem moral, razões de ordem pathologica ? O simples embate de correntes de interesses politicos ou dynasticos nessa grande familia cezárea que dirigia os destinos da Europa e á qual pertenciam quasi todas as casas reinantes ? Carencia por parte das noivas, sob qualquer aspecto, — organico, moral, religioso ? Carencia por parte de D. Sebastião, considerado por alguns um misogyno sombrio, especie de guerreiro-monge ou de Galaaz adolescente, e por outros um degenerado orgânicamente incapaz de cohabitação, como o principe D. Carlos, como Rodolpho II da Allemanha, como o proprio cardeal-archiduque Alberto, marido *in nomine* da filha de Felipe II ? Vejamos até que ponto é possivel responder a estas perguntas.

Obstaculos politicos, houve-os, sem duvida, a principio. Felipe II fez, nos primeiros tempos, uma opposição evidente ao casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois, porque não convinha á sua politica que o pequeno rei portuguez — como então se dizia — "casasse em França". A' alliança com uma princeza franceza, oppunha o alvitre de uma nova alliança com a casa de Austria, in-

dicando a segunda filha de Maximiliano II, a archiduqueza Isabel. Mas, nem esse casamento era popular em Portugal, nem Maximiliano reconhecia nelle qualquer vantagem politica : a indicação do "Demonio do Meio-Dia" encontrou em ambas as côrtes uma mal disfarçada hostilidade. Por seu turno, Catharina de Médicis, cujo sonho era casar a filha Margarida com o tristemente célebre principe D. Carlos, filho de Felipe II, tambem não manifestou, pelo menos desde logo, o menor interesse em ter como genro o joven rei D. Sebastião, acêrca de cuja saude o embaixador De Limoges suscitara duvidas inquietantes. As successivas embaixadas enviadas por Felipe II a Lisboa e pela regencia portugueza a Paris, nada adeantaram até 1568, anno em que D. Sebastião, declarada a sua maioridade, assumiu o governo. A partir dessa data, porém, as circunstancias mudaram. Tinha-se modificado o xadrez dos interesses dynasticos e familiares : a filha mais nova de Maximiliano casara com Carlos IX de França ; o pobre principe D. Carlos morrera, ou louco, ou mandado envenenar pelo pae ; Catharina de Médicis passou a desejar vivamente o casamento de Margarida com D. Sebastião, e Felipe II, que a principio o contrariára, empregou depois as melhores diligencias para que elle se realisasse. Surgiram então, inespera-

damente, as resistencias e a má vontade do lado de Portugal. D. Sebastião, a avó, o tio cardeal, os jesuitas Camaras, usaram de todos os meios — a evasiva, a dilacção, a mentira — para evitar o casamento com Margarida de Valois. Felipe II enviou embaixadores encarregados de insistir com o joven monarcha (Hernando Carrillo, D. João de Borja) ; legados pontificios vieram de Roma (De Torrés, o cardeal Alexandrino) exhortal-o, para bem da christandade, a casar com a princeza de França ; Carlos IX chegou a pôr a questão quasi com rudeza ao governo portuguez : tudo foi inutil, até a propria intervenção do Papa. D. Sebastião, ou não queria em absoluto casar-se, ou não estava disposto a casar com Margarida de Valois. Porquê ? Como explicar a atitude do moço rei ?

A versão mais espalhada ao tempo, e a mais geralmente admitida depois pelos historiadores, é a de que D. Sebastião fôra educado pelos dois jesuitas Camaras — seu pedagogo um, seu confessor o outro — no horror das mulheres e do casamento ; que as tendencias misogynas do pobre principe eram ainda alimentadas e lisongeadas pelo cardeal D. Henrique ; e que, tanto o cardeal como os theatinos, trabalhavam, consciente ou inconscientemente, por conta de Felipe II. Esta ultima presumpção, feita circular sobretudo

por Carlos IX e pelo partido portuguez adverso á Hespanha, sabe-se hoje que não corresponde inteiramente á verdade : Felipe II — provam-no os documentos — empenhou-se sinceramente no casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois. As outras, porém, confirmam-se. Os dois theatinos exerciam uma perigosa acção de sugestão, quer sobre o joven monarcha, quer sobre o cardeal seu tio, e eram manifestamente interessados em que a sua influencia não fosse prejudicada pelo prestigio duma mulher bella e inteligente como a filha de Catharina de Médicis. Mas semelhante razão não me parece sufficiente para explicar a resistencia de D. Sebastião, tão obstinada, que nem os proprios papas Pio V e Clemente XIII a conseguiram vencer. Houve, decerto, um motivo mais forte a determinal-a. Motivo de carencia organica por parte do moço rei ? Motivo de carencia moral por parte de Margarida ?

Vejamos a primeira hypothese : reconhecida inaptidão para o casamento, determinada por lesão organica ou por qualquer outra causa pathologica. Em 1569, tinha D. Sebastião 15 annos, De Fourquevaulx descreve-o, em carta a Catharina de Médcis, como um doente, destinado a viver pouco tempo, soffrendo de determinada doença secreta, mas susceptivel de se casar e de ter filhos. *"Davanta-*

ge suis adverti — diz o embaixador no seu francez quinhentista — *que tous les médicins iugent, et les astrologues judiciaires, qu' il ne sera point long homme, et une partie des dicts médicins conseille qu' il le faut marier de bonne heure, afin de divertir certaine fluxion du cerveau qui lui descend sur l' estomac et rémedier á une secrete maladie qu' on appelle gonorrée, á laquelle il est subject; ceux doctteurs néantmoins disent qu' il est habile pour avoir enfants. L' autre bande dissuade et defend de le marier, car ce sera lui advancer sa fin; et tous, d' un sentiment, le condamnent á vivre peu d' années*". Em Hespanha, entretanto, corriam noticias péssimistas acêrca das aptidões matrimoniaes do soberano portuguez, a ponto de ter vindo a Lisboa o medico de Felipe II, doutor Almazan, para o tratar de qualquer lesão que o tornava — affirma Cabrera, II, 345 — "inhabil para la generacion". O legado apostolico Torrés, ao informar-se em Portugal dos possíveis motivos da recusa de D. Sebastião, ouviu falar — diz elle — "em certa operação cirurgica que haviam feito ao rei alguns annos antes" (S. Mamede, *D. Sebastien et Philippe II*, 61). Mas, ao que parece, nada d' isto era verdadeiro. O proprio De Fourquevaulx reconheceu que fôra mal informado quanto á saude do monarcha, e, dois annos depois, emendou a mão em car-

ta a Catharina de Médicis (8 de outubro de 1571) assegurando que o moço rei era bello, robusto, e que, apesar das suas tendencias misogynas, devia dar um excelente marido :"*Je ne veux Madame, faire faute de dire á Votre Magestré que je suis adverti que le mal qu'on a dit de la personne du roi de Portugal etait sans raison, car il est beau prince pour sa teille, sain et robuste autant que son âge requiert. Vray est qu' il ne s' affectionne point á aimer les femmes, dont il ne l'en faut moins estimer, car il s'en portera mieux, et sera meilleur mari toute sa vie*". (Gachard, *Chroniques belges inédites*, II, 348). E, por ultimo, o embaixador D. Juan da Silva, incumbido por Felipe II de "*examinar la sospecha de la inhabilidad del rey para tener hijos*", informa em carta o rei de Hespanha (março de 1576) de que D. Sebastião não parece possuir as lesões que lhe atribuem, nem ser portador de qualquer doença, embora "*muestre aborrecimiento á las mujeres*", "*aparte los ojos dellas*", e "*si una dama le dá la copa, busque como tomarla sin tocarle las manos*". Quer dizer : pode ter havido no joven principe um certo grau de frigidez, vulgar em certos nevropathas hereditarios e agravada por uma educação defeituosa ; mas não existia de facto carencia organica — como nos casos de Rodolpho II ou do cardeal Al-

berto — capaz de determinar a inhabilidade para o matrimonio.

A "forte razão" da recusa do monarcha portuguez estaria, antes, na incapacidade moral da mulher que a casa real de França lhe oferecia para o seu thalamo ? Quer-me parecer que sim. Margarida de Valois, inteligente, instruida, intelectualmente superior, sem duvida bella, era uma *demi-vierge* suspeita de todos os contactos galantes, e a fama da sua vida licenciosa começava a correr mundo. Precisamente no momento mais intenso das negociações, quando Pio V interveio junto do rei de Portugal (1570), occorria o escandalo de Margarida com o duque Henrique de Guise. Chegava-se a falar em ligações incestuosas com os irmãos Henrique (depois Henrique III) e Francisco de Alençon. O ruido destas aventuras não podia deixar de chegar á corte de Lisboa, severa, exigente e formalista em questões de moral ; e assim se explica a ida de D. João de Mascarenhas secretamente a Paris inquirir da vida da indigitada noiva de D. Sebastião *"et observer ses actions du plus prés qu' il pourra* — diz Fourquevaulx a Catharina de Médicis — *car ainsi le lui ont commandé le cardinal et les théatins"* (carta de 10 de março de 1570). As informações recebidas foram, decerto, de molde a alarmar os escrupulos duma côrte como

a portugueza, que vivia ainda no austero respeito das virtudes antigas. Quando Catharina de Médicis, dahi a dois annos, desistindo do casamento em Portugal, pensou em casar a filha com o duque de Béarn, a rainha de Navarra, Joanna d' Albret, encontrando-se no castello de Blois com Margarida, escrevia ao filho (março de 1572) : *"Madame Margueritte est belle et bien avisée, et de bonne grace, mais nourrie en la plus maudite et corrompue compagnie"*. Obra corrupta e brilhante duma sociedade tão brilhante e tão corrupta como ella, a princeza de Valois não convinha ao thalamo dum monarcha que, apesar de muito joven, collocava acima de tudo o culto da honra. A recusa de D. Sebastião, embora dificil de justificar diplomaticamente, explicava-se ; e os escrupulos que a motivaram esclarecem as palavras um pouco sybilinas dirigidas pelo moço rei (setembro de 1569) ao conselho de Estado reunido para se occupar do seu casamento : "pelo reino porei a vida muitas vezes, e pela honra e pela fé porei honra e vida e tudo ; pelo proveito do reino e meu não porei a honra do reino e a minha". A prova de que D. Sebastião não se recusava a casar, mas sim a casar-se com a leviana Margarida de Valois, é que, rôtas as negociações com a França, mandou propôr a Felipe II o seu enlace

com a filha mais velha do "Demonio do Meio-Dia", Isabel Clara Eugenia. A sua proposta, porém, não teve seguimento. Felipe II limitou-se a responder-lhe que depois da jornada de Africa conversariam sobre o caso. E, dessa ingloria jornada, D. Sebastião não voltou.

O destino das nações depende, ás vezes, de coisas minimas. Não andaremos longe da verdade atribuindo á leveza de cabeça da filha de Catharina de Médicis os sessenta annos dolorosos da dominação castelhana no nosso paiz. Se Margarida de Valois, em vez de ser a mulher inteligente e dissoluta que nos pinta Brantôme, tivesse sido, como tantas outras, uma princeza escrupulosamente virtuosa e exemplarmente insignificante, D. Sebastião ter-se-ia casado antes de passar á Africa, a continuidade dynastica encontrar-se-hia, segundo todas as probabilidades, assegurada pelo nascimento d'um filho, e não se ofereceria ensejo a Felipe II — como ha tempo alguém disse, n' um sugestivo artigo de El *Sol* — para "arrancar violentamente ao mapa da Ibéria a mascara importuna de Portugal".

A Mulher de D. João V

NO pequeno contador italiano onde guardo os verbetes respectivos ás figuras e factos que interessam á historia anecdotica do seculo XVIII em Portugal, encontrei extractos de alguns documentos inéditos respeitantes á mulher de D. João V, a feia princeza da estirpe de Habsburgo, devota, melómana, insignificante, de cuja hediondez o retrato de Batoni — no palacio da Ajuda — nos dá uma uma versão favorecida, e o retrato flamengo de Benjamin Blok, reproduzido na obra de Galippe, uma versão mais conforme á realidade. Os documentos inéditos cuja nota possuo encontram-se em alguns códices do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (*Colecção de S. Vicente*, Liv. 25, e códice n. 60 dos

Manuscritos), e em alguns códices da secção de manuscritos da Biblioteca Nacional (*F. A*, códice n. 512; jornaes manuscritos, códice n. 8066). Vou falar-lhes d'elles.

O espirituoso desembargador Cunha Brochado, que foi membro do conselho da Fazenda e, mais tarde, ministro de D. João V em Madrid e em Paris, escreveu para Londres, ao conde de Viana, uma série interessantissima de cartas, de que o livro 25 da *Coleção de S. Vicente* insere as copias, e onde se conteem minuciosas informações sobre a vida da côrte, em Lisboa. Algumas d'essas informações, quer sobre a pessoa da Rainha, quer sobre a vida que ella levava no Paço, podem considerar-se preciosas. Em carta de 27 de Outubro de 1708, Brochado descreve a figura de Mariana d'Austria: "A Rainha é mais que de ordinario parecer, com majestade e bastante soberania. Fala latim, italiano, francez e espanhol." O arguto magistrado não se atreve a dizer claramente para Londres que a rainha é feia, mas dil-o duma maneira indireta, noutra carta de 3 de Novembro, referindo-se ás damas que assistiam Mariana d' Austria no seu primeiro beija-mão: "umas bem parecidas, outras menos, principalmente as duas alemãs que, para fazer honra á Rainha, são de uma excelente fealdade". Não podendo louvar a beleza da filha de Leo-

poldo I, louva-lhe as qualidades de docilidade, de benignidade, de piedade religiosa : "Não tem (a rainha) aquela elevação austriaca, augusta e cezárea, que costuma dominar nas nas princezas da sua casa, antes parece docil e benigna, com um grande fundo de equidade e temor a Deus" (carta de 3 de Novembro) A côrte de Mariana d' Austria era, como vamos vêr, uma côrte de musicos, de cães e de frades. Rodeada de cantores, ella propria tocava espineta, e parece que a tocava bem : "houve um d'estes dias, no Paço — diz Brochado — um festejo verdadeiramente real ; porque tangeu cravo a Rainha e bailou a senhora Infante" (carta de 5 de Janeiro de 1709). Rodeada de frades, "a Rainha nossa senhora não faz outra coisa mais do que encomendar-se a Deus e acabar a sua novena" (carta de 16 de Março). "Vive no seu quarto — continua o subtil diplomata — conversando com as suas damas alemãs e brincando com os seus cães, sem fazer visita a El-Rei seu marido, e volta para a Allemanha, que é o mesmo que para o seu quarto" (carta de 27 de Junho). Ao relatar ao conde de Viana as impressões produzidas no seu espirito por um encontro que tivera com os reis, allude á suspeita da esterilidade de Mariana d'Austria, suspeita que começava já a preoccupar a côrte: "Um destes dias tive a honra de ver Sua Majestade El-

Rei, que Deus guarde, vestido de uma alegria inquietamente agradavel, e a Rainha de uma gravidade modestamente insensivel ; queira Deus que a Rainha cuspa para o chão, para que o Rei possa cuspir para o ar, e nos vejamos com nova successão" (carta de 23 de Fevereiro de 1709). N'outra carta (23 de Março), a proposito da falta de dinheiro no Paço e das crises de miséria que, por vezes, atravessou a côrte de D. João V, diz : "emfim, tenha El-Rei saude, e faça principes do sangue, e apareça a Rainha em cadeira ; porque ainda se não extinguiu a mina do Rio de Janeiro". Mariana d'Austria torna-se uma sombra ; ninguem dá por ella; "nem parece que ella veio da Allemanha", diz Brochado ; só se lembram de que a rainha existe, quando ella adoece, em Janeiro de 1710, com um ataque de grippe. "A Rainha Nossa Senhora continua na incommodidade da sua queixa da cabeça, e hontem se descobriu alguma febre ; queira Deus que se acordem os medicos, para que Sua Majestade se livre de uma fluxão que já é ingrata e porfiosa" (carta de Brochado, de 15 de Janeiro deste ano). Segundo D. Luiz da Camara, em carta a D. Luiz da Cunha (Torre do Tombo, *Mss.*, códice n. 60, carta de 27 de Janeiro de 1710) Mariana d'Austria sofria de um ataque rheumatismal, e era rebelde ao tratamen-

to: "A Rainha teve um rheumatismo que lhe dura ha mais de um mez, por se querer curar á moda da Allemanha; e não sendo nada a sua queixa, chegou a dar-nos cuidado". Pobre princesa estéril e feia, sabe Deus quanto lhe custaria entregar-se nas mãos dos médicos portuguezes do Paço!

Os documentos inéditos respectivos á mulher de D. João V e existentes na bibliotheca Nacional, tambem teem um certo interesse. Quanto ás qualidades da rainha, diz o autor da memoria manuscrita contida no códice 512 do *F. A.* de *Manuscritos*, fl. 116: "E' senhora de muita capacidade, e, ao parecer, mui docil e agradavel, ainda que não é formosa". E mais adiante, descrevendo o leito nupcial que Mariana d'Austria trouxe comsigo, ao embarcar na Hollanda: "Veio com a Rainha a cama em que se havia de deitar, a qual tinha El-Rei mandado fazer á Hollanda, e lhe custou setenta e cinco mil cruzados, tão rica e tão custosa, que sem se vêr a materia do leito apenas se conhece a da armação que o cobre, tecida e bordada de taes florões e relêvos de ouro gentilmente dispostos, que não cabe na explicação a sua preciosidade". Fôsse, ao menos, belo o leito, — já que o não era a mulher. Refere ainda este códice, com profunda admiração, o primeiro acto de Mariana d'Austria, ao entrar na côrte, acto

que não podia deixar de revolucionar o doirado gyneceu do Paço: "A Rainha fez levantar as caudas ás açafatas e moças de camara, para se não confundirem com as damas". E' natural que semelhante medida fosse sugerida pelas suas damas alemãs; mas podia dispensar-se, porque, a acreditar no que nos diz Brochado, a fealdade destas senhoras era absolutamente inconfundivel. Tambem os curiosos jornaes manuscritos do tempo — — o *Folheto de Lisboa* e o *Mercurio de Lisboa* — nos dão informações sobre Mariana d'Austria. Por elles sabemos (*Folheto de Lisboa*, de 6 de Janeiro de 1742) que a baixela de ouro do uso da Rainha foi roubada: "A 7 de Dezembro se passou ordem a todos os ourives para que estivessem de aviso, porque havia faltado á Rainha Nossa Senhora o seu serviço de ouro de mesa com todas as peças que lhe pertenciam, para o reterem e entregarem o ladrão". Elles nos dizem, tambem, que estava muito empenhada a casa da rainha, o que podia perfeitamente justificar o desaparecimento da baixela: "A casa da Rainha D. Mariana d' Austria estava empenhada. O Rei, ao partir para as Caldas a primeira vez, doente, deu lhe uma ajuda de custo grande e prometteu desempenhal-a em recolhendo á côrte" (*Folheto de Lisboa*, de 14 de Julho de 1742). Elles nos mostram a rainha, no seu

estufim doirado, em meio do povo da cidade, quando, no dia do Patriarca, visitou a egreja de S. Domingos : "no caminho, rodeada de regateiras, a Rainha mandou parar o côche e as ouviu, e lhes falou sobre a queixa que lhe fizeram das vexações da Almotaçaria". Trez linhas apenas dum jornal manuscrito do seculo XVIII : entretanto, que maravilhosa aguarela, e como estas trez linhas bastam para pintar os costumes do tempo !

Eis as notas inéditas que, acêrca de Mariana d' Austria, guardo nos meus verbetes. Teem apenas, bem sei, um limitado valor anecdotico ; mas a anecdota é a consagração da historia — já o disse um belo espirito da França contemporanea —, e é precisamente ella que melhor caracteriza uma figura e que melhor define uma época.

O Jubileu dos Olhos Pretos

O centenario do Romantismo veio chamar de novo a attenção para as grandes figuras literarias da primeira metade do século passado. E como, alem disso, está na moda o estudo das paixões e dos desvarios amorosos dos literatos e dos artistas — especialmente os da *jeunesse dorée et adorée* de 1820 a 1850 — eu desejo concorrer tambem, com o meu subsidio, para a historia galante dos romanticos neo-latinos, falando-lhes da vida amorosa do poeta portuguez Garrett e da sua predilecção por um determinado typo de mulher : a mulher alta, pallida, fléxivel, fina, de olhos pretos e de cabelos pretos. Dizem que eu, nos meus livros, tenho prestado um excessivo culto ás loiras. Parece-me que as circunstancias me

proporcionam agora um excelente ensejo para, ao falar dos amores de Garrett com a amavel indiscreção com que hoje se profanam os tumulos, fazer as pazes com todos os olhos pretos que conheço.

O Visconde de Almeida Garrett foi a mais illustre e a mais representativa figura do Romantismo portuguez, e talvez, pela beleza, pela vastidão, pela universalidade da sua obra, a maior da literatura portugueza, depois de Camões. Além das letras, teve duas perigosas paixões na vida : a politica e as mulheres. O seu generoso coração consumiu-se e ardeu nessas duas labaredas. Por isso elle disse um dia, e creio que teria sido cincero: "sempre tive mais coração do que cabeça". Liberal de principios e de convicções, conspirou, bateu-se, foi perseguido, devorou o pão do exilio — um pão agradavel, porque esteve exilado na Inglaterra, onde namorou algumas inglezas bonitas —, e, restituido á patria, foi diplomata, deputado, par-do-reino e ministro dos Negocios Estrangeiros, pondo sempre, fielmente, o seu valimento politico ao serviço das letras que tanto amou. Homem do mundo, um dos grandes elegantes do seu tempo — não a elegancia feminina, impertinente e gelada de Brummell ; não a elegancia nervosa e extravagante de Barbey d' Aurevilly ; mas a elegancia sóbria e viril de um

belo atheniense do século de Alcibiades que vestisse a casaca verde-bronze do autor de *Raphael* — viveu nos brilhantes salões da Lisboa romantica, passeou sobre tapetes de flores a gloria do seu chinó olympico, e cada vez mais adorado pelas mulheres, cada vez — *et pour cause* — mais detestado pelos homens, foi, pouco a pouco, transformando em beleza, nos seus poemas e nos seus romances, as aventuras amorosas em que — pobre delle! — ia envenenando o espirito e queimando o coração.

Quem eram as mulheres que o ilustre Garrett amou? Como apparecem ellas na sua obra? Será possivel, através dos typos de mulher por elle adorados e cantados, fixar o ideal romantico da beleza feminina em Portugal? E' o que eu vou tentar fazer agora. Estes assumptos não são tão futeis como parecem á primeira vista. Se o fossem, ter-se-ia o sr. Barthou occupado, com tão escandalosa discreção, dos amores de Lamartine? Teria o sr. Herriot discutido, com tão delicada irreverencia, os triumphos de Chateaubriand sobre a virginal Madame de Récamier? Teriam, ainda ha pouco tempo, tantos olhos, na exposição das reliquias romanticas organizada em Paris por Mr. Raymond Escholier, chorado lagrimas de piedosa commoção diante

do crucifixo de Elvira ou do pobre chale napolitano de Graziella ?

Garrett foi, como Musset, um amoroso precoce. Não teve o seu primeiro amor aos quatro annos, como o poeta da *Nuit d'Octobre*, que se apaixonou na edade em que o representa o encantador retrato de Van Bree ; mas teve-o aos doze ou treze. Foi uma das suas primeiras namoradas, Isabel Hewson, menina de uma familia ingleza de Angra (Ilha Terceira), quem o levou a desistir de fazer os estudos theologicos. Não sei de que côr ella teria os olhos — naturalmente azues —; sei apenas que o joven Garrett deveu a esses olhos o não ser padre. Quando, aos dezeseis annos, veio para o continente estudar leis em Coimbra, apaixonou-se por uma prima, a celebre Joanninha, que vivia na quinta de S. Miguel de Aves, perto de Vila do Conde, e que elle immortalizou na "menina dos rouxinoes" das *Viagens na minha terra*, deliciosa série de aguarellas que são as suas *Confessions d'un enfant du siécle*. Joanninha não era muito bonita ; mas — elle o diz — era "o typo da gentileza, o ideal da espiritualidade" : flexivel, graciosa, a cabeça pequena, o nariz levemente aquilino, os cabelos castanhos, quasi pretos, sob o ligeiro chapeu Breton de sêda azul, uma pelle branca, "não do branco im-

portuno das louras nem do branco marmoreo das ruivas, mas da modesta alvura da cêra que se ilumina de um pallido reflexo de rosa", as sobrancelhas pretas em curva delicada, as pestanas pretas, e — contraste admiravel! — uns maravilhosos olhos verdes, "puros como esmeraldas", que o interessaram pela singularidade e que chegaram a perturbal-o. Mas os olhos verdes não eram o seu forte, como já não tinham sido o de Camões; e o moço Garrett, voluvel, voltou-se para uma amiga de Joanninha, a Thomazia, belissimos olhos pretos que moravam para as bandas da Foz, que o poeta ia ver todos os dias a cavalo, que lhe custaram uma queda grave da égua que montava, e que afinal lhe fugiram para se venderem — olhos interesseiros! — a um mercador rico do Porto. Magoado por este primeiro desgosto de coração, voltou á ilha Terceira, de visita aos paes, e, como Musset, que tambem teve a sua Soeur Marcelline, namorou-se ahi de uma freira — a Soledade — "joven ardente e apaixonada", cujos olhos eram negros como a noite. Foi — como diria Maurice Donnay —"um *flirt* edificante sobre o cathecismo". Novamente de regresso a Lisboa, viu num camarote de um teatro Luiza Candida Midosi — que havia de ser uma das suas mulheres fataes — menina de boa familia, loura, "olhos de um azul limpi-

do como céo sem nuvens", "delicado seio de neve", que elle cantou sob o cryptonimo de Délia, graciosa figurinha de Eugenio Lami, vestida de musselina côr-de-rosa e pérolas, em cuja face (unica nota que a desfeiava) havia um desagradavel nevo materno. Ella tinha 16 annos; elle, 23. Julgaram amar-se (nesta edade é tão facil a illusão!) e casaram. Estava encerrado o primeiro periodo da vida amorosa do poeta.

Pouco depois, as vicissitudes da politica obrigaram-no a emigrar para Inglaterra. Na vivenda de Norwick, onde esteve, primeiro sósinho, depois com a mulher, conheceu trez raparigas, filhas talvez de Augusto Hardley, em cuja casa Garrett se hospedou, ou pertencentes á familia Robinson, a acreditar numa nota encontrada entre os papeis do poeta: *miss* Laura, *miss* Julia e *miss* Rosa. "Não ha mais doce nem mais suave entretenimento — diz elle — do que flirtar com uma elegante e graciosa menina ingleza; com duas é prazer angélico; e com trez é divino". Segundo parece, Garrett flirtou "divinamente" com as tres *misses* ao mesmo tempo — o seu coração era vasto como um grande hotel — e, em clarões de génio, immortalizou as trez graças de Warwick nas *Viagens na minha terra*. Os trez retratos são maravilhosas miniaturas. A primeira, Laura, era fascinante: alta, ondu-

lante sem ser magra, "cabeça pequena, modelada no mais puro da estatuaria antiga", cabelos castanhos "resplandecendo por vezes em reflexos dourados", olhos "de uma côr de avelã, diaphanos, puros, avelludados, grandes, vivos", rosto oval, pallido, cintura breve, bôca breve, e um pé que, não podendo tambem ser breve, se apresentava — diz Garrett — "proporcionado como o da Vénus de Médicis". A segunda, Julia, era pequena, graciosa, infantil no rosto, na figura, na expressão : "olhos de azul celeste, sempre humidos e sempre doces", cabelos castanhos claros, finos como sêda, uma "bôca de beijar" (como se o não fossem todas as bôcas bonitas !) e, quanto a pé, "nenhuma ingleza, desde o tempo da rainha Bess, os teve mais delicados", o que de modo algum significa que ainda não fossem grandes. A terceira, Rosa (que nas *Viagens* aparece chrismada em Georgina e que, a acreditar no poeta, morreu abadessa num convento da Inglaterra) era francamente loura, fria, olhos azues languidos, rosto de beleza classica, sem grande mobilidade de expressão, mas belo, belo, belo quanto pode ser belo um rosto em que a alma pouco se reflecte". Se juntarmos a estas trez mulheres uma "Bauhia" ignorada, que ele conheceu talvez em Bruxellas quando ali esteve encarregado de negocios de Portugal, e uma

"Lady Pag...", mysteriosa tembem, com quem manteve relações no seu regresso a Londres, temos completo o quadro das aventuras amorosas do poeta no estrangeiro. E a mulher ? Luiza Candida, durante os ultimos tempos da vida diplomatica do marido na Belgica, não soube respeitar a dignidade da sua situação e do seu nome. Succedeu a Garrett o que já succedera a Hugo. Mas, desta vez, quem se atravessou na vida do poeta não foi um Sainte-Beuve ; foi — misérias do coração humano ! — um conductor de omnibus, com quem Luiza, já viuva, veio mais tarde a casar-se em Paris.

O terceiro periodo amoroso da vida do poeta é o mais ardente e o mais agitado : o que vae dos quarenta aos cincoenta annos. "Ha trez espécies de mulheres neste mundo — disse Garrett — : a mulher que se admira, a mulher que se deseja, e a mulher que se ama". Nas duas primeiras phases da sua vida, o poeta admirou e desejou ; na terceira, amou. Adelaide Deville tinha 18 annos quando o poeta conheceu os seus lindos olhos negros, no dia do corpo de Deus, numa casa onde se encontravam ambos a vêr passar a procissão. Sabendo que elle não podia desposal-a porque era casado, Adelaide entregou-lhe confiadamente os thesouros virginaes do seu corpo e da sua alma, num doce

sorriso de resignação, pedindo-lhe apenas, em troca, que a amasse. Quatro annos depois, a encantadora rapariga — que atravessara, como um raio de sol, a vida do poeta — morria, deixando-lhe uma filha recemnascida. Entre um berço e um tumulo, Garrett, que já passara os quarenta anos, chorou, com amargas lagrimas, o seu lar desfeito; mas consolou-se depressa, e ancioso de viver, de gosar, de admirar a comedia brilhante da vida, voltou ao mundo e, coroado de rosas como Anachreonte, bebeu pela taça de ouro de todos os prazeres. "N'este segundo baixo-imperio — diz o seu biografo Amorim — muitas mulheres casadas o requestaram á porfia". Com efeito, sem contar aventuras passageiras, como a da bailarina Valdini, da Opera de São Carlos, que elle ia todos os dias vêr ao Alfeite, atravessando o rio esplendidamente azul — o seu *"embarquement pour Cythere"*; não contando pequenas anecdotas sentimentaes e simples amores de parada, em que não vale a pena falar, — duas mulheres, ambas casadas, ambas belas e espirituosas, ambas dotadas de olhos negros diabolicos, ambas — nos seus "trinta anos" de Balzac — surprehendentes incarnações da propria volupia, encheram os ultimos annos da vida de Garrett: Maria Kruz e a Viscondessa da Luz. A primeira — cujos salões representaram, na politica de 1850,

um papel brilhante — foi sobretudo para ele uma grande amiga ; a segunda foi a sua "mulher fatal". Retrata-as, ás duas, no romance *O Arco de Sant' Anna :* uma, na Gertrudes ; outra, na Esther. Maria Kruz, cabelos pretos em bandós, cabeça levemente inclinada sobre o hombro, era "alva, fina, e tinha uns belos olhos tristemente negros e longos como uma noite de inverno" ; a Viscondessa apparece-nos com o typo das mulheres dramaticas e tenebrosas do Romantismo, revelado em certas litographias de Déveria : "beleza toda judaica, toda arabe, figura alta e esbelta, formas severas, rosto oval, olhos negros faiscantes, testa breve mas bem desenhada, sobrolhos um pouco juntos, cabelo preto e fino, duma fartura surprehendente". Foi por esta que o "divino" Garrett — como lhe chamaram no tempo — chorou as suas ultimas lagrimas de paixão e de ciume. Foi ella a musa inspiradora dos seus ultimos versos. Foi ella o ultimo céu e o ultimo inferno da sua vida. E tão docemente a "amizade amorosa" de Maria Kruz o consolava, nas crises de dolorosa paixão pela outra, que, quando emfim o poeta succumbiu (talvez, como Millevoye, á gloria de ter amado demais) alguem disse, no cemitério, maliciosamente, junto do seu cadaver :

— Morreu entre a cruz e a luz...

Os retratos, embora fugitivos, destas mulheres, deixam-nos a impressão de que o illustre Garrett era, em materia de beleza feminina, um ecclético. Ha, nestes quatorze medalhões, formosuras de todos os typos, olhos de todas as côres, cabelos de todos os tons, o que prova que o poeta, natureza impressionavel, sensual exaltado, artista voluptuoso, não amou apenas este ou aquele genero de mulheres, mas, duma maneira geral, a Mulher. Entretanto, é evidente que teve as suas preferencias ; e isto deprehende-se, mais de certos trechos da sua obra literaria, do que, propriamente, da escolha das mulheres que passaram na sua existencia e viveram no seu coração. As razões que nos impellem para uma mulher — toda a gente o sabe — não são apenas as razões de ordem esthética, ás vezes justamente as menos poderosas ; mas os acasos sentimentaes, as afinidades electivas, as fortes determinantes de ordem moral e intelectual. Garrett podia ter amado, desejado ou admirado algumas mulheres de cabelos louros e de olhos claros — e, de facto, assim succedeu — ; mas o seu typo preferido tinha os olhos e os cabelos pretos. Elle mesmo o confessa. Num jornal — *O Toucador* — que publicou aos 23 anos, precisamente quando ia casar-se com uma rapariga loura, typo da beleza diaphana de Ary Scheffer,

dil-o, com manifesta inoportunidade, mas com perfeita franqueza : "Os cabelos pretos ficam declarados superiores pelas razões alegadas e provadas ; e, quando acompanharem olhos da mesma côr, são obrigados todos os corações da superficie da terra a prestar-lhes homenagem". No *Retrato de Venus* faz, de novo, o elogio dos olhos e dos cabelos escuros : "Se é mau gôsto — diz ele — confesso que o tenho". Succedem-se, nos seus versos, as allusões aos "olhos côr da noite" aos "olhos de negra côr", e uma das suas poesias intitula-se *Olhos negros*. Mesmo quando canta os olhos verdes da Joanninha, em trez paginas que são o "Cantico dos Canticos" da beleza romantica, não deixa de accentuar, fielmente, a sua predilecção pelos olhos nocturnos, profundos e tristes : "Eu professo na religião dos olhos pretos, nela nasci e nela espero morrer". O culto das belezas fortemente pigmentadas, dos olhos negros, foi vulgar nos grandes romanticos. Lamartine cantou os olhos negros de Madame Charles ; Hugo a "cabeça real de Adéle, trigueira, orgulhosa, coberta de magnificos cabelos negros" ; Musset, adorador dos seios de bronze, das ancas nervosas e dos olhos hespanhoes, exclama, a cada momento, nos seus versos : "*mon africaine* !" "*ma perle d' Andalousie* !" ; Théophile Gautier considerava a suprema beleza os "jogos de branco

e de preto dos olhos das sevilhanas" ; e Baudelaire foi tão longe no seu amor pelo negro, que (tal qual como nós outros, europeus da edade do *black bottom*) amou a negra e sensualissima Jeanne Duval, espécie de Josephina Backer do Romantismo, exaltando-lhe, até ao ao delirio, os olhos "negros e polidos, feitos de mineraes offuscantes".

Mas não se julgue que a mulher preferida de Garrett, por ter os olhos e os cabelos pretos, é morena. De modo nenhum ! O poeta não gostava das carnações macias, trigueiro-dourado, ás vezes tão belas nas portuguezas e nas brazileiras ; "não sou forte em morenas — dizia ele — ; professo a regra de que, homem negro, mulher branca" ; a sua belleza classica era duma brancura ideal, não a brancura irritante das louras, nem a brancura marmorea das ruivas, mas aquela alvura de "prata fina", de "rosa pallida que o amor desbotou", aquele "branco de cera e de perola", espiritual sem ser ethéreo, fatigado sem ser morbido, unico que podia realisar, associado ao negro dos olhos e dos cabelos, o ideal romantico de *"l'ébene enchassé dans l'ivoire"*, cantado por Musset na *Soirée Perdue*. Se esse corpo branco fôr "gracioso, flexivel, airoso, fino, dobradiço como uma vergontea de primavera" ; se a cabeça for pequena como a das deusas gregas ; se a bôca for vermelha,

bem recortada, mais desdenhosa que sorridente, — a bôca languida e triste das heroinas de Byron ; se toda ella respirar "essa fraqueza que é a maior força do seu sexo", esse mysterio que é o maior encanto da sua fragilidade, — ahi temos Eva garretiana, amorosa e perfeita, a mulher "funestamente bela" como a concebeu, em Portugal, a alma ardente do Romantismo. A Viscondessa da Luz — serpente branca de olhos negros — — póde considerar-se, na existencia de Garrett, a mais perturbadora incarnação desse ideal. Por isso ella foi, tambem, a unica mulher que o poeta verdadeiramente amou : a fonte do seu génio, a vida da sua vida, e, talvez, a razão da sua morte.

F I M

Indice.

TANAGRAS MODERNAS :

As idéas de miss Flora 11
Madame Mephistopheles 17
A mulher e o theatro grego 25
A grande velocidade. 33
Eva e o Papa 41
O direito de não casar 51
Uma valsa de Strauss 59
Academias femininas. 67
O meu amigo Belchior 75
Rubens e Botticelli 83

O voto de Eva 89
O delirio da nudez 97

GALERIA DE RETRATOS :

O quarto da Rainha. 107
Bertha Singermann 115
Mistress Pankurst 123
Lucinda Simões 131

Rosalina Coelho Lisboa 139
Ruth Elder 145

PINTURAS ANTIGAS :

As Cartas de amor em Portugal 155
As Virgens primitivas 171
Ignez Negra 183
A alcaidessa de Monsão 193
As filhas do Demonio 203
As noivas de D. Sebastião 215
A mulher de D. João V 227
O jubileu dos olhos pretos . (Garrett) . (1867) 235

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00051164069